

# REVISTA

## DA SEMANA

N. 10 10-3-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

## A REBELIÃO DO MAJOR VELOSO

SENSACIONAL A PROCLAMAÇÃO DA RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS







SENHORITA MARIA HELENA DE SOUZA LAPA REPRESENTANTE DO ORFEÃO PORTUGAL, SERÁ COROADA SÁBADO DE ALELUIA, EM IMPONENTE BAILE DE GALA, NO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS ★ QUATRO PRINCESAS ★ UMA COMISSÃO JULGADORA RIGOROSA E UM EXAME MUITO SÉRIO! ★ LARGA REPERCUSSÃO NA IMPRENSA, NO RÁDIO E NA TELEVISÃO

Fotos de V. VASCONCELOS

**Q**UANDO o presidente da ABI proclamou eleita Rainha das Associações Portuguesas a srta. Maria Helena de Souza Lapa, prolongada salva de palmas seguida de aclamações vibrantes ecoaram pela grande sala da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria. Era a noite de 18 de fevereiro, quando se conhecia o resultado do importante certame promovido pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de Portugal» e Rádio Globo, pelo programa «Revista de Portugal», de Celestino Silveira. Acabava de fazer-se o desfile das doze candidatas, e terminava também o exame ao qual a comissão julgadora, composta de nove ilustres figuras luso-brasileiras, submetera cada candidata. O público que acompanhava a solenidade desde as vinte e duas horas, com o maior interesse, ainda aguardou o pôrto d'honra oferecido pela diretoria daquela instituição, e passava da uma da madrugada de domingo quando começou a retirar-se.

Estava coroado do maior êxito o empreendimento ao qual se associava esta revista. Não foi a eleição da Rainha, um certame movido por qualquer objetivo comercial, mas com o fim mais alto de mandar a Portugal uma legítima representante da família luso-brasileira. De fato, a srta. Maria Helena, embora nascida em terra portuguesa, tem avó brasileira. Reside aqui no Rio, filha de modesta família e desempenha funções de escritório em um estabelecimento bancário da nossa capital.

Apraz-nos registrar que o encerramento da nossa grande prova assumiu proporções de um

A representante do Orfeão Portugal, srta. Maria Helena de Souza Lapa, quando recebia as aclamações do público e da comissão julgadora, logo após a proclamação de Rainha das Associações Portuguesas.

**ELEITA A**

**RAINHA DAS  
ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS**





Senhorita Lúcia Fernandes da Costa, representante da União Portuguesa  
Oliveira Salazar, aclamada 1ª Princesa.

Senhorita Santa Maria Leça, representante do Centro Alcobrense e Re-  
gião de Lisboa, proclamada 3ª Princesa.



Senhorita Maria Conceição, representante da União Portuguesa  
Lima de Oliveira, proclamada 2ª Princesa.

Senhorita Nilda Madalena, representante do Centro Alcobrense e Re-  
gião de Lisboa, proclamada 4ª Princesa.





# RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS

legítimo acontecimento social, interessando a quase toda a imprensa falada e escrita. Também cinegrafistas e operadores de TV compareceram àquela memorável noite, para recolher material informativo que, sem demora, era dado a conhecer ao público. Telegramas foram transmitidos pela ANI, para Lisboa, com o resultado do concurso, e, disse-nos a Rainha uma semana mais tarde, quarenta e oito horas após a proclamação, ela recebia notícias de seus parentes, que residem no Pôrto e em Pedras Salgadas, congratulando-se com a vitória e aguardando desde logo, com a mais natural curiosidade, a anunciada viagem.

## OUTRAS RAINHAS VIRÃO

Em face do êxito alcançado por esta primeira realização do concurso, seus promotores deliberaram que ele se repetirá no ano vindouro e, conseqüentemente, nos seguintes. A eleição anual da Rainha das Associações Portuguesas passará a ser um elo, a mais, para estreitar as relações entre os dois países. E se este ano o sorte quis que uma jovem portuguesa fôsse a contemplada, é de esperar que outro tanto aconteça, de futuro, com uma brasileira descendente de portugueses, pois as bases do certame permitem que portuguesas ou brasileiras filhas

de portugueses, sejam candidatas àquele honroso título.

Aqui deixamos os nossos agradecimentos a todas entidades que colaboraram com a REVISTA DA SEMANA, para a conclusão, tão bem sucedida, da nossa tarefa. E vamos, agora, esperar a coroação e conseqüentemente o embarque da Rainha.

## MURARO ABRILHANTOU A FESTA

Enquanto a numerosa assistência da Casa da Vila da Feira aguardava o desfile das candidatas, Muraro, o festejado artista e mago do piano, deu entrada no salão e, ocupando o piano, executou com a sua proverbial maestria, o «arranjo» famoso de «Ai Mouraria», que tantos aplausos lhe proporcionou quando da sua visita a Portugal.

## AS DOZE CANDIDATAS

O desfile das candidatas fêz-se pela seguinte ordem (alfabética): Diva Freitas (Banda Lusitana); Lúcia Fernandes Costa (União Portuguesa Oliveira Salazar); Maria Bastos de Menezes (Casa das Beiras); Maria da Conceição Queiroz (Centro Trasmontano de São Paulo); Maria Helena de Souza Lapa (Orleão Portu-

A comissão julgadora, a partir da esquerda: Joraci Camargo, sra. Marinha Marques, Manoel Barcelos, sra. Margarida Lopes de Almeida, Herbert Moses, sra. Ester Leão, Luís Iglésias, Leonardo Jorge e Antônio Pedro Rodrigues.



Maria Helena de Souza Lapa  
(Orleão Portugal)



Maria Bastos de Menezes  
(Casa das Beiras)



Nelza Fátima d'Almeida  
(Casa dos Açores)







Laila Fernandes da Costa - P. PRINCEZA  
(União Portuguesa Oliveira Salazar)



Maria da Conceição  
(Casa da Madeira)



Rosa Freitas  
(Casa da Madeira)



Maria Joaquina Ramos  
(Casa da Madeira — Santos, São Paulo)



Maria Pedreira  
(Casa do Minho)



Maria da Costa  
(Casa da Madeira)





Em sessão, na noite de abertura da Casa, o sr. Herbert Moses (ladeado por Margarida Lopes de Almeida e Ester Leão) procede à leitura do nome das vencedoras.



Na grande noite de abertura da Casa, a Rainha das Associações Portuguesas, Maria Helena de Souza Lapa, transmite ao microfone suas primeiras impressões, entrevistada por Celestino Silveira.



A senhora Margarida Lopes de Almeida e os senhores Herbert Moses e Manoel Barcelos consultando uma candidata. Ao fundo, de costas, a senhora Ester Leão procede ao exame de outra elegante candidata.

## RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES



Finalmente proclamada Rainha, a srta. Maria Helena de Souza Lapa, sob forte emoção, transmite ao microfone suas primeiras impressões, entrevistada por Celestino Silveira.

gal); Maria Joaquina Ramos (Casa da Madeira, de Santos); Maria de Lourdes Rodrigues (Casa do Porto); Nelza de Fátima de Ávila (Casa dos Açores); Neide Marlene Portela da Silva (Casa da Vila da Feira); Nilza Pedreira (Casa do Milho) e Sônia Maria Leça (Centro Alcofrense e da Região de Lafões).

### O RESULTADO

Rainha das Associações Portuguesas — Maria Helena de Souza Lapa — representante do Orfeão Portugal — 19 anos, portuguesa, de Pedras Salgadas, Trás-os-Montes. Nasceu a 28-4-1936. Bancária. Está no Brasil há 3 anos.

1ª Princesa — Luísa Fernandes da Costa (União Portuguesa Oliveira Salazar).

2ª Princesa — Maria da Conceição Queiroz (Centro Trasmontano de São Paulo).

3ª Princesa — Sônia Maria Leça — (Centro Alcofrense e Região de Lafões).

4ª Princesa — Neide Marlene Portela da Silva (Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria).

### O JÚRI

Herbert Moses, Margarida Lopes de Almeida, Joraci Camargo, Manuel Barcelos, Ester Leão, Luís Iglésias, Marinha Marques, Leonardo Jorge e Antônio Pedro Martins.

### A COROAÇÃO

Será realizada no dia 31 de março (sábado de Aleluia, às 22 horas, no salão de honra do Clube Ginástico Português. Após a solenidade, haverá baile de gala.

### O EMBARQUE

Pretende a Rainha, fazer acompanhar-se de sua genitora, na viagem que lhe proporcionarão os promotores do concurso. Essa viagem terá lugar em abril ou maio, depois das festas da coroação. Em Lisboa, permanecerá no luxuoso Hotel Tivoli (Av. da Liberdade), que pôs à disposição da Rainha e acompanhante, um apartamento por trinta dias. Em Lisboa, entre outras homenagens que lhe serão dispensadas, inclui uma excursão a Trás-os-Montes, a convite da Casa de Trás-os-Montes da capital portuguesa, que tem a presidi-la, um grande amigo do Brasil, o prof. João Almendra.



REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira

ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolívar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lobo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

### SUMARIO

#### REPORTAGENS

|                                    |       |
|------------------------------------|-------|
| Rainha das Associações Portuguesas | 2/6   |
| A Rebelião do Major                | 8/10  |
|                                    | 55/58 |
| Baile Infantil do Tijuca           | 22/23 |
| Gaviões e Caiapós em Pé de Guerra  | 24/27 |
| Baile Infantil do Quitandinha      | 28/29 |
| Baile Infantil do Municipal        | 32/35 |
| Baile Infantil do Clube Municipal  | 42    |
| Baile Infantil do América          | 43    |
| Baile Infantil do Jockey Club      | 44/45 |
| Baile Infantil do Ginástico        | 46/47 |

#### SEÇÕES

|                                |       |
|--------------------------------|-------|
| Literatura                     | 11    |
| Puxe pelo Cérebro              | 12    |
| Semana em Revista              | 14/15 |
| Por esse mundo de Deus         | 18/19 |
| Astrologia                     | 20    |
| Pelas Esquinas da Noite        | 21    |
| Artes                          | 23    |
| Femininas                      | 36/37 |
| Palavras Cruzadas              | 38    |
| IV na Revista                  | 53    |
| Revista há 50 Anos             | 54    |
| Último Flash                   | 58    |
| Figura em foco (Macedo Soares) | 59    |

#### HUMORISMO

|         |       |
|---------|-------|
| Fortuna | 62/63 |
|---------|-------|

#### LITERATURA

|                                  |       |
|----------------------------------|-------|
| Poder de Imaginação (A. Nery)    | 7     |
| Um Homem a Quem Deus Devia       | 30/31 |
| A Lenda de S. João de Vespignano | 60/61 |

#### VARIEDADES

|                                       |       |
|---------------------------------------|-------|
| Elizabeth da Áustria                  | 16/17 |
| A Fúria dos Justos                    | 40/41 |
| Rússia Soviética: Inferno ou Paraíso? | 50/51 |

#### CAPA

Maria Helena de Souza Lapa, eleita Rainha das Associações Portuguesas. (Foto Vito Vasconcelos)

Este número consta de 64 páginas.



Desenho de GOMEZ

## PODER DE IMAGINAÇÃO

**C**ERTAS coisas neste país devem ser tomadas como sátira ou como sinal de imaginação doentia. Há um samba que diz: «Copacabana, a princesinha do mar». Diante da sujeira alarmante daquela praia apenas podemos exclamar: Que princesa imunda e fétida! — Antigamente fazia gosto um pisar de pés descalços na fina e branca areia de Copacabana. Um cheiro de mar bravio e incontido envolvia o banhista extasiado diante do espetáculo gostoso e deslumbrante. Hoje, quem quiser enfiar um prego na sola dos pés, quem quiser sentir os piores e mais repugnantes odores, quem quiser caminhar sobre lixo, detritos e porcarias que vá pisar aquelas areias empapadas de material dos esgotos. Não há reclamações, não há grita da imprensa que acorde as autoridades municipais às suas obrigações de manter a higiene, assegurando assim a saúde da população. Mas o samba continua como sátira ou como força de imaginação a confirmar que Copacabana é a princesinha do mar.

No mesmo plano, o SAPS paga espaço nos jornais para difundir os seus conselhos estranhos: «alimento vitalizador como o ovo tem a capacidade de equilibrar, apressar e criar condições para um melhor desenvolvimento físico. Os ovos como as carnes frescas, frutas e legumes, podem ser classificados como alimento de primeira ordem na saúde e crescimento perfeito das crianças. Comam ovos em quantidade». Por acaso o SAPS tem conhecimento da existência da COFAP? Ou ele anda mangando do povo ou imagina que vivemos na fartura do princípio do século XX e sendo

assim temos de admitir que os seus conselheiros vivem na lua e essas comunicações nos chegam de forma artesiana. Diz o SAPS que devemos tomar muito e muito leite fresco. Que é um alimento insubstituível para o fortalecimento dos dentes e dos ossos. Exige mesmo que uma boa mãe faça seu filho engulir diariamente, no mínimo, 500 gramas desse alimento imprescindível à dentição. Mas soberão os seus admiráveis sábios e conselheiros que no Rio não existe leite e o que chamam de leite é veículo de enfermidades intestinais das mais graves?

Enfim, continuamos a louvar as belezas da praia imunda de Copacabana como se fosse ela a mais deslumbrante princesinha do mar e procuramos, olhando para uma fotografia colorida de ovos, frutas, carnes frescas e legumes vicejantes, seguir por sugestão, as ordens magníficas do SAPS. Se tem ele imaginação para aconselhar coisas abstratas, por que nós também não teremos para com esse método, usufruirmos proveitos para o corpo sob o delírio de uma alimentação sadia que contém toda a espécie de proteínas, ferro, cálcio, gorduras e etc.? Tenhamos em casa uma boa fotografia desses alimentos e espere-mos os resultados. Quanto à Copacabana, façamos abstração da sujeira e imaginemos que estamos nas areias cheirosas do Havaí!

ADALGISA NERY



# A REBELIÃO DO MAJOR

"VAI SER UM "GRANDE CARNAVAL" O MEU..." ★ A FUGA DOS AFONSOS ★ COMO FOI "TOMADA" A CIDADE DE SANTARÉM ★ BOATOS E VIDA MANSA ★ VELOSO MANDOU CHAMAR O DELEGADO AO AEROPORTO PARA LHE DAR INSTRUÇÕES ★ PAULO VICTOR E LAMEIRÃO ★ REGRESSO A JACARÉ-ACANGA E PLANO DE RESISTÊNCIA

Texto de W. GUARNIERI

(Fotos Meridional e cedidas pela família Veloso)

● A "Rebelião do Major" — o acontecimento político-militar de maior significação nesse início do governo Juscelino, fazia parte de um plano traçado durante os agitados dias que antecederam o 24 de agosto de 1954.

Ao se comentar favorável o controle do exército por parte do então ministro da Guerra de Vargas, já o major Veloso, que participara ativamente da busca aos responsáveis pela morte do major Vaz, seu íntimo amigo e padrinho de casamento, esboçara o plano em linhas gerais. Com o suicídio do presidente e a reviravolta da situação política os ânimos serenaram, o grupo mais atuante da oficialidade jovem da Aeronáutica — da qual fazia parte o major Veloso — só posteriormente ao 3 de outubro voltou a cogitar do assunto, e agora com muito mais objetividade, face aos acontecimentos de 11 e 21 de novembro. Ao que tudo indica — a fuga dos 2 oficiais (apresentada pelo governo como um "episódio isolado de indisciplina") pelo menos nessa primeira fase não conseguiu o seu primordial objetivo, que era o de agir como elemento catalizador, visando a conquistar a solidariedade de outros grupos para um movimento de maior profundidade.

Esses são os comentários mais equilibrados, numa análise dos acontecimentos relacionados com a fuga de Veloso e recolhidos numa média de opiniões entre os setores da oposição política e nos círculos militares da capital da República.

● PRESO, AFINAL — Ao escrevermos estas linhas, já um primeiro choque armado verificou-se nas margens do rio Tapajós, com a morte de um caboclo-mateiro (Cazuza), lugar-tenente de Veloso e que cobria a fuga do major numa lancha da Fundação Brasil Central. Estabelecido o cerco da região, não foi possível a Veloso escapar como pretendia, sendo forçado a aportar à ilha de Paramirim (fronteira à Itaituba), onde foi capturado por uma patrulha da FAB, às 11.30 horas do dia 29 de fevereiro.

● DERRADEIRA MENSAGEM DE VELOSO — Às 21 horas, já em Santarém, para onde foi conduzido, Veloso se dispôs a transmitir sua última mensagem aos companheiros ainda foragidos: "Infelizmente fui aprisionado quando tentava regressar a Jacaré-Acanga, nada mais posso fazer além de deixar você (Paulo Victor) e Lameirão livres de qualquer compromisso comigo, resolvendo tudo como julgarem mais conveniente. No mais, desejo felicidades a vocês dois e ao restante do pessoal. (α) VELOSO."

Segundo revelam fontes ligadas aos rebeldes, enquanto Veloso esteve em Santarém não deixou de

O major, acompanhado de 3 outros oficiais, e envergando o usual uniforme de serviço, estendeu a papeleta ao oficial de dia, responsável naquele sábado pré-carnavalesco pela boa ordem dos serviços no Campo dos Afonsos. Fez «blague»:

— Para nós, vai ser um «grande carnaval» o deste ano...

E fez um gesto significativo com o lábio inferior indicando os documentos que acabava de entregar. Riu, com uma ponta de ironia.

O oficial de dia, que nenhuma ciência ainda tivera naquela manhã sobre a programação de vôos, hesitou durante algum tempo. Fitou os olhos azuis e mansos do seu superior e franziu a tes-





manter contacto com o Rio. Durante esse período, recebeu dinheiro, através de ordens bancárias destinadas a amigos seus em Belém, pelos Bancos do Brasil e da Amazônia. No dia em que levantou vôo de Santarém para Jacaré-Acanga, a sua mensagem para o Rio foi esta: «Estou bem de saúde. O.K.»

ta. Sim, ele o conhecia bem. Sabia de sua extrema coragem e também dos rumores que corriam sobre o seu inconformismo face aos últimos acontecimentos políticos. Rememorava os dias agitados que antecederam o 24 de agosto e o desabafo que ouvira do major:

— «Se a «coisa» não se resolver, apanho Gregório, Climério e Alcino e levo todos para Cachimbo...»

Foi pensando em tudo isso que o jovem oficial mordeu os lábios antes de responder:

— Sinto muito, major. Mas, não lhe posso liberar o aparelho antes de consultar o comando...

O encolher de ombros do major foi a última coisa de que se lembra o oficial de dia, antes

de sentir junto às costelas a cutucada sugestiva de um «Colt», que lhe apontava o «segundo homem». O «terceiro» limitou-se a inclinar a cabeça num gesto de excusa. Não havia jeito, senão obedecer ao que lhe diziam.

E foi assim, com extrema simplicidade, como nos filmes de aventura, que o «Beechcraft» nº T11-1523 desapareceu no horizonte, levado pelo major Haroldo Veloso e o capitão Lameirão, para dar início aquilo que o povo chamou de «rebelião do major». O «terceiro homem» ficou no Rio.

Primeiro Uberlândia, depois Aragarças, Xavantina e Cachimbo. Por fim, Jacaré-Acanga, um

dos mais remotos e inacessíveis campos de pouso da F.A.B., em plena selva amazônica.

\* As mais desencontradas notícias circulavam pelo país, logo após o comunicado oficial anunciando a fuga daqueles dois oficiais. Houve uma espécie de «suspense» na opinião pública, ainda eufórica com as festivas cerimônias da posse do novo governo.

A censura imposta aos órgãos de divulgação pelo Estado de Sítio, até há pouco vigorante, impedia que muitos dos secretos motivos que inspiraram o gesto rebelde fôssem devidamente apreciados. Mas, o fato é que a «coisa» aconteceu. O inconformismo de apreciável facção das forças da Aeronáutica e Marinha, gerou a idéia



## A FIGURA DE VELOSO



O major Haroldo Coimbra Veloso nasceu em S. Cristóvão, aqui no Rio, em princípios de 1919, filho do médico-sanitarista dr. Paulo Veloso e d. Diva, falecida quando ele contava seis anos apenas. Criado por um tio-avô, coronel do Exército, Horácio Bitencourt Cotrim, desde muito pequeno demonstrava interesse pelos livros. Embora não muito dado a travessuras, reagia, no entanto, de modo agressivo, quando desafiado, realizando várias proezas para a sua idade. Ingressando na Escola Militar, viu-se transferido para a aviação, com a criação do Ministério da Aeronáutica. Declarado oficial, preferiu Belém do Pará para o seu primeiro serviço. Pilotou «Catalinas» durante a patrulha do Atlântico e realizou treinamentos na zona do Canal do Panamá, recebendo a Cruz da Aviação e Medalha da «Campanha do Atlântico».

Casou-se em Belém, continuando a servir ali até 1945, quando se transferiu para o Rio. Frequentou a Escola Técnica do Exército, completando os cursos de transmissões e de engenharia eletrônica. Como oficial de gabinete do ministro Nero Moura, foi incumbido da construção do Aeroporto de Cachimbo, situado numa serra que os mapas nem sequer assinalavam... Por essa época, aprendeu o idioma dos índios e com eles conviveu construindo mais os campos de pouso de Aragarças e Jacaré-Acanga, fazendo bons amigos entre os silvícolas. Concluída sua missão, vez por outra arranja jeito de visitá-los, levando víveres, remédios e presentes. A sua primeira manifestação de caráter político — segundo referem seus íntimos — manifestou-se por ocasião da morte do major Vaz e das diligências de que participou ativamente para descobrir os criminosos.

Dali para cá, o Veloso sereno, introspectivo, calculista e discreto desapareceu para ceder lugar a uma personalidade mais extrovertida. O plano para estabelecer um núcleo de resistência no Brasil Central é daquela época. Pretendia, não fazendo disto mistério para os colegas, com a ocupação dos aeródromos daquela região, desorganizar o tráfego aéreo e fluvial da Amazônia.

## A REBELIÃO DO MAJOR

### PAULO VICTOR

Companheiro de turma de Veloso (1942), de estágio em Belém, de missões de patrulhamento durante a guerra e por último na construção dos campos de pouso da região do Brasil Central, outra não poderia ser a atitude de Paulo Victor da Silva, ao tomar o comando do avião, cumprindo ordens superiores, para ir capturar o major Veloso.

Engenheiro especialista em aerovias, formado pela escola de São José dos Campos, Paulo Victor nasceu no Pará em 1922 e possui 3 condecorações. Foi dos oficiais que mais salvamentos de pilotos norte-americanos realizou nos anos de guerra, — cerca de 300.

Casado, tem 3 filhos, todos pequenos.

É arrojado e valente, embora discreto no relato de seus feitos.

### LAMEIRÃO

De temperamento completamente diferente dos outros dois rebeldes, o capitão José Lameirão é violento e explosivo. É daqueles de quem se costuma dizer que não tem papas na língua.

Participando, também, de diversas missões militares, sempre se destacou pela sua extrema combatividade e arrojado. Referem-se seus amigos que é um excelente camarada, porém muito difícil de se controlar.

Por ocasião de sua fuga, estava em companhia do major seu irmão e recebeu o convite de Veloso com uma estrondosa gargalhada de satisfação.

— Veloso, com você eu topo tudo...



CONTINUA NA PÁGINA 5



## UM LIVRO

## DO FUNDO DA INFÂNCIA

Do fundo da infância. Ruth Maria Chaves arrancou os poucos poemas de que se compõe o seu livro de estréia (1). Livro muito belo, sentido, de leitura agradável, embora distanciado ainda do que reputamos seja a mais alta e legítima poesia.

Foi Rilke quem, ao escrever ao jovem poeta que teve o privilégio de receber-lhe uma dúzia de insuperáveis cartas, Kappus, salientou a importância da infância para a poesia. Ruth Maria Chaves, apesar de não conhecer, aparentemente, o grande poeta — de vez que em singela apresentação, afirma serem Lorca, Antão Nobre e Rosália de Castro seus autores favoritos — também soube reconhecer essa importância. E, como epígrafe de seu livrinho, usa uma frase de Álvaro Moreyra («Nunca me esqueço de que fui criança»), e um quarteto da grande poetisa galega:

*"Qu'asi mó pediron,  
qu'asi mó mandaron,  
que cant'e que cante  
na lingua qu'eu falo".*

A infância, com sua conseqüente simplicidade de expressão, são a matéria prima de que se utiliza Ruth Maria — ela mesma quase uma criança, de vez que mal passou dos vinte anos. Cantigas de roda, provérbios, ditos infantis, cantigas de ninar (Ruth denomina, ternamente, de «Cantiguinhas» as suas poesias) desfilam pelo

livro a fora, com a suavidade da água fresca pela rocha.

*O vento soprou da infância,  
me trouxe muito de mim;  
vestia de azul e branco  
mais um laço de cetim...*

Talvez pelo assunto eminentemente feminino de que se compõe a segunda parte do livro, «Cantiguinhas para Nanar Neném», os diminutivos estão presentes aí em número maior do que seria aconselhável:

— Mamãezinha, estou tristinho...

ou:

*Mas pra mim é sol clarinho  
só das estrelas no céu  
e você no seu bercinho...*

ou ainda:

*... quer ver os filhinhos  
do sapo da noite  
que dormem frininhos...*

Sem dúvida, o melhor do volume é a terceira parte, «Sete Cantiguinhas de um Bem mais Triste», onde, por vezes, a autora consegue atingir a um clima de verdadeira intensidade lírica, como por exemplo no poema número um:

*Eu fui na Espanha,  
na terra de um meu avô.*

De uma cantiga de ninar como «Tutu Marambá», conseguiu Ruth Maria Chaves extrair essa pequena obra-prima:

*Tutu marambá,  
papão para anotecer!  
Fazias médo à menina,  
vem fazer médo à mulher  
que não dorme e quer morrer.*

Não há qualquer ressonância de S. Juan de la Cruz, nesse delicioso quinteto? De qualquer modo, ele prova, infelizmente, que a jovem autora, a despeito de sua pouca idade, já conheceu desgostos... Desgostos sentimentais?

*Unidunilé!  
Amor, no jógo da vida  
vão-me afastar de você...*

Em suma: Ruth Maria Chaves estreou com um livro de valor. E, se ainda muito lhe falta percorrer no caminho da expressão poética, e muito ler dos autores mais importantes, não há como negar a pureza de seu sentimento e a beleza de alguns achados poéticos de agora.

(1) — Ruth Maria Chaves — Roda. Píxel Edição Jornal de Letras. Rio de Janeiro, 1956. 64 páginas. Ilustrações de Osvaldo Martins. .... Cr\$ 40,00.

## NOTAS



Vem de ser publicado o segundo volume da Coleção Maldoror, da Civilização Brasileira, impresso no prelo manual A VERÓNICA, de Manuel Segalá. Trata-se de «Poeta en Nueva York», de Federico García Lorca, em bela edição, de apenas trezentos e quatro exemplares, ornada com diversos de-

senhos do próprio punho do poeta.

Em segunda edição, recebemos «Terra Roxa», livro de poemas de Nóbrega de Siqueira. São velhos sonetos e poemas mais longos, em que, de quando em quando, perpassa um leve sopro de poesia. Apreciamos o soneto «O Pequeno Jornal», não suportamos o poema «Terra Roxa», infeliz paródia de uma conhecidíssima estrofe de Drummond de Andrade.

O Instituto Nacional do Livro, desde a sua fundação, foi dirigido por Augusto Meyer, poeta, memorialista e ensaísta dos melhores que temos possuído. Ao afastar-se Meyer, há mais de ano e meio, a fim de, na Alemanha, ministrar um curso de Literatura Brasileira, ficou em seu lugar o romancista Adonias Filho. Com o regresso do escritor, novamente o Instituto passou a ser dirigido, com competência e dedicação, por ele. Acontece que o novo ministro da Educação, de quem muito se esperava, mas que começou de modo errôneo sua gestão, tudo fez para nomear, para o cargo de diretor do Instituto Nacional do Livro, um desconhecido bacharel Vivaldi Moreira, que passou somente três dias em seu cargo, tal a oposição tenaz que lhe moveu, e ao ato inexplicável do ministro, toda a imprensa especializada. Voltou Augusto Meyer. Mas já se cogita em designar Ciro dos Anjos, ou algum outro escritor mineiro, para seu lugar. Em nossa pobre terra, quando

se há de fazer a distinção entre Política e Literatura?

José Maria Alvarez Blásquez venceu o Prêmio Galdós, de Novela, anualmente distribuído em Espanha. O livro vencedor chama-se «Las Estatuas no hablan». Outra coisa que, em Espanha, deixou de «hablar», ao menos por enquanto, foi a bela revista «La Insula», a mais importante de todo o país, especializada em literatura e arte, e que o governo franquista considerou perigosa ao regime.

## Toisón

*Yo soy un semi-centauro  
de semblante avieso y duro,  
que remedo a Minotauro  
y me copio de Epicuro.  
A mi frente agobia un lauro  
que predice mi futuro  
y en la vida soy un Tauro  
que derriba fuerte muro.  
Yo le canto a Proserpina,  
la que quema corazones  
en su cálida piscina.  
Soy Satán y soy un Cristo  
que agonizo entre ladrones...  
No comprendo dónde existo!*

RUBÉN DARÍO



Maria Amália Corrêa Giffoni vem de publicar, pela Livraria Martins, «Danças Folclóricas Brasileiras», volume em que se estuda, com conhecimento, inúmeras danças típicas brasileiras. Obra séria, bem orientada, rica de ilustrações, e sobretudo bem escrita, deve ser consultada por todos

os interessados no assunto. Maria Amália Corrêa Giffoni, com ela, se inscreve no rol de nossos melhores escritores de folclore.

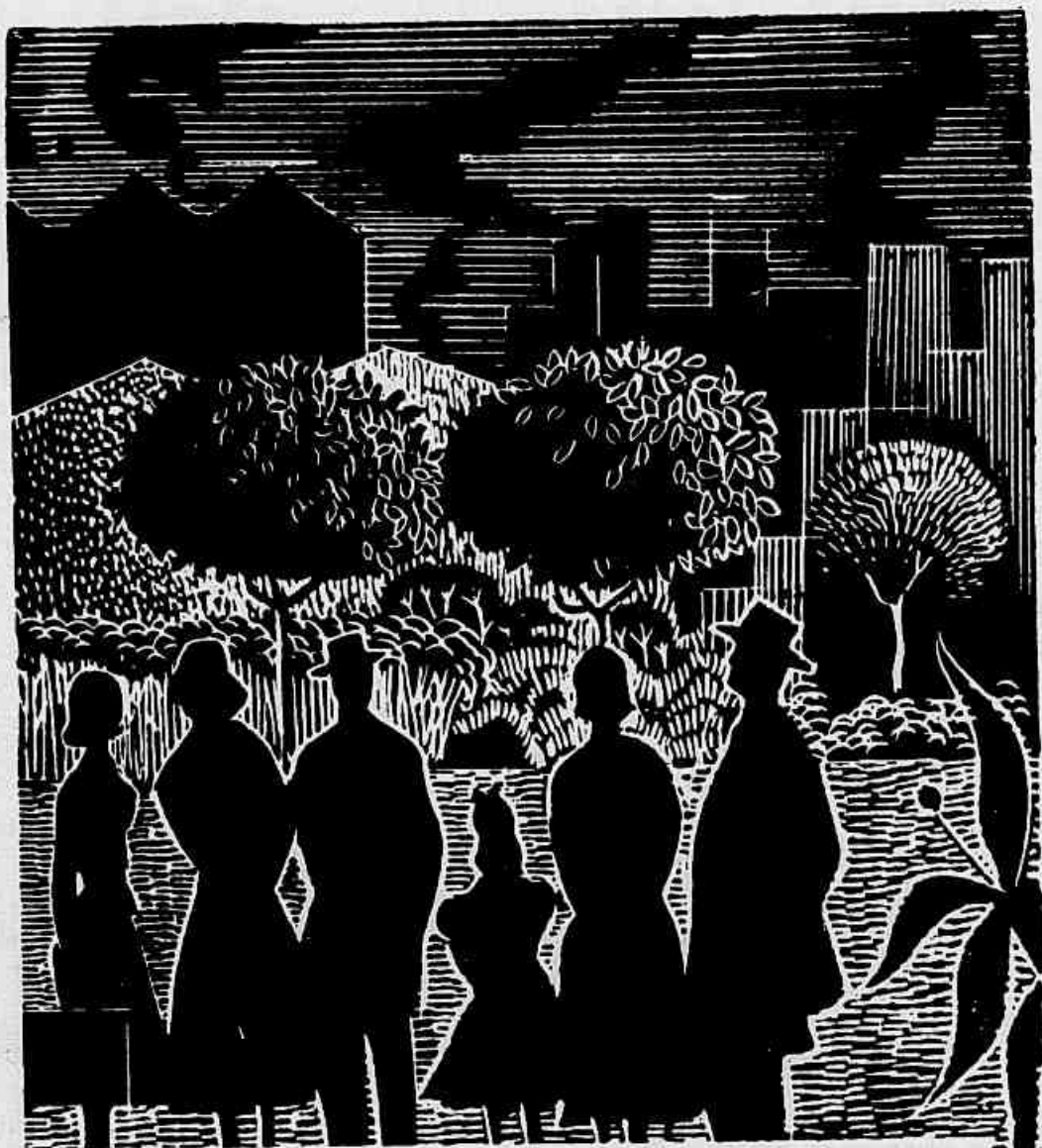
Nas livrarias novas edições de «Cobra Norato», de Raul Bopp, e dos «Poemas», de Ascenso Ferreira. Um e outro livros estavam esgotados de há muito. As reedições atuais certamente darão a conhecer aos leitores de menos de trinta anos dois poetas de singular talento, que representam uma época, ultrapassada embora, da moderna poesia brasileira.

Diógenes de Magalhães vem de publicar seu segundo livro de contos, «João 70». Apreciamos sobremaneira o conto que dá denominação à coletânea, onde surpreendemos certa maneira surrealista de composição, muito interessantemente aproveitada.

Fela Coleção Lindolfo Collor, do Serviço de Documentação do M.T.I.C., vem de ser publicado «A Alimentação do Trabalhador», de Dante Costa.

Domingos Carvalho da Silva editará, brevemente suas «Poesias Completas». Esse importante poeta paulista está organizando igualmente uma nova revista de poesia, «45», destinada a englobar a produção poética dos componentes da chamada «Geração de 1945».





# SOROCABA e SÃO ROQUE

## 60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.  
cada meia hora

### AGÊNCIAS:

#### SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34.2399 e 36.6402  
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34.1395

#### SOROCABA

Rua Mans. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



## VÁ PELO MELHOR!



### EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida

AZASO - EB-5

## Puxe pelo cérebro

### NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Faz o papel principal feminino em «Os Filhos de Eduardo»:
  - Tônia Carrero?
  - Cacilda Becker?
  - Heloisa Helena?
- 2—O Padre Brown é uma criação do escritor:
  - Chesterton?
  - Chatterton?
  - Sheridan?
- 3—Criou o papel de «Carmen», na ópera de Bizet:
  - Farrar?
  - Alda?
  - Calvé?
- 4—Foi o precursor do Impressionismo:
  - Lautrec?
  - Kandinsky?
  - Jongkind?
- 5—«Musa, tivera algum merecimento, se um raio da razão seguisse pura»... — dois versos de um célebre soneto de:
  - Camões?
  - Bocage?
  - Antero?
- 6—A capital de Costa Rica é:
  - Tegucigalpa?
  - San José?
  - Paramaribo?
- 7—A moeda guatemalteca chama-se:
  - sucre?
  - quetzal?
  - bolivar?
- 8—Qual desses pintores esteve no Brasil:
  - Manet?
  - Gauguin?
  - Franz Post?
- 9—«Schöne Mullerin» é um ciclo de canções de:
  - Schubert?
  - Mendelsohn?
  - Brahms?
- 10—Dioptria é uma unidade:
  - ótica?
  - calorimétrica?
  - elétrica?
- 11—Inventou o microscópio:
  - Leeuwenhoek?
  - Garcia?
  - Fulton?
- 12—Moira, para os gregos, representava:
  - a fatalidade?
  - a divindade?
  - o dom da poesia?
- 13—«Meine Blicke sind reif, und wie eine Braut, kommt jedem das D... das er wilt» — versos de:
  - Stefan Zweig?
  - Rilke?
  - Hoffmannsthal?
- 14—O paleontologista Lund, que atuou no Brasil, era:
  - Norueguês?
  - Islandês?
  - Dinamarquês?
- 15—Em que ano afundou o «Titanic»:
  - 1911?
  - 1921?
  - 1912?

**CLASSIFICAÇÃO:** — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 15: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

**RESPOSTAS:** 1 — Cacilda Becker; 2 — Chesterton; 3 — Calvé; 4 — Jongkind; 5 — Bocage; 6 — San José; 7 — quetzal; 8 — todos três; 9 — Lautrec; 10 — ótica; 11 — Leeuwenhoek; 12 — a fatalidade; 13 — o dom da poesia; 14 — Dinamarquês; 15 — 1912.

## COMO APRENDER A DANÇAR

### 7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Proi. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL. A venda na Livraria Clássica Editora, Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa.



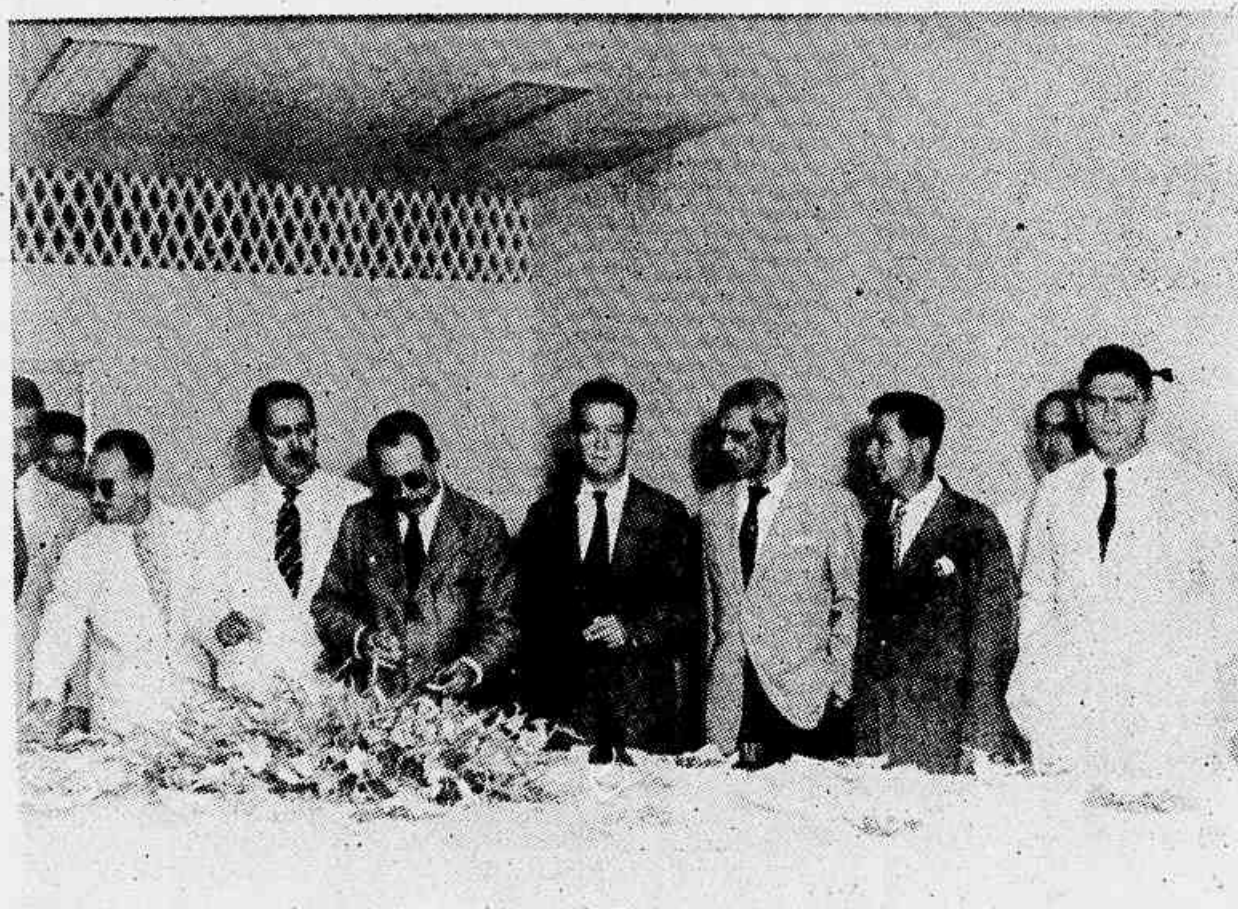


Srs. Rubem Moreira, M. Barbosa, L. Brotherwood e jornalistas.

# TROFÉU LÓIDE AÉREO

Associando-se às homenagens prestadas aos clubes que participaram do «TORNEIO RUBEM MOREIRA» os funcionários do Lóide Aéreo ofereceram à Federação Pernambucana de Futebol o «Bronze Lóide Aéreo», que representa uma figura grega, tendo por legenda a seguinte expressão: — «A aviação dando asas ao homem». A valiosa oferta é obra do renomado escultor Drouot, trabalhada em mármore, sobre mesa de ébano legítimo, esculpido. A solenidade de entrega do troféu «Lóide Aéreo», realizada na sede da Federação Pernambucana de Futebol contou com a presença de destacadas figuras do esporte local, inclusive com representantes da imprensa, autoridades, etc., dentre os quais citaremos os srs. dr. Murilo Gibson Barbosa, diretor assistente do Lóide, no Rio de Janeiro, sr. Rubem Moreira, presidente da F.P.F., sr. Luís Brotherwood, gerente da Agência do Lóide naquela cidade, sr. Mariano Carneiro da Cunha e dr. Luís Cristóvão, representante do Esporte Clube do Recife.

O bronze oferecido pelos funcionários do Lóide à F.P.F.



Aspecto da solenidade por ocasião da entrega do troféu.



Durante o «cock-tail» vários oradores fizeram-se ouvir.



# A SEMANA EM REVISTA

## A SEMANINHA

— Foi preso em Madrid, o diretor cinematográfico Juan Barden, que parece ter mostrado "tendências falangistas"...

Quando for posto em liberdade, pretenderá decepar ambas as mãos a fim de jamais mostrar as "falanges"!

— Brian Fawcett queixa-se do governo brasileiro e de regresso a Londres, declara: "Encontrei todos os obstáculos possíveis no meu caminho. Os brasileiros não querem que um estrangeiro possa passear em Mato Grosso".

Medite um pouco, "Falsele".  
Os obstáculos possíveis  
Que você daí remete  
Não são de todo impossíveis.

Passear em Mato Grosso  
Seu pai e irmão passearam,  
E desse passeio colosso  
Certamente não gostaram...

Ou você, Brian, queria  
Que o Brasil se interessasse  
Por essa antropofagia?

Apenas lhe deu o serviço...  
Pois se de lá não voltasse  
Quem era o culpado disso?!

— Se Luís Carlos Prestes regressar ao Brasil, será detido — afirma o Promotor que acompanha o processo.

Muito embora ele seja Prestes, não acreditamos que esteja "prestes" a voltar.

— A que atribuir essas vitórias esmagadoras da equipe portuguesa de Paço d'Arcos?...

— É que as correias dos patins dos campeões lusos são... "correias" astronômicas!

E agora um pensamento:  
São considerados pessimistas todos os indivíduos que, para segurarem as calças, usam cinto e suspensórios.

SANTOS ALVES

Moçada, não gostei do bate-boca entre o general Goes Monteiro e o senador Lourival Fontes. Aquilo de chamar o senador de cretino para baixo, e mais aquelas insistentes referências a um vocábulo que, por decêro, o repórter não pôde escrever, foi de amargar. Mais parecia as fotos proibidas do baile da Rainha do Carnaval, que algumas centenas de pessoas (curiosas, hein? vieram espiar aqui na redação. E ainda houve quem pedisse a sua publicação! — Pois a discussão Goes-Lourival foi daquelas! Puxa... E dizer que ambos deram as cartas por muito tempo, neste Brasil de ai quem me acode, meu Deus!

— Para contrabalançar essa sujeirinha em família, houve a visita do Presidente ao painel do Portinari, ali no Municipal, ainda cheirando ao éter do baile gostosão. E o Presidente não teve dúvidas em confessar a sua admiração pela arte moderna portinaresca. No que andou muitíssimo bem. Palmas para ele. — E também palmas para que o autor de "Quem sabe, sabe". Quem é ele? Claro que é o Joel! Pois o nosso velho Ari já explicou que disse, mas não queria dizer, e por isso mesmo é que disse,



ARREPENDIDO deve estar o deputado Olavo Drummond, que andou fazendo certas críticas à nossa colaboradora Adalgisa Nery, a qual imediatamente retrucou por um de nossos vespertinos, da seguinte maneira: — «Adolescente deputado Olavo Drummond, uma mulher que sempre declarou publicamente, sem nenhum complexo, a sua idade, é mulher que não tem medo de coisa alguma. Nem da miséria nem da morte. Tenho coragem também para dizer que, sinceramente, trocaria os meus cinquenta anos de profunda consciência da vida, pelos seus vinte e cinco de mediocridade e cretinice. Todo o meu maior desejo foi ser vegetal, mesmo que fôsse capim como você».

DIVULGAM-SE DADOS interessantes sobre o ensino superior no Brasil. Assim, existem matriculados, em nossas escolas superiores, cerca de 72.652 alunos, dos quais 18.281 de sexo feminino. No ano de 1954 o número de alunos que concluíram cursos foi de 12.768.

IBRAHIM SUED, dizem os jornais, acaba de fazer dois sambas, no estilo canção, como explicou, num de seus artigos, o próprio colunista. O que não explicou é se é autor da letra, ou da música, ou de ambas as coisas, nesses sambas. De qualquer modo, a música popular brasileira está ameaçada.

PERIGOSO BANDIDO — o «Gangster do Caju» — foi capturado pela polícia no velho bairro carioca. Sua população ficou tão agradecida aos policiais que efetuaram a prisão, que lhes ofereceu um jantar comemorativo. Ao mesmo tempo, «Gangster do Caju» afirmou, na prisão, que sua única vontade, atualmente, é enviar os guardas para o Caju, propriamente dito.

JUSCELINO CHEGOU à Central do Brasil às cinco e meia da tarde de uma quarta-feira, quando maior era o movimento da população que, todos os dias, se utiliza dos velhos carros da Central para se dirigir a seus lares suburbanos. Reconhecido por uma criança, pôs-se em animada conversa com a multidão. Frase da mesma criança, que calou fundo no espírito

## NACIONAIS

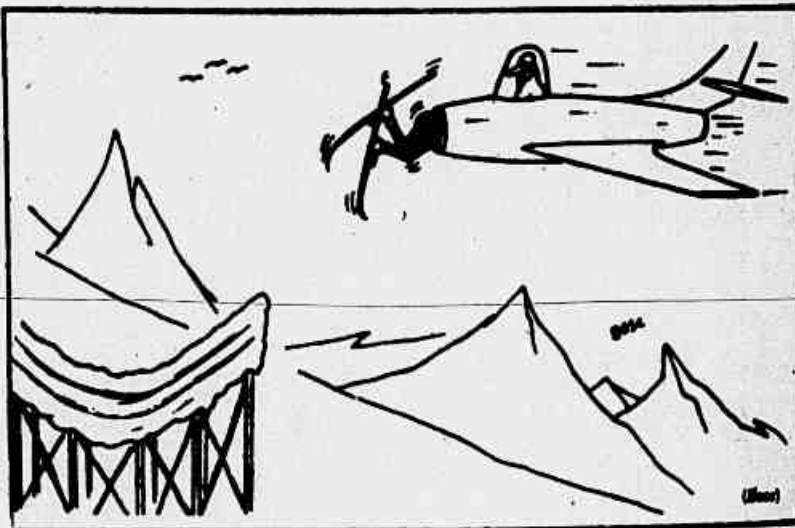
do Presidente: «Chi, seu Presidente. Foi bom que o senhor viesse aqui. Isso aqui está de morte...»

MÁ VONTADE para com o til, esse chapéuzinho que se põe sobre o A ou o O de tantas palavras brasileiras, é a de Henrique Pongetti, numa de suas crônicas: «O til é um dos círios do túmulo do nosso idioma».

EM SÃO PAULO, um ladrão engoliu quatorze mil cruzeiros que havia acabado de furtar, ao ser abordado por dois policiais.

REEDITANDO O feito do retorno, o Fluminense novamente «encapou» o Vasco, dessa vez por dois tentos a zero. Não houve jeito de os vascaínos evitarem o novo triunfo dos tricolores. Será que esse ano as coisas estão pendendo para o América e o Fluminense?

VASCO MARIZ, baixo cantante, especializado em Mozart, diplomata ora servindo na Secretaria de Estado, músico de algum valor, há alguns dias escreveu, para o Suplemento Literário do «Correio da Manhã», um artigo sobre a figura do maior de nossos compositores populares, Ari Barroso. A certa altura, compara-o a Villa-Lôbos, a quem, evidentemente, não aprecia muito: «Não chega a dizer as asneiras bombásticas do autor de Choros, mas existem muitos pontos de contacto nas entrevistas à imprensa dos dois músicos... Quem escreveu essa frase, terá sido o diplomata, ou o «baixo»?...



BOSC (PARIS MATCH)

## DE SETE EM SETE

etc. Vamos mudar de assunto. — Pois assunto bom é esse do sucesso de «Rio, 40°» em São Paulo, exibido de uma tacada em vinte e sete cinemas. E não queriam que o Brasil visse o filme! — Enquanto a nossa Rainha (das Associações Portuguesas) deu assunto a todos os colegas. Vitoriosa em toda a linha a iniciativa da REVISTA DA SEMANA, com a «Voz de Portugal» e a Rádio Globo. Agora é sair para outra, em 57. — Em Lisboa, a revista em que aparecem artistas brasileiros, rendeu quase 4 milhões de cruzeiros no primeiro mês. Motivo fundamental: a censura deixou que as «girls» da Renata aparecessem quase tão despidas quanto aqui, no Rio. Comentário de um frequentador do baile do travesti: «Assim até eu!» — Mas falando sério, há uma frase do sr. Nereu Ramos que merecia ser repetida pelo rádio, de minuto em minuto: «O Brasil está necessitando de paz, de muita paz, e não de lenha na fogueira...» — Não é mesmo? Pois o que mais parece ser da vontade de muitos, é ver o circo pegar fogo. — Felizes os que estão longe do incêndio...



## O humor de Jânio Quadros



Um estudante paulista, Aderito Augusto Afonso, escreveu ao governador de São Paulo, colocando-o nas nuvens, chamando-o «futuro Presidente do Brasil», e terminando por pedir-lhe consentimento para namorar a filhinha Tuta, de apenas doze anos. Resposta de Jânio Quadros, onde se nota o fino humor do discutido homem público: «Sr. Aderito — Recebi a carta com a generosa saudação e proposta relacionada com minha filha, que deseja conhecer e namorar. Se, por um lado devo agradecer as expressões que usa para mim, é de meu dever dissuadi-lo no concernente à menina, muito longe ainda da idade favorável àqueles projetos. Realmente, não passa de uma criança, nem deve pensar em nada que não sejam seus estudos e, mesmo aí, fico às vezes apreensivo, porque não é tão brilhante quanto o pai desejaria... Preciso comunicar-lhe também que minha esposa, ao ler a mesma carta, mostrou-se perigosamente irritada, tendo dado ordens terminantes à guarda do palácio, que não ousei contrariar. Deixe, pois, o assunto esquecido até à «Presidência da República», com a qual me ameaça nas linhas finais. a) Jânio Quadros».

## Murilo de Carvalho premiado

① Pela primeira vez foi distribuído o Prêmio José Maurício, destinado a uma personalidade do mundo musical brasileiro que mais tenha contribuído para a difusão da música brasileira. Coube o Prêmio, esse ano, ao conhecido professor de canto Murilo de Carvalho, lapidador de inúmeras vozes que hoje brilham nos palcos ou nas salas de concerto do Brasil, como, por exemplo, Alice Ribeiro, Paulo Fortes, Violeta Coelho Neto de Freitas, Roberto Galeno, Lia Salgado, Newton Paiva, Valdez Silva Ramos, Alfredo Melo, e tantas outras. Murilo de Carvalho foi muito moço para a Europa, ali estudando canto e desenvolvendo bela carreira como concertista, e como professor. De volta ao Brasil, firmou-se rapidamente como o melhor professor de canto do país, participando do Primeiro Congresso Nacional da Língua Falada e Cantada, realizado por Mário de Andrade, com grande destaque. Integrou-se rapidamente na vida musical brasileira, e muito fez pelo maior conhecimento da música de José Maurício. Num tempo em que era quase um pecado, punido com anátemas terríveis, executar em concertos música de autor nacional, os alunos de Murilo de Carvalho corajosamente, e com orgulho, apresentavam nos seus composições de Guarnieri, de Hekel Tavares, de Jaime Ovalle — a quem Murilo tanto incentivou —, de tantos outros. Por isso, foi mais do que merecido o prêmio há pouco concedido. Na foto, Murilo de Carvalho entre os membros da Comissão encarregada de conceder o prêmio: poeta Manuel Bandeira, Andrade Murici, Maciel Pinheiro, sr. e sra. Álvaro Moreyra.

## Um certo senhor Fawcett

② Em conferência há pouco pronunciada na Inglaterra, queixou-se o senhor Brian Fawcett, filho do famoso explorador coronel Percy Fawcett, desaparecido, juntamente com outro filho, Jack, nas selvas de Mato Grosso, do governo brasileiro, que, a seu entender, não lhe propiciou os meios necessários à busca de seu pai e de seu irmão, entrando suas pesquisas com sistemáticas negativas. Acusou também o embaixador da Inglaterra no Rio, achando-o «pouco interessado» no caso. Ora, senhor Brian Fawcett: se vivo, o coronel Fawcett estaria hoje pela casa dos oitenta e muitos anos. Longe do úsque, terse-ia adaptado ao cauí? Não cremos. Depois, que desejaria o estimado e injusto amigo: que nosso governo fornecesse aviões militares ou pára-quedistas a fim de, sob as ordens de um estrangeiro, sobrevoar território nacional? Ninguém mais, no Brasil, acredita na sobrevivência dos dois afoitos cidadãos britânicos. Livros se escreveram a respeito, reportagens foram realizadas. Admiramos a persistência do senhor Brian Fawcett, seu amor filial. Mas não nos venha ele com queixas injustas. De exploradores, já bastam, os nacionais.

## INTERNACIONAIS

O DITADOR aposentado Juan Domingos Perón, depois que perdeu o emprego, não achou mais pouso certo. Agora mesmo teve de abandonar o Hotel Washington, onde estava hospedado, no Panamá. Motivo: o Hotel é de propriedade do Governo norte-americano, e um senador daquele país protestou contra o fato de um ex-ditador se hospedar ali.



PERÓN

UMA LOCOMOTIVA foi a pique, na Itália! O original desastre teve lugar em Ortona no Adriático, à saída de um túnel, próximo ao mar. Numa curva fechada, o trem saltou dos trilhos, e a locomotiva mergulhou na água salgada. O maquinista salvou-se a nado...

FRASE DE Anna Magnani, a respeito das jovens beldades que se metem no cinema e alcançam sucesso, graças à plástica: «O talento delas não chega à cabeça — ficou todo encailhado no busto...»



MAGNANI

TINO ROSSI estreou como cantor de operetas, interpretando, no Teatro Chatelet, de Paris, um dos principais papéis de «Mediterranée».

FRASE ATRIBUÍDA à célebre atriz Tallulah Bankhead, famosa por suas extravagâncias: «Tenho dois acessos anuais de mau humor; o diabo é que cada um deles dura seis meses.»



TALLULAH

GLORIA SWANSON, cuja carreira cinematográfica chegou ao fim, está se dedicando à Pintura. Há pouco, em Roma, inaugurou-se uma exposição de obras suas. E com êxito! Pudera!

TODOS OS coelhos da Grã-Bretanha serão em breve exterminados — segundo determinou o governo de Sua Majestade Elizabeth II, alarmado com as devastações causadas à agricultura pelos belos animaizinhos.

NA ÍNDIA, o Governo submeteu a idênticas provas um trator do último tipo, e um elefante. O elefante venceu todas as provas com larga vantagem sobre a máquina. E custa dez vezes menos. Vamos importar elefantes?...

O GOVERNO nipônico determinou que os professores japoneses tenham, no mínimo, 1 metro e 52 centímetros de altura, para impor respeito aos alunos...



EDWIGE

EDWIGE FEUILLÈRE estava sentada a um café, quando dela se acercou um rapazote, perguntando-lhe se era, de fato, a célebre atriz. «Não» — retrucou Edwige, que não gosta de intrusos — «sou a mãe dela». — «Era justamente o que eu dizia a meus colegas, mas eles não acreditavam» — retrucou o rapaz...

NOVAS PALAVRAS recentemente incorporadas ao léxico latino: TELEVISÃO: electrica machina rerum figuras atque sonos, unde libet accessens; BOMBA ATÔMICA: globus atomicus; TÊNIS: manubritii reticuli indis.

HÁ DIAS nasceu em Pelugo, na Itália, uma criancinha. Grande alegria de toda a aldeia. Explica-se: há dois anos que não nascia, morria ou se casava ninguém, por aquelas bandas. A coisa já estava ficando monótona...

MARGARET DA Inglaterra volta a aparecer nas manchetes de todos os jornais e revistas do mundo. Agora, há quem diga que a irrequieta princesa se converterá ao Catolicismo para casar-se com o Rei Baudouin, da Bélgica. Veremos.



MARGARET



ELIZABETH DE ÁUSTRIA

# A IMPERATRIZ REVOLTADA

Por ROBERT VERNON

(CAPÍTULO VI)

Ilustração de RAMÓN

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Elizabeth da Áustria, alegre e sentimental princesinha bávara, tornou-se por seu casamento com o Imperador austriaco Francisco José, sobenara de um vasto Estado. Como tal, tem de observar extenso protocolo, que lhe envenena a existência. Além do mais, a vida não lhe é propícia: o marido é um joguete nas mãos da velha mãe, que por sua vez odeia a nora, tudo fa-

zendo para prejudicá-la. Elizabeth vive longe dos filhos, criados sob a tutela da avó paterna; uma das crianças morreu prematuramente; e, como se tudo isso não bastasse, Elizabeth tem o poder de atrair, de fascinar, os homens que dela se acercam. O Arcebispo Olteanu matou-se por seu amor. E o rei Luís II. da Baviera, noivo da irmã de Elizabeth, nutre pela Imperatriz tal paixão, que rompe o noivado por sua causa, e, repellido, enlouquece.

ELIZABETH percebia, com tristeza, que, a despeito de todos os seus esforços no sentido de subtrair Rodolfo à influência de sua avó Sofia, o menino seguia a trilha da velha Imperatriz. Talvez ali houvesse também certa culpa da própria Elizabeth, de vez que as crianças, como os animais, afeiçoam-se àqueles com os quais convivem, e ela, levada por certo desejo irresistível e quase patológico de viajar, raramente estava em casa com o filho. Por diversas vezes, é verdade, tentara levar as crianças em sua companhia, mas logo tivera de abandonar a empresa, e o jovem arquiduque assim passara a maior parte de sua vida sob o olhar severo, e sob a influência nefasta, da impiedosa avó. Elizabeth, contudo, desejando estreitar as relações entre ela e seus filhos, jamais deixou de com eles manter uma correspondência regular, já que sua presença dificilmente era possível. Na personalidade de Rodolfo, por outro lado, a despeito da fiscalização severa de Sofia, começavam a despontar fortes traços de caráter «Wittelsbach». Quanto ao plano intelectual, já na idade de dez anos o menino demonstrava possuir uma compreensão muito superior à das crianças da sua idade; e mostrava-se totalmente consciente das responsabilida-

des e dos deveres que um dia, como herdeiro do trono, teria de suportar.

Em vários assuntos, ele se livrara completamente, e com rapidez, da influência dos que o cercavam. Suas veleidades liberais, por exemplo, causavam grandes aborrecimentos à velha imperatriz Sofia. O Abade, seu preceptor, ficou estatelado, quando, certo dia, o arquiduque pediu-lhe que lesse em voz alta certo volume sobre a Revolução Húngara — assunto sobre o qual nunca lhe dissera coisa alguma. Infelizmente, nem todos os traços do caráter de Rodolfo eram assim. Por vezes, ele deixava entrever uma crueldade e uma brutalidade que permitiam fazer as mais funestas previsões sobre o que seria, quando mais velho alguns anos. De sua mãe herdara o amor pela equitação. Porém, enquanto Elizabeth era carinhosa para com os animais, tratando-os com solicitude, quase como se trata um ser humano, o jovem arquiduque maltratava sem dó seu pônei, no qual cavalgava todos os dias, fustigando-o a tal ponto, e dele exigindo tanto empenho, que o pobre animal não pôde aguentar mais de um mês tais maltratos. Tudo percebendo, Elizabeth inquietava-se com essas tendências malignas do filho.

Essas dificuldades familiares mais ainda levavam Elizabeth a encerrar-se em sua torre de marfim. Por tais motivos, pode ser explicado o seu humor sempre em mudança, agora alegre, logo mais malicioso, em seguida exuberante, após melancólico, sombrio, sério. Por vezes, mesmo, nas ocasiões que maior seriedade exigiam, ela desatava em um riso que tinha algo de loucura.

## A MÃE COMPASSIVA

Foi mais ou menos pela mesma época que uma grande alegria se apresentou a Elizabeth. Em 1868, ela dá à luz a arquiduquesa Valéria. A Corte teria preferido um varão, mas Elizabeth encheu-se de júbilo por ter sido uma menina. Dessa vez, como uma fêmea furiosa, ela defende sua cria, e não deixa que lhe arranquem dos braços. Na Corte se caçoa dessa paixão maternal, que desabrochou súbitamente de modo tão violento, e, nas vizinhanças de Sofia, só se falava de Valéria, em tom irônico, como «a filha bem-amada». Quando a menina já está mais crescida, Elizabeth levava-a a viajar em sua companhia, primeiro a Possenhofen, onde é exibida, aos avós maternos, como se fôra um troféu. As más línguas, porém, explicam de modo muito diferente a viagem: murmura-se que Elizabeth queria era um pretexto para reavistar-se com o rei da Baviera...

Mal chegada a Possenhofen, com efeito, a esse paraíso da vegetação, às margens de um lago muito azul, Luís II aparece... Uma suntuosa comitiva detém-se à porta do castelo e logo um personagem salta de uma das carruagens. Sobe em passos nervosos a pequena escada, e pede para ser recebido pela Imperatriz. Durante a meia hora em que a aguarda, troca rapidamente de roupa, vestindo-se de cavaleiro austriaco. Exibe ao peito a Grã-Cruz de Santo Estêvão, que ele traz atravessada. Elizabeth hesita em recebê-lo, porém ele mostra tal insistência, que ela acaba por conceder-lhe uma entrevista. Aparece no meio do grande salão, e todos os olhares se cravam sobre sua figura. É, verdadeiramente, um homem belo. Seus olhos sonhadores e grandes são inquietos, e seus cabelos, revoltos como os de um poeta, são negros como o ébano. Sob o uniforme austriaco, as formas musculosas de seu corpo atlético desenham-se, harmônicas. Elizabeth estende-lhe afetuosamente a mão. Sente-se intimamente ligada ao homem que de tal modo se inclina diante dela. Tem largas e profundas afinidades: como Elizabeth, Luís ama a solidão. É também melancólico e terno. E um segredo mal parece devorá-lo. Sente-se atraído por ele, mas, ao mesmo tempo, um terror desconhecido o afasta dele, cuja saúde mental é já inquietante a essa época. Elizabeth fala, e o Rei não diz palavra. Será talvez a presença da Condessa Festetics, exigida pela Imperatriz, que impede suas expansões? Afinal, o Rei fala: faz de início alusão a seu noivado desfeito, e após, sem qualquer transição, do jovem músico pelo qual nutria tanta admiração: Richard Wagner. Depois, salta para outro assunto, para outro mais, fala das caminhadas sem fim às quais se entrega através de vales e montanhas, e dos castelos legendários que fará construir para aquela que julga digno de ser sua companheira. Passa-se o tempo, Luís falando sempre. Elizabeth está cansada, e faz menção à hora tardia. Em vão. Continua Luís da Baviera a narrar fatos, e só muito tempo depois é que, como se de







súbito tivesse recuperado a noção das coisas, pede perdão, balbucian-  
do, a guisa de desculpa:

— Aqui, esqueço-me das horas...

Tais visitas se repetiram no outro dia, e nos que se seguiram. Eliza-  
beth de boa vontade prolongaria sua estada, muito embora essas visitas  
aborrecidas, porém, notícias desagradáveis começam a chegar de Viena:  
a Imperatriz-Mãe está doente, e Elizabeth deve imediatamente voltar,  
para assisti-la.

#### O ETERNO AMOROSO

Na véspera de sua partida de Possenhofen, por volta de uma e meia  
da madrugada, alguém bateu à porta da Condessa de Festetich. Um ofi-  
cial bávaro, em vestimenta de gala, impacienta-se ante a porta cerrada.  
E' o ajudante de ordens do Rei; vem seguido por três lacaios que levam  
uma gigantesca cesta de rosas de tôdas as cores e variedades, desde o  
branco marfim até ao vermelho sombra. O oficial faz ciência à Condessa  
de que o Rei deseja que tais flores sejam entregues, no mesmo instante,  
e pessoalmente, à Imperatriz Elizabeth. A Condessa hesita e se perturba,  
de vez que não pode acordar a Imperatriz em hora tão imprópria, porém,  
o oficial, com firmeza, solicita a permissão de ficar ali até que tenha

cumprido as ordens de seu soberano. Essas conversas, contudo, já ha-  
viam acordado a todos os habitantes do castelo, e a própria Imperatriz  
já havia mandado uma de suas aias a ver de que se tratava. Informada  
sobre o acontecido, recebeu a homenagem delicada de seu primo.

No dia seguinte de manhã, na estação de Munich, Luís está presente,  
e assiste, com prazer, as dificuldades que vem criando seu presente aos  
que o transportam, de vez que, de tão grande, não cabe no comparti-  
mento da Imperatriz. Ordenado, então, de atar ao trem imperial um va-  
gão que leve, até Viena, sua lembrança à prima.

Quando, no dia seguinte, Elizabeth chega à capital austríaca, encon-  
tra a Corte em alvoroço, devido à moléstia de Sofia. Desde o princípio  
do mês de maio, a velha Imperatriz apresenta sintomas nervosos, sono-  
lência, tremura nos pés e nas mãos. Elizabeth chega para assistir-lhe aos  
últimos momentos. A família, os cortesãos e toda a Casa Imperial estão  
reunidos em torno ao leito de agonia. A 20 de maio, por volta das três  
horas da madrugada, a inimiga irreconciliável de Elizabeth entrega a  
alma a Deus. Esquecendo seus ressentimentos, Elizabeth a chora since-  
ramente; a morta não era mais, para ela, a mãe de seu marido. Para  
escapar ao pesado luto da Corte, Elizabeth, vestida de longos trajes  
negros, que ainda mais fazem realçar sua beleza, parte em viagem  
para Isch.

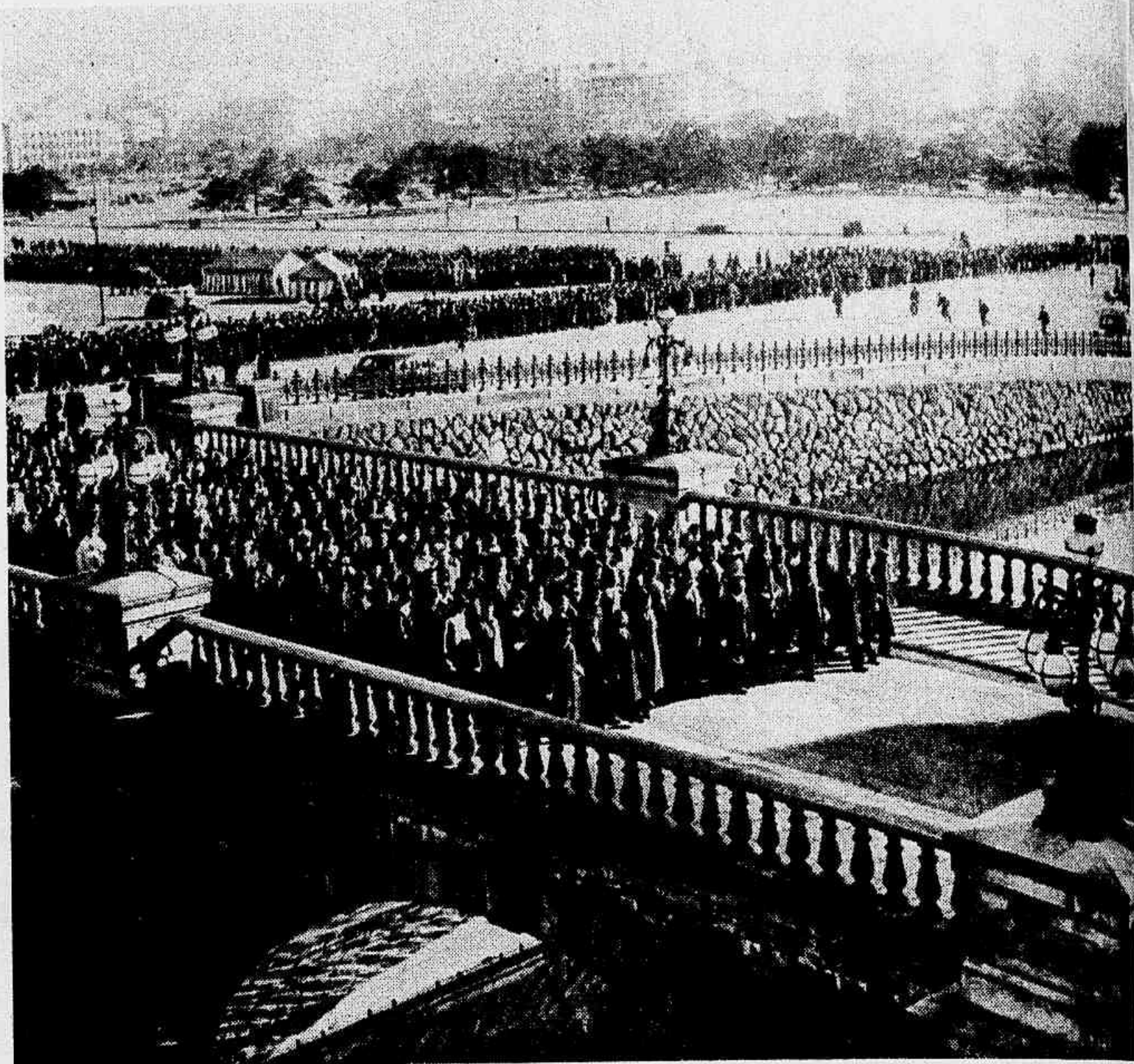
(Continua no próximo número)





**MARGARET** da Inglaterra parte um imenso bolo, comemorativo do 25º aniversário do Ballet Sadler's Wells, do qual é presidente honorária.

**SÓ MESMO** em Hollywood... Esses dois faziam um filme desenrolado na Idade Média. A vontade de fumar chegou, e... a coisa acabou nisso.



**ANUALMENTE**, os japoneses acorrem ao palácio de seu imperador Hirohito, para apresentar-lhe, pessoalmente, seus votos de felicidades, extensivos ao Império Nipônico. Eis a coluna da enorme fila, atravessando a grande ponte que separa os jardins imperiais do resto da cidade de Tóquio.

## Por êsse mundo de Deus



**ESSA VAQUINHA** causou grande distúrbio, no porto de San Francisco, quando, ao subir a prancha do navio que a conduziria para o Japão, atirou-se subitamente à água, e tentou nadar para longe. Mesmo assim embarcou.



**NÃO SE TRATA** de algum crime tenebroso, desses atualmente em moda, mas tão somente do último processo de cura, pelas areias radioativas, levado a efeito no Texas, nas terras já famosas, de um fazendeiro de nome Reese.





ANA MARIA PIERANGELI, a deliciosa estrelinha italiana que tanto sucesso vem alcançando em seus últimos filmes, aqui aparece em uma faceta, acreditamos que inteiramente desconhecida, de seu múltiplo talento: a de acrobata. Vejam como seu esbelto corpo se contorce, para que a boca consiga apanhar o lenço que jaz no chão. (Em tempo: não é nada disso: Pierangeli utilizou, no truque, as pernas de sua irmã, a atriz Marisa Pavan. Afinal de contas, era exigir muito da frágil atriz italiana, cujo casamento com Vic Damone, há pouco, foi tão comentado...)



# PIERANGELI ACROBATA





★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

HUMORISMO

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

## Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 3 E 9 DE MARÇO DE 1954  
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A média dos acontecimentos, na vida do leitor, na semana em pauta, será bem favorável, pois o seu factum alcançará uma posição muito boa em relação ao planeta Marte. Além do concurso poderoso das circunstâncias terá a melhor aceitação da sua vontade.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — O encaminhamento das questões visando a solução desejada não deve ser forçado nem precipitado. As coisas deverão correr naturalmente, sem qualquer desfiguração. A conduta aconselhada eliminará as destavorabilidades reinantes no curso da semana.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período será inicialmente desfavorável. Somente a partir do quarto dia da semana o leitor encontrará seu norte, passando a orientar-se convenientemente.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — As acomodações, os acordos, as soluções amigáveis e os encontros amistosos encherão o clima astral da semana, facilitados como vão ser. Aproveite a oportunidade para liquidar de vez suas pendências.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Os influxos reinantes na semana próxima incidirão favoravelmente sobre sua vida sentimental. Eles propiciarão os noivados, os matrimônios felizes e porão fim às disputas conjugais, harmonizando o lar.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Adie a viagem projetada ou a mudança em vista. Os dias 4 e 6 serão muito perigosos para os transportes em geral e os aéreos em particular. Quanto aos negócios tudo correrá sem maiores novidades.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Haverá perigo de escândalo na família e de desentendimentos com pessoa muito íntima. O período, porém, será benéfico para os negócios dependentes do governo.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O ambiente astral da semana provocará agitação nervosa e uma grande irritabilidade, não sendo conveniente, assim, o encaminhamento dos negócios cuja solução dependa de entendimento pessoal com terceiros.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A semana facultará ao leitor todos os meios para a aceitação das solicitações que fizer. Poderá requerer com possibilidade de ser atendido, nas repartições e no foro. Sua posição será também favorável entre particulares.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O meio astral será de violências que, no caso do leitor, se manifestarão na vida doméstica e no meio profissional. Não provoque a ira dos subalternos. Dispense aos mesmos um tratamento moderado.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A semana lhe apresentará lados bem interessantes, possibilitando-lhe novas e oportunas relações e meios materiais para o imediato afastamento das dificuldades vigentes. As soluções virão prontas e seguras.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Será possível uma modificação substancial e favorável nos rumos do seu destino, no curso da semana em causa. Sua antena sensitiva, bafejada por Júpiter, atingirá o clima fecundo dos Peixes. Seus recursos serão duplicados.

### ● OS NOMES DA SEMANA

|          |   |          |   |            |
|----------|---|----------|---|------------|
| Março, 3 | — | Jovino   | — | Marieta.   |
| " 4      | — | Pascoal  | — | Elmira.    |
| " 5      | — | Salústio | — | Elmana.    |
| " 6      | — | Vitrúvio | — | Fortunata. |
| " 7      | — | Tomás    | — | Perpétua.  |
| " 8      | — | Eutrópio | — | Angela.    |
| " 9      | — | Cândido  | — | Catarina.  |

### ● EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

| Março, 3 | 12° 53' 44" | (Signo dos Peixes) |
|----------|-------------|--------------------|
| " 4      | 13° 53' 51" | ( " " " )          |
| " 5      | 14° 53' 57" | ( " " " )          |
| " 6      | 15° 54' 01" | ( " " " )          |
| " 7      | 16° 54' 03" | ( " " " )          |
| " 8      | 17° 54' 04" | ( " " " )          |
| " 9      | 18° 54' 03" | ( " " " )          |



## Louvação a mangueira

● Há nomes de cantos que têm uma certa ternura. Assim é o nome de Pesqueira, para mim, que de Pernambuco me faz guardar saudades enormes. Pesqueira, fim de linha, cidade cheirando a doce e a tomate que os Britos souberam manipular muito bem e dar de presente de festas ao Brasil como indústria segura, existente mais e mesmo que o petróleo. Quando bati meus pés neste Rio tão grande escondi minhas lágrimas primeiras dentro de um carnaval alegre. Cantavam na rua:

*"Em Mangueira na hora da minha despedida  
todo mundo chorou... todo mundo chorou...  
Foi pra mim a maior emoção da minha vida  
porque em Mangueira o meu coração ficou..."*

O meu coração também tinha ficado em minha terra, mas ninguém havia chorado assim para formar um "todo mundo". Foi choro miúdo de uma namorada sonhando casamento, que o tempo lhe deu outro marido e novas lágrimas, a ele pertencentes.

Mangueira passou a ser uma espécie de curiosidade latente e, mesmo depois que a vi de perto, com sua feiúra sem côr, a autêntica não matou em mim a outra Mangueira de boa rima para os homens da música, para os poetas de pau e corda:

*"Desde o dia em que me despedi de Mangueira  
Nunca mais vi o povo de lá..."*

Outra vez foi chama acesa em meu peito essa revelação de filho ingrato de Mangueira, onde sabias cantavam, onde uma brisa soprava janelas e um quintal era de graça para os pés e para as vistas. Como eu, um ingrato, cantava sua ingratidão. Que bonito cantar um chão de poesia tão pura! Carnavais e carnavais rolaram, até que meus olhos entendessem o mapa desta cidade enorme e enquanto a luta era travada a serviço do estômago, Mangueira emudeceu na boca dos poetas simples que louvaram outros cantos, outros morros, outras desditas misturadas de amor. O samba ficou triste, um tanto proibido, descrente e choroso. Valia repetir o que cantava a lira do poeta Ari Barroso:

*"Quem vai ao samba em Mangueira,  
Chorando o pinho a noite inteira..."*

Ah, essa saudade dentro do meu peito! E de esquecida foi lembrada e cantada:

*"Mangueira, onde é que estão teus tamborins, o nêga,  
Viver somente de cartaz não chega,  
Bota as cabrochas na Avenida, Mangueira querida..."*

Foi sono longo o sono de Mangueira. Acordou neste Carnaval que acaba de ir embora, chocho, triste e careca de gente na rua. Mangueira esteve presente como quem responde apelo de um povo de ontem. Acordou bonita quando ouviu o chamado:

*"Fala Mangueira fala..."*

E ela falou pela voz bonita de seus tamborins, mais eloqüente que a dos políticos de agora; falou pelas côres que cobrem sua gente, gente melhor que outra gente que pisa este mundo e, cantou mais e outra vez como sempre, seus cantos de beleza, e escutou as louvações mais sinceras de bocas que buscam ternura e que de Mangueira nada pedem:

*"Mangueira teu cenário é uma beleza  
Que a natureza criou..."*

FERNANDO LÔBO



Moça bonita, de roupa bonita: Luzia Vitória. Tony Pardina, da lista dos grandes bailarinos.



A.A. dois velhos amigos: Antônio Maria e Araci. Dois da noite.

STUCKER

Foi pedida a prisão do Barão Von Stucker. Seus amigos cronistas mais de perto se apressaram em defender a causa do ex-dono do «Vogue». Ninguém, no entanto temeu pela presença do Barão nas grades, pois toda gente sabe do prestígio que goza este homem da noite nos meios mais altos deste nosso querido e já bem descoberto Brasil. Nem ele mesmo se assustou, pois sabe bem e conhece melhor as nossas leis e essa coisa de «pronunciamento» é coisa que não vai para frente, e não ser que o Barão seja uma exceção.

FOMM

Cronista da noite que leva a noite a sério é sem dúvida J. Fomm. De pé faz ele a cobertura de todas as casas noturnas deste Rio, colhendo em cada uma as informações mais certas. Hoje em dia não é fácil fazer-se um trabalho destes, mesmo de automóvel. O automóvel está pela hora da morte, as motocicletas caras e perigosas. Solução: um cavalo. Mas aí a Inspetoria de Veículos ia criar o caso!

GISELA

Na Bahia, em casa dos seus, passou o carnaval. Gisela Machado, a notável Gisela das mais lindas fantasias que os olhos da noite já contemplaram. Enquanto isto, Carlos Machado seguia para Punta Del Este, onde apresentou e — já se sabe — com absoluto sucesso: «Un Saludo Carioca».

JORGE GREEN

De quando em vez aparecem umas figurinhas neste Rio que ninguém sabe explicar. Booker Pitman foi assim. Uma noite deu de tocar no «Vogue» e ninguém sabia que era ele um dos maiores saxes dos EE.UU. Também, sumiu logo e hoje vive em Londrina com mulher, filhos e saxofone Jorge Green apareceu de repente. Mostrou sua arte, ganhou contrato alto, está ganhando dinheiro alto e vai ficando.

ROTEIRINHO

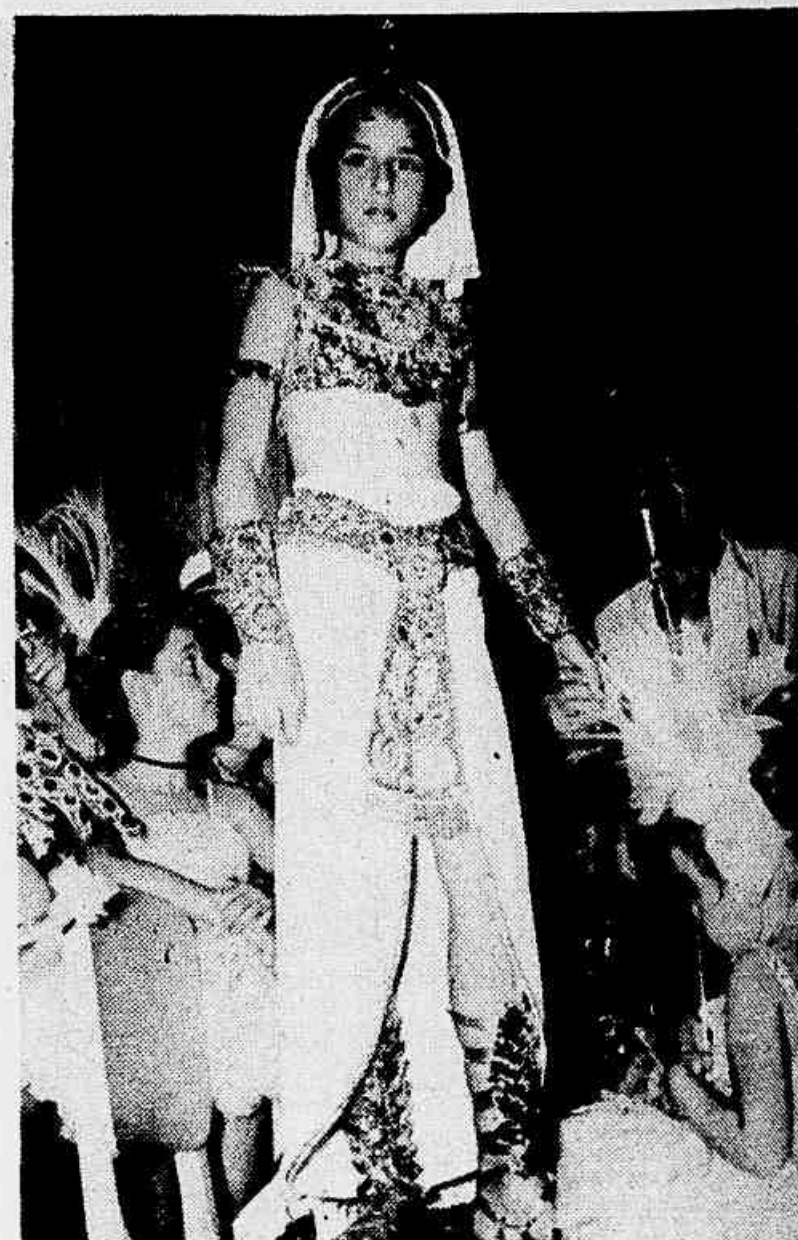
Coma no «Sacha's»: «Bitoca». — Prove a boa carne do Recreio novo — Há um uísque em boa forma no velho «Juca's» — Bar bonito com vista de Copacabana de graça: Hotel Miramar — Silvio Caldas conversado para uma temporada no «Clube 36» — Os Autuori querendo passar para outras mãos o «Jirau». — Leonidas já em Paris — Cuidado com os uísques do «Bolerio». «Alcazar» e outros bares da praia! —





# BAILE INFANTIL DO TIJUCA T. C.

O BAILE infantil do Tijuca Tênis Clube, levado a efeito nos salões do tradicional clube da zona norte da cidade, congregou elevado número de crianças, que, devidamente fantasiadas, diversas com trajes riquíssimos e de bom gosto, por algumas horas se entregaram à folia carnavalesca, ao som de ótima orquestra, que executou todo o repertório de sambas e marchas de que dispunha. Ao contrário de inúmeros outros clubes, em que o baile infantil é apenas um pretexto para reunir, mais uma vez, a turma graúda num samba desentreado, ante o olhar espantado de meia dúzia de crianças, o Tijuca fez questão de organizar uma festa mirim em tudo soberba, para isso não poupando esforços de qualquer espécie. Talvez tenha sido por isso que tudo tenha corrido tão bem, num ambiente alegre e ameno, sob as vistas vigilantes dos papais e mães, inchados de orgulho. (Fotos SÉRGIO ANDRADE).







O TIJUCA primou pela organização de seu baile infantil. Nenhuma intromissão do elemento adulto, ao contrário do que aconteceu em diversos bailes: os salões do grande clube tijucano pertenceram inteiramente à meninada, que não se fêz de rogada e aproveitou a ocasião

## ARTES

JOSÉ ROBERTO

### Morreu Sansão

● Após longa enfermidade, que o prendeu ao leito nos últimos cinco meses de vida, faleceu o decorador e pintor Sansão Castelo Branco, sem chegar a desfrutar o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro que lhe fôra concedido, em 1953, no Salão de Arte Moderna. Nossos leitores certamente hão de estar lembrados que, não mais dispondo de recursos com que custear sua estada no hospital, o artista dirigiu, ao poeta Abgar Renault, então Ministro da Educação, um apêlo no sentido de que lhe fôsse concedido, em cruzeiros, e no Rio de Janeiro, o prêmio ao qual fizera jus, e que, segundo o regulamento do Salão, somente lhe seria pago, em dólares, no estrangeiro. Felizmente que, dessa vez, se esqueceram os regulamentos, e o apêlo, tão justo, de Sansão, foi atendido. A Morte, contudo, desconhecendo ajustes, levou consigo Castelo Branco para uma viagem mais longa e mais difícil do que qualquer outra.

● DIE KUNST — Agradecemos ao Serviço Cultural da Embaixada Alemã a remessa de dois exemplares (fevereiro e julho de 1955) da excelente revista «Die Kunst und der schöne Heim», editada na Alemanha, e como sempre contendo matéria de excepcional interesse no domínio da arquitetura e das Artes Plásticas em geral.

● FEININGER — Faleceu o grande pintor abstracionista Lyonel Feininger, nascido nos Estados Unidos em 1871, de ascendência alemã. Feininger era um dos artistas testemunhas de sua época, e sua obra, profundamente original, avançada e significativa, alcançou, e alcança, entre a nova geração, grande repercussão.

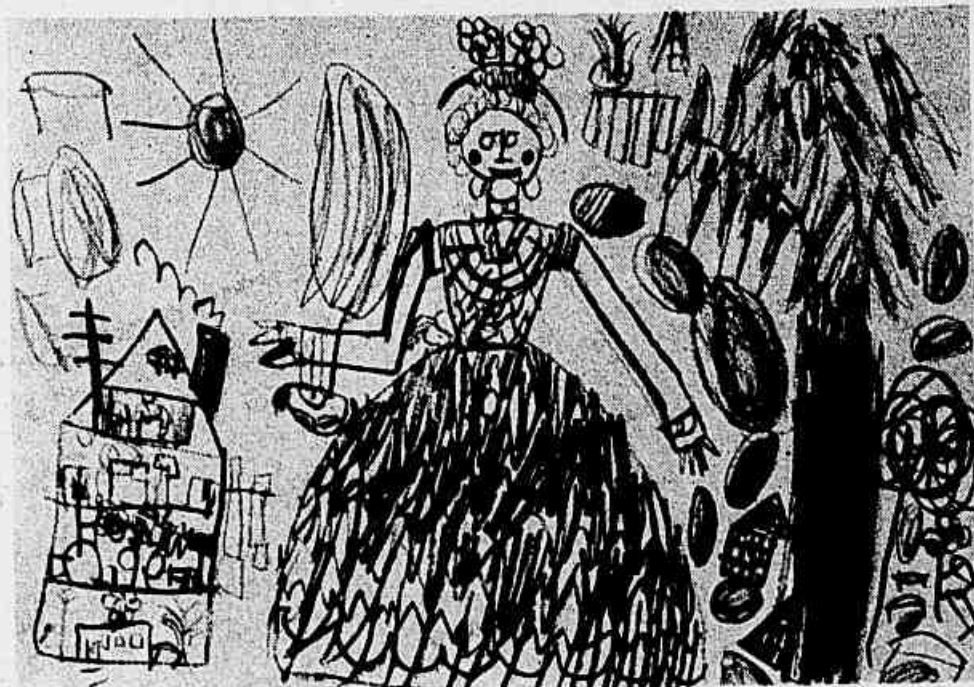
● CURSO DE MUSEUS — Será proferida no dia 15 de março a aula inaugural do Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, pelo professor Mário Barata, que ainda recentemente tomou posse na sua cátedra de História da Arte da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil. A aula versará sobre o tema: «Os Museus — um poder extraordinário a serviço da Cultura», e está despertando grande interesse.

● CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS — Pela primeira vez será realizado, no Brasil, em Ouro Preto, Minas Gerais, um Congresso de Museus, agrupando conservadores, historiadores e interessados em assuntos relacionados com Museus. O certame será levado a efeito em julho próximo, ao que tudo indica, e os preparativos para a sua realização já começaram.

● GARCIA LORCA, DESENHISTA — Em «Poeta en Nueva York», de Federico Garcia Lorca, que a Livraria Civilização Brasileira vem de lançar, como segundo volume da Coleção Maldoror, podem ser apreciados vários desenhos de autoria do grande e infeliz autor de «A Casa de Bernarda Alba». Garcia Lorca, além de ter sido o poeta que todos admiramos, foi um desenhista e figurinista extremamente bem dotado, dêle existindo inúmeros desenhos, bem como belíssimos trajes que criou para os personagens de diversas de suas peças. Sua amizade com Salvador Dali e com outros pintores vanguardistas espanhóis ainda não foi suficientemente estudada, bem assim possíveis influências por êle exercidas sobre a pintura moderna espanhola.

● CARPEAUX — Atualmente, em Paris, está sendo levada a efeito uma importante exposição de esculturas, desenhos e pinturas de Carpeaux, o artista que se tornou mais conhecido graças à sua célebre obra «La Danse» — que aliás, recentes telegramas vindos de França anunciam estar seriamente danificada pela ação do tempo. A exposição se compõe de trezentas peças, a maioria esculturas. Entre essas avultam as diversas preparações para «La Danse», desde 1856 — ano em que o artista concebeu a obra —, até 1869, quando a executou. Como pintor e desenhista, também está Carpeaux bem representado no «Petit Palais». Seus desenhos são uma crônica viva e divertida de Paris sob o Segundo Império.

### Maria Vitória



Há pouco tempo, estava exposta na A.B.I. uma interessante mostra de Arte Infantil, iniciativa de «Diário de Notícias». Entre os inúmeros desenhos de que se compunha a exposição, chamavam a atenção os de Maria Vitória Guimarães Lima, de apenas 5 anos de idade, a quem foi atribuído o primeiro prêmio, entre os demais concorrentes de sua categoria — de 2 a 6 anos de idade. Maria Vitória é neta de nosso companheiro Alberto Lima, um dos mais notáveis ex-libristas nacionais, artista de qualidades reconhecidas. Circunstância interessante: também seu pai, Vitor Lima, quando criança, foi o vencedor de um concurso destinado a escolher um desenho infantil que seria o motivo de um selo comemorativo de 12 de outubro, Dia da Criança. Quem sai aos seus...



# GAVIÕES E CAIAPÓS EM PÉ-DE-GUERRA

**INTRANSIGENTES NOS SEUS DIREITOS OS ÍNDIOS NÃO SE DEIXAM ROUBAR ★ TREZE BRANCOS MORRERAM E MUITOS OUTROS RESULTARAM FERIDOS ★ É FALSA A DECLARAÇÃO DO SERINGALISTA AFRÍSIO NUNES ★ EDUARDO CATALÃO, RESPONSÁVEL PELOS CONFLITOS SANGRENTOS QUE OCORREM NO MÉDIO XINGU**

Reportagem de JOSÉ LOUZEIRO

Fotos do MUSEU DO ÍNDIO

**N**A extensa região ao sudoeste do Estado do Pará habitam, dentre outras, duas tribos indígenas ainda não civilizadas por incúria dos poderes governamentais do país: caiapós e gaviões. Que continuasse em desenvolvimento a política de exploração do índio, isto é, a subtração do produto básico de sua alimentação, em determinadas épocas do ano, a trôco de

metros de fazendas vistosas e espelinhos baratos, estava certo, pois quase de maneira idêntica são tomadas medidas noutros setores de atividade... O que não se admite; o que constitui crime, é que um ministro (referimo-nos ao sr. Eduardo Catalão), durante a sua gestão, tenha cortado as verbas destinadas ao Serviço de Proteção aos Índios, demonstrando assim pouco



Guerreiros da tribo dos gaviões, exaltados com a chacina aos caiapós, reúnem-se na floresta, a fim de lutarem contra os brancos inimigos que, não se contentando em desrespeitar os limites das possessões indígenas pretendem exterminá-los.







senso administrativo e irresponsabilidade. Se o objetivo do governo é a dizimação direta ou indireta dos primitivos habitantes do Brasil, por que então não liquidá-los de uma vez por todas, ao invés de criar instituições com epígrafes sonoras e de fácil pronúncia, quando elas são tolhidas de realizar as obras a que se destinam?

O que se está verificando agora, portanto, não nos surpreende, pois já presenciamos massacres de índios em outros Estados da Federação, como em Mato Grosso e no Maranhão. Chegamos mesmo a acreditar que o silvícola brasileiro é tido como uma fera incapaz de ser domesticada e que, por isso, deve desaparecer do continente que lhe pertenceu em tempos idos. Os seus direitos não são defendidos, nem a sua dizimação em massa inspira tristeza. O índio é relegado a um plano inferior, vem à cidade para servir de atração pública, simples reclame, nada mais.

#### ● POR QUE OS ÍNDIOS BRIGAM

Como declarou à imprensa o sr. Lourival da Mota Cabral, diretor do Serviço de Proteção aos Índios, a Lei Orçamentária para o exercício de 1955 consignou ao SPI a dotação de quatro milhões de cruzeiros. Dois milhões foram recebidos por aquele serviço no começo do ano passado, para serem distribuídos entre cento e cinco postos de ação. Os dois milhões restantes deveriam ser entregues antes de findar o ano. Entretanto, o Ministro da Agricultura decidiu em contrário, exatamente na hora em que se fazia mais necessário o dinheiro. No Pará, este período do ano é a época aproveitada pelos seringalistas para a colheita de castanhas. Empenhados em realizar bons negócios, os seringalistas enviam os castanheiros para a região dos índios, embora saibam do perigo a que expõem seus homens. Sendo a castanha o produto principal do índio, o choque é inevitável. Em anos anteriores o SPI conseguiu manter os indígenas em perfeita calma, enviando à frente dos castanheiros, turmas de «atração», com presentes (lacas, machados, foices, etc.). Sem a verba esses presentes não puderam ser obtidos. Mesmo assim os castanheiros decidiram arriscar-se. Os índios, intransigentes na defesa das suas casas (ocas), conseqüentemente de suas famílias, procuraram rechaçar os invasores dos seus domínios. Os castanheiros recuaram mas, depois, armando-se de rifles e espingardas, tentaram a obtenção das castanhas à força. Isso foi o bastante para que se travasse a luta sangrenta, na qual dezenas de gentios tombaram sem vida, enquanto treze brancos foram mortos e muitos outros resultaram feridos. E a luta prossegue porque os seringalistas, tendo contraído grandes débitos com o Banco da Amazônia, têm que produzir castanhas a qualquer custo, ainda que com o sacrifício de vida dos próprios castanheiros, como está acontecendo. Os seringalistas não respeitam o limite das possessões indígenas, repetimos, e pretendem exterminá-los naquela região do Médio Xingu.

Mãe indígena, com seu filhinho à moda da tribo, uma das possíveis vítimas do ataque dos castanheiros no Médio Xingu às aldeias dos índios caiapós e gaviões.



# GAVIÕES E CAIAPÓS

## ● DECLARAÇÃO DE UM SERINGALISTA

O sr. Afrísio Nunes, abastado seringalista do Xingu, vindo à capital paraense por via aérea, procurou avistar-se com as autoridades federais e estaduais daquele Estado, às quais declarou que «os índios caiapós e gaviões, **eslomeados**, estão massacrando castanheiros e seringalistas. Como os trabalhadores, amedrontados pela fúria dos selvagens, se recusassem a prosseguir na colheita — disse ele — mandei meu filho para as matas, a fim de restaurar a confiança nos castanheiros.» «Se a iniciativa não lograr êxito» — acrescentou o sr. Afrísio Nunes — «grande será o prejuízo na safra deste ano, porque chegando a época das chuvas não é possível continuar no trabalho.» Frisou, ainda, que

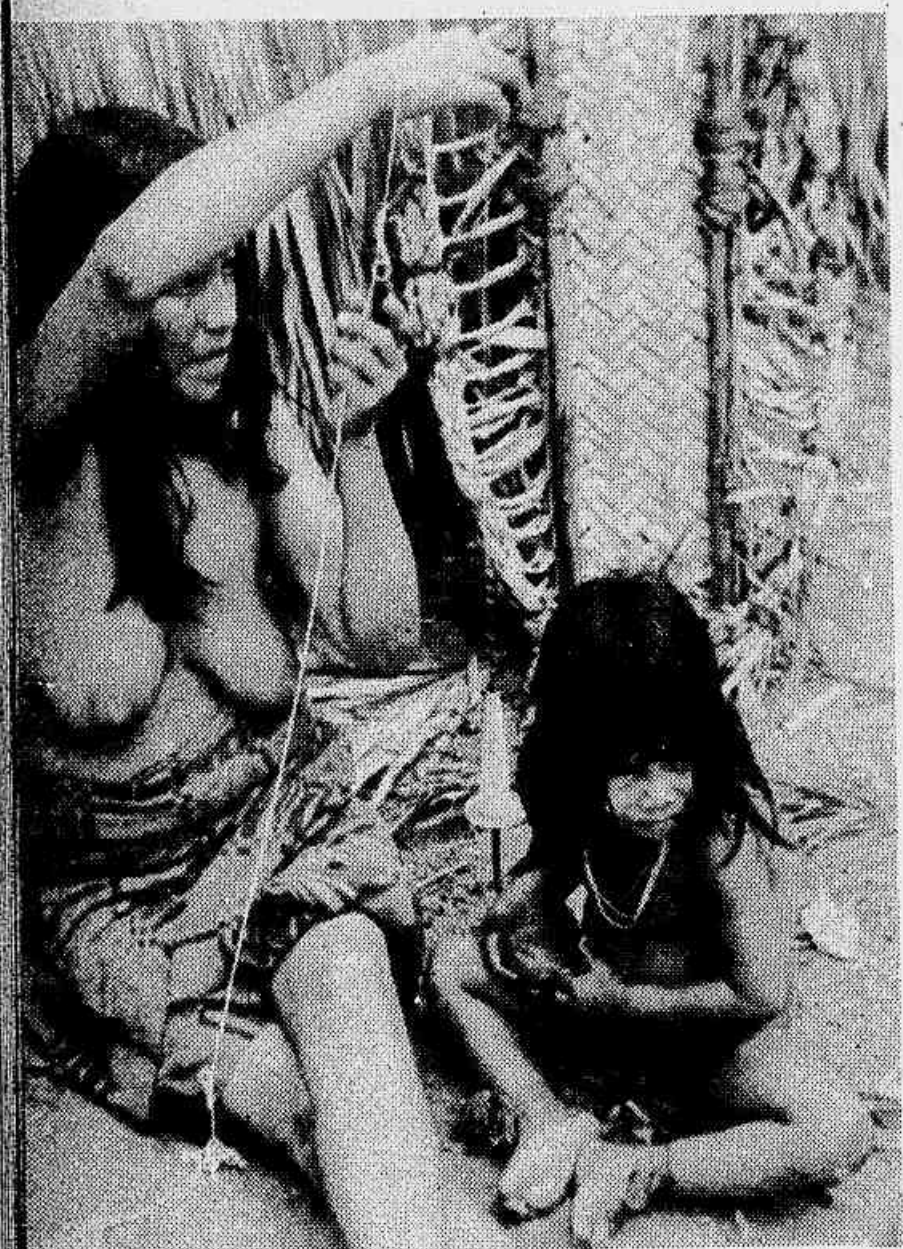
Mulher indígena pacificada dedica-se ao fabrico de algodão, com o qual tece suas roupas.

os caiapós estão saqueando casas nas proximidades do rio Iriri, onde foram mortos a flechadas os castanheiros Raimundo Nogueira e Maria Roldão. Suas casas foram queimadas e as plantações destruídas. Em Jacundá os índios gaviões tentaram vários ataques ao povoado dos brancos e, num deles mataram três pais de família e outros três ficaram gravemente feridos.

## ● OS BRANCOS VÃO À FORÇA

Considerando-se prejudicados, os seringalistas tentaram armar grupos de voluntários para, em represália, promoverem verdadeira «caça» aos caiapós e gaviões. Isso, porém, não será fácil, porque, sendo aguerridos e numerosos, os índios revidarão ao ataque dos brancos, origi-

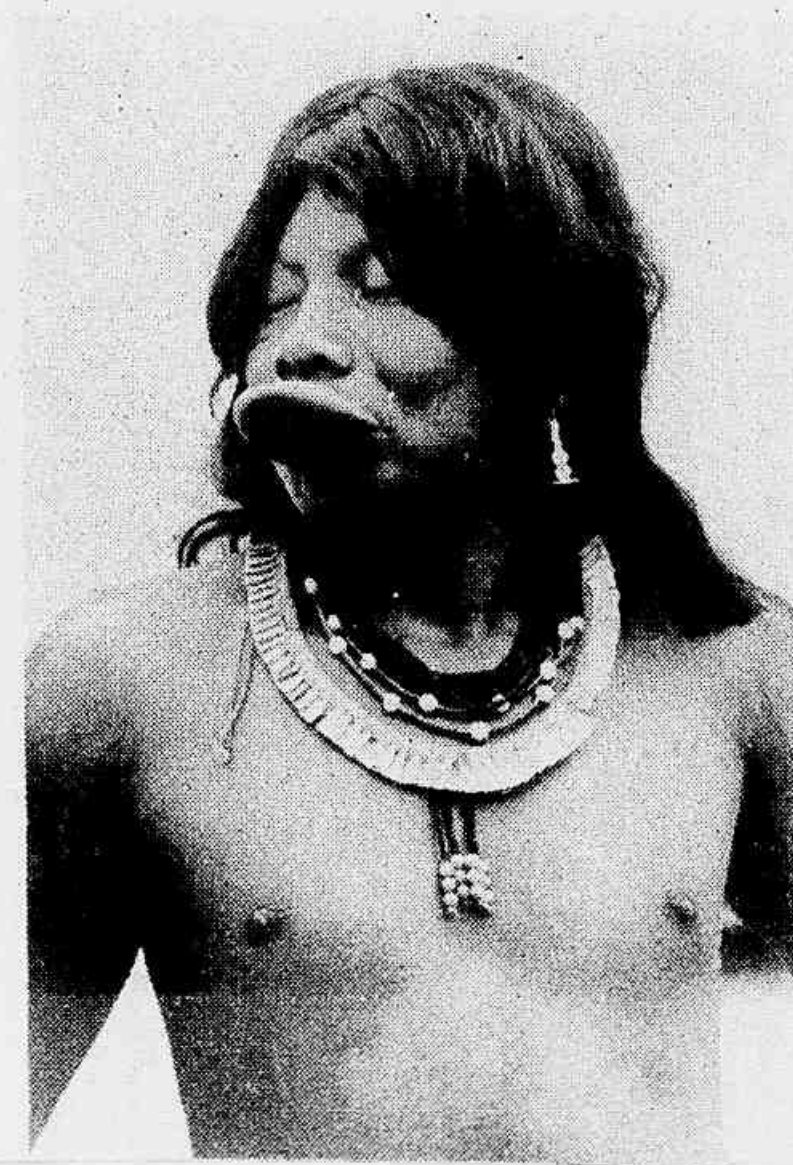
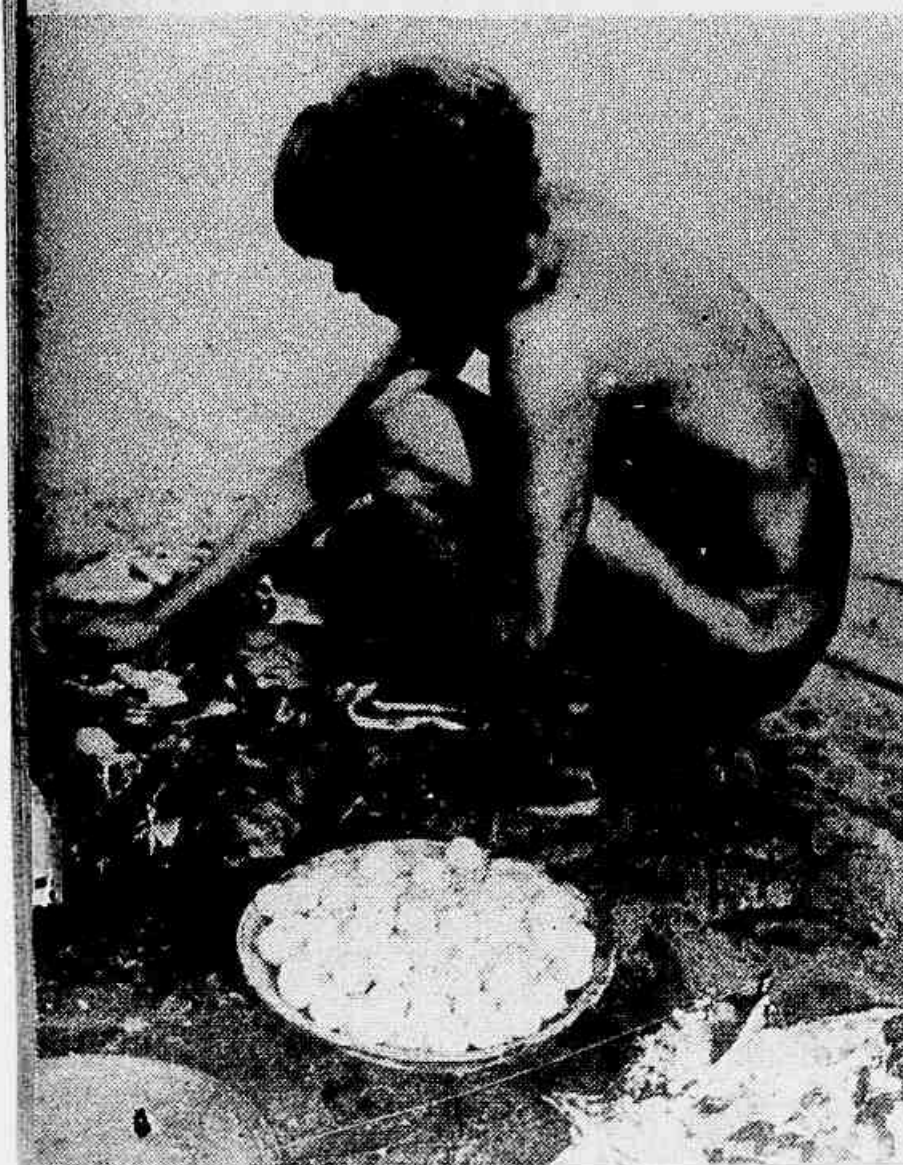
Centenas de gentios, como o desta foto, estão sendo mortos pelos seringalistas inescrupulosos.



Resignado ao seu estado primitivo este índio gavião recolhe ovos de uma grande tartaruga.



Índio caiapó, tão civilizado quanto o castanheiro que lhe rouba a vida, ante a objetiva.



## OS ÍNDIOS SÃO HUMANOS, AMAM SEUS

nando-se grande conflito naquela região do Norte do país. Essa deliberação dos seringalistas, segundo fomos informados, será executada sem alardes, como é de praxe, para que não haja intervenção das forças policiais de Belém. Enquanto isso — disse-nos o Diretor do Museu do Índio, sr. Darci Ribeiro — fica completamente inutilizado todo o trabalho de pacificação realizado naquela região. Inclusive os índios já pacificados não mais acreditarão nas boas intenções dos brancos. É evidente que, se os homens ditos civilizados, toda vez que se dirigem aos gentios, os tratam de armas em punho, prontos a exterminá-los ou procurando roubá-los para satisfazerem compromissos monetários dos quais nada compreendem, não poderão os mesmos captar a simpatia dos representantes da raça quase extinta, que habita em nossas matas.





FAMILIARES, CULTIVAM SUAS TRADIÇÕES. NA FOTO ALGUNS DELES INTERPRETAM UMA DANÇA NATIVA. EM BAIXO, VISTA AÉREA DA REGIÃO.

#### ● EXISTEM BRANCOS QUE MORAM EM TERRITÓRIO INDÍGENA

Próximo à aldeia dos caiapós inúmeras são as casas que já foram construídas, graças à habilidade dos sertanejos que nelas residem. Tratando os indígenas como seres humanos, dignos portanto de respeito e consideração, aqueles intrépidos sertanejos são correspondidos pelos caiapós, e vivem em perfeita paz. Isso vem provar que o índio brasileiro não é um selvagem, como já nos acostumamos a denominá-lo, bem como não promove assaltos ao povoado dos brancos sem que haja um motivo que o obrigue a assim agir. E, como é de lei pertenceram aos silvícolas as terras em que eles habitam, não poderemos de maneira alguma incriminá-los ou responsabilizá-los pela morte de homens civilizados que pretendem espoliá-los dos seus bens, inclusive violar suas mulheres. Os seringalistas, porém, na sede de

enriquecer facilmente, pouco se incomodam que índios e castanheiros se matem. Para eles, uma coisa apenas importa: castanhas ensacadas, no depósito. Que os seus empregados devam arrostar toda sorte de perigos e misérias, além de instigar os índios a uma luta de graves consequências, nada significa. O castanheiro é o escravo branco, perdido nas florestas.

O índio é humano, tem sentimentos, ama seus filhos e mulheres, respeita as suas leis, cultiva suas tradições. E o SPI, que tantos esforços emvidou em prol da pacificação dos indígenas, por infelicidade do sr. Eduardo Catalão, vê-se tolhido de defendê-los contra o abuso e irreverência de seringalistas inescrupulosos.

Para o futuro, porém, estamos certos de que o governo tomará providências no sentido de que sejam as determinações do Serviço de Proteção aos Índios acatadas pelos homens brancos do Médio Xingu.





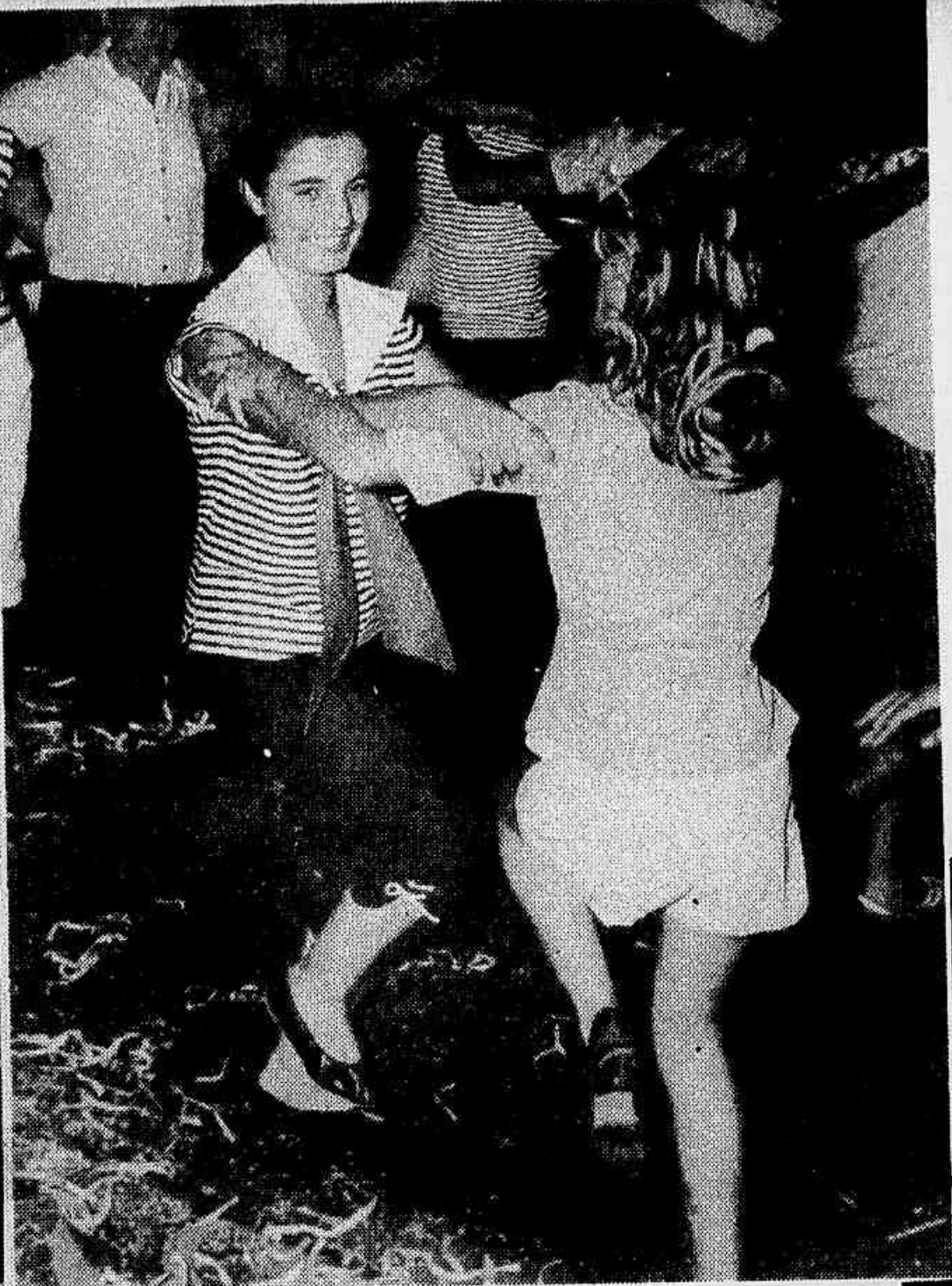


## BAILE INFANTIL DE QUITANDINHA

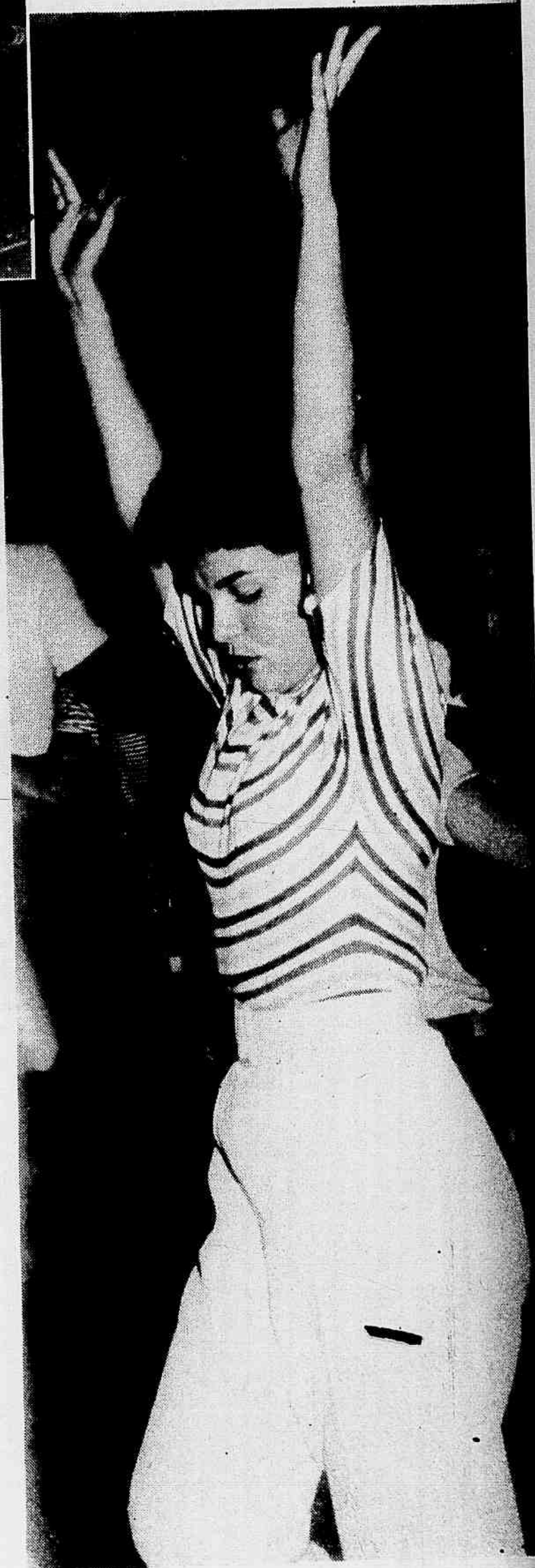
● NO QUITANDINHA, foi levado a efeito um baile infantil — aliás, com ingressos caríssimos. Mas, circunstância interessante, e não de todo louvável, no vasto salão do grande hotel petropolitano, crianças e adultos, numa mistura condenável, sambavam ao som dos últimos e desenxabidos sucessos carnavalescos... Ao lado de criancinhas de três, quatro ou cinco anos, de adolescentes de quatorze ou quinze, viam-se, em Quitandinha, brotos e super-brotos, marmanjos e galaláus de tôdas as idades! Lá para determinado momento, as coisas adquiriram tais proporções, que os verdadeiros donos da festa, isto é, as crianças, mal ocupavam um cantinho do salão, espremidos pelos passos e pulos dos adultos. Enfim, sempre







houve crianças que se divertissem. Essa que se vê na foto à esquerda, por exemplo, tirada no início do Baile, resolveu inclusive deitar-se no meio do salão — estranho modo de brincar carnaval... Mas no fim, os intrusos levaram os miúdos de vencida, e o baile infantil do Quitandinha tornou-se somente um apêndice do seu baile de domingo. Vamos a ver o que acontecerá para o ano. Por estranho que pareça essa «criancinha» de camisa listrada, aí em baixo, foi uma das mais animadas loliãs do baile «infantil» do Quitandinha. O tradicional baile do grande hotel serrano teve de tudo — até mesmo crianças. Mas essas, como quase sempre acontece, levaram à pior. (Fotos de Sérgio Andrade).





**D**EZEMBRO. Calor intenso. Asfixiante. Calor que produz inquietação, suor, mal estar. Minha impressão é de que na cidade o calor é menos tolerável. Ficar em casa é um suplício. Sair é um martírio. Chego a janela e não vislumbro sequer um mínimo sinal de chuva!

O sol está mais forte do que nunca. O dia de tão claro chega a doer na vista. No espaço, longos fios de transparência dourada dançam coreografia estranha.

Ah! Quem dera que caísse uma chuva bem forte, nem que fôsse acompanhada de tempestade, mesmo que derrubasse árvores, mesmo que alagasse as ruas, que causasse alguns danos e prejuízos, não teria importância, contanto que chovesse. Há tanto tempo que não chove!

Pelo menos podia haver uma pequena mudança de tempo; que caísse um pouco a temperatura, que uma brisa amena e doce soprasse para gáudio de toda a população... mas, nada! Tudo não passava de doce esperança.

O sol continuava a pino e a canícula cada vez mais causticante.

Volto para o interior do meu quarto e não sei se me deito, se me sento ou se... para dizer a verdade, naquele momento o meu maior desejo era poder voar.

Por toda parte ouvia-se o clamor de toda gente.

no futuro, que os seus dotes físicos tácitamente já lhe asseguravam e aos quais, eu e meu amigo rendemos sincera homenagem.

Caminhamos mais um pouco, e de repente deparamos com um guarda que vinha ao nosso encontro, segurando um bastão, em atitude agressiva! Estacou à nossa frente, cortando-nos a passagem. Olhou para mim e para meu companheiro, várias vezes, alternadamente como se nos analisasse, assim como quem analisa porcos para comprar, e ante nosso olhar de espanto, ele bateu, levemente o bastão no ombro do meu companheiro, como que escolhendo-o, e disse com uma voz rouca e estranha, num tom verdadeiramente místico:

— Você! Você tem um aspecto de homem honesto. Tem jeito de ser uma pessoa a quem se possa confiar um segredo.

Meu companheiro ficou meio confuso, meio estupefacto, meio assustado, enquanto que eu, observando detidamente a singular personagem, conferi-lhe logo, devido às suas maneiras e aos seus gestos um tanto bruscos, um espírito de pilhéria; um folgazão querendo brincar às nossas custas. Observei rapidamente os seus traços, o seu porte. Embora a sua farda estivesse meio surrada e suja, havia nele, entretanto, um certo garbo, uma certa altivez, uma certa galhardia. Tera um metro e oitenta e cinco mais ou menos. Olhos negros e profundos, um tanto inquietos, num rosto moreno escuro, comprido e mal barbeado.

Notando que ele me fitava de maneira estranha, pensei que desejasse me ver longe, a fim



# "UM HOMEM A QUEM DEUS DEVIA

Conto de SAMIR DE MONTEMÓR

Desenho de J. MONTEIRO

— Que calor! Quando teremos chuva?

Torno à janela e vejo um amigo, que me convida a dar um «giro» com ele.

Aceito, e vamos os dois caminhando lentamente, de quarteirão em quarteirão, comentando vários assuntos, como seja: criticar o governo, maldizer a alta sempre crescente dos preços e o baixo nível dos salários, a falta de água, a falta de luz, a falta de dinheiro, a falta de caráter, enfim, a crise. Crise geral. Não nos esqueçamos também de falar mal de muitas pessoas conhecidas e desconhecidas. Cumprimos vários transeuntes, uma velha gorda sobre quem fizemos comentários pouco lisonjeiros, um senhor de cadilac a quem cobrimos de fortes vitupérios, desabafando assim o nosso recalque de pequenos burgueses muito empenhados numa reforma social, e finalmente cumprimentamos um lindo «brôto» — gentil garôta de seus desessete anos que ao passar por nós, exibia um lindo sorriso de confiança

de revelar o segredo somente ao meu amigo, que foi quem lhe inspirou maior confiança. Feliz por poder me afastar um pouco daquela estranha figura, arrisquei:

— Vou até ao bar da esquina tomar um refresco...

— Não! — atalhou o guarda com uma firmeza digna de um ditador. — O senhor deve ficar. O senhor deve, também, conhecer o meu segredo.

Sem outra alternativa, fiquei.

Rasgando um sorriso de dentes brancos, perfeitos, o guarda respirou fundo como quem acaba de obter difícil vitória e prosseguiu num tom mais animado.

— Convém que eu lhes diga quem sou e como me chamo. Meu nome é... César — o grande imperador romano, depois de várias gerações.

Depois da apresentação, ele ficou olhando para mim e para o meu amigo, fazendo dançar os olhos nas órbitas num ritmo de conga! Para lá, para lá, pra cá, pra cá, pra cá, pra lá. E com a boca meio aberta e o sorriso grande, ficou esperando nas nossas fisionomias o efeito que tinha causado o estarmos conhecendo ali, naquele momento, numa rua tão modesta, uma figura tão importante, uma personagem tão famosa.

Diante do nosso ar de imbecilidade — ele talvez tivesse pensado: — Esses idiotas talvez nem saibam quem foi César, o imperador romano —, e como nos limitamos a dizer apenas

— Muito prazer.

Ele prosseguiu.

— Vou lhes contar uma história. Vamos ver se me compreendem.

**Meu amigo e eu, como que voltando de um sonho, íamos comentar o fato, mas...**





numa pequena gargalhada desalinada, que foi crescendo, crescendo, até se tornar numa retumbante gargalhada, digna de um radiador de novelas.

Meu amigo e eu estremeçemos, demonstrando sem querer um certo medo. (Era indistigável o nosso pavor!)

Percebendo o nosso medo, ele diminuiu a gargalhada, que foi decrescendo, decrescendo, até parar por completo. Todavia, começou a bater com o bastão na palma da mão. Com o mesmo ritmo cronométrico. Fêz uma pausa, olhou-nos profundamente, empertigou-se um pouco e com voz firme e solene afiançou:

— Enquanto não for cumprida essa promessa, não haverá chuva, mesmo que a humanidade inteira venha a morrer sucumbida pela insolação e pela inanção.

Enquanto falava seu seblante ia ficando transtornado, adquirindo um quê de fantasmagórico; como se fora um profeta, arrematou:

— Portanto, só quando estiverem nos meus bolsos, os dois milhões de cruzeiros é que teremos chuva, mas chuva com abundância, e tudo voltará à primitiva normalidade.

Meu amigo e eu olhávamos para aquele homem com os olhos estatelados, sem ousarmos aventar qualquer palpite, ou arriscar qualquer atitude. Ele fez uma transição fisionômica, voltando daquele estado de embriaguês místicoide, ao estado normal; respirou fundo, estendeu-nos a mão num cumprimento cordial e partiu. Na primeira esquina, dobrou e desapareceu.

Meu amigo e eu como que voltando de um sonho, íamos comentar o fato, mas... Ah! Não houve tempo. Gotas de chuva (uma daria para encher uma colher de sopa) começaram a cair com uma violência de arrepiar. O que pudemos fazer foi correr cada qual para sua casa, o mais depressa possível. A chuva foi aumentando, relâmpagos cortavam o espaço intermitentes. Trovões reboavam dez vezes mais fortes do que tiros de canhão. Raios estalavam como chicotadas em lombo de animal. Enorme manto escuro parecia cobrir toda a natureza. As crianças choravam. As mulheres rezavam. Num edifício e outro, janelas esquecidas abertas, batiam loucamente, produzindo uma sinfonia macabra. Tinha-se a impressão de que o mundo estava desabando.

Em meio a esse turbilhão, eu comecei a pensar!

— Teria o guarda recebido os seus dois milhões de cruzeiros?!

Sorri da minha própria ingenuidade em acreditar em tão extravagante história, quando subitamente, ouvi batidas fortes e insistentes na porta de minha casa. Corri pressuroso a abri-la e qual não foi o meu espanto ao deparar com a figura do estranho guarda, todo molhado, implorando aflito e quase com voz de choro.

— Proteja-me, senhor. Querem tomar o meu dinheiro. Os meus dois milhões de cruzeiros.

Pensei com os meus botões. «Será possível?!»

Nisso, um policial surge, e agarrando-o pelo braço, prende-o, apesar do esforço que fazia para escapar. Outros policiais chegaram e o amarraram.

Um dos policiais explicou-me:

— É louco. Fugiu hoje de manhã do manicomio. Matou um guarda e vestiu a roupa dele.

Comovido e impressionado assisti àquela prisão. Partiram. A chuva ainda continuou por muitos dias, felizmente.

Alguns anos são decorridos, após esse insólito acontecimento.

Entretanto, cada vez que chove, lembro-me do infeliz guarda, que de guarda só tinha a farda que não era dele. Na mão esquerda o bastão e na direita um maço de papel de jornal cortado, que lhe deu a ilusão, embora fugaz, de ser um milionário. De possuir dois milhões de cruzeiros. Pobre milionário!

Meu amigo e eu nos entreolhamos. O guarda baixando a voz em tom de segredo, disse, segurando a gola do paletó do meu amigo.

— Certa vez, alguém prometeu dar a Deus a importância de dois milhões de cruzeiros. (Vocês sabem que quando alguém promete qualquer coisa a outro alguém, deve cumprir, principalmente se esse outro alguém é Deus, não é verdade?)

Meu amigo e eu acenamos afirmativamente com a cabeça e o guarda continuou:

— Pois bem. Esse alguém, julgando naturalmente que Deus pudesse ter esquecido, não cumpriu ainda a sua promessa! Sendo eu o herdeiro universal de Deus, estou sendo por conseguinte prejudicado, pois na verdade, Deus está se esquecendo de pedir contas a esse alguém!

Meu amigo e eu nos entreolhamos e balan-

çamos a cabeça como quem diz: Ora! Deus não devia esquecer!...

Sentindo-se compreendido, o guarda sorriu e prosseguiu.

— Embora eu me corresponda diretamente com Deus, todos os dias, não me atrevo a lembrar-lhe tal fato, porque tenho receio que Ele se aborreça e me deserte.

E arregalando desmesuradamente os já grandes olhos negros, acrescentou num tom de advertência.

— Dizem que Deus não gosta de ser contrariado!

Meu amigo e eu acenamos com a cabeça, concordando. Nessa altura o estranho guarda levantou lentamente o bastão e começou a bater com ele na palma de sua outra mão. Batidas compassadas. Cronométricas. Sorriu. Resolveu aumentar o sorriso. Transformou-o

**ah! não houve tempo. Gotas de chuva caíam com violência de arrepiar...**

JErome  
RIBEIRO

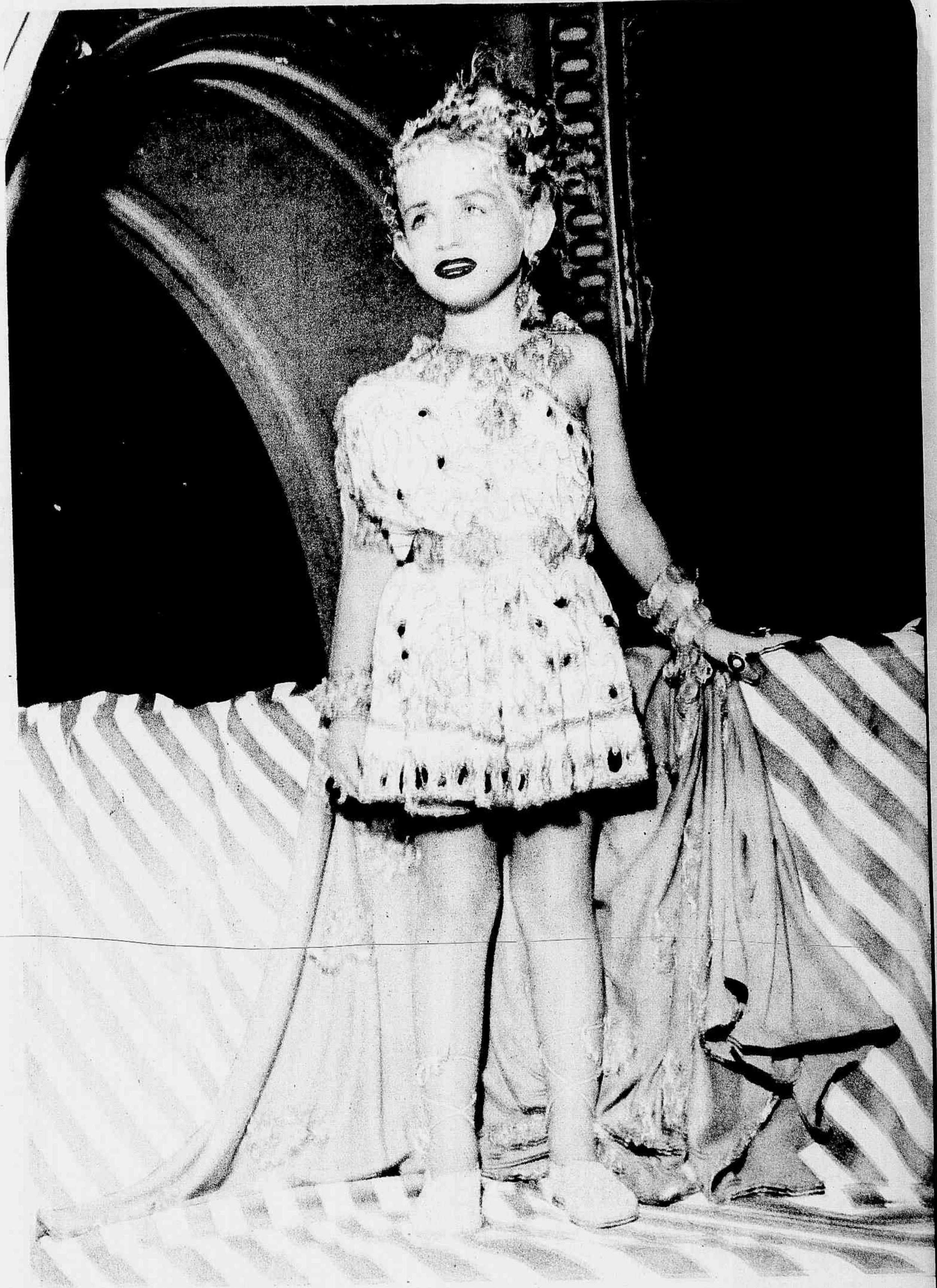




O PINTOR — Com essa belíssima fantasia, homenagem a Salvador Dali, cujos bigodes-antenas foram copiados com mestria, o menino Euclides Marinho da Silva Filho conquistou o primeiro prêmio de fantasias para meninos, no baile infantil do Teatro Municipal. Muita gente, em desacôrdo com a deliberação final, manifestou ruidosamente seu desagrado ao Júri.

# BAILE INFANTIL





# DO MUNICIPAL

HELENA DE TRÓIA — A menina Ana Cristina de Almeida classificou-se em primeiro lugar no concurso de fantasias para meninas. A decisão do júri — composto do dr. Rocha Lagoa, juiz de menores; Bruno Giorgi, escultor; Fernando Pamplona, decorador; Sílvio Piergile, maestro; Nelson Rodrigues, escritor; e Hélio Valcacer, vereador, também sofreu séria crítica.



# BAILE INFANTIL DO MUNICIPAL



**PESCADOR CHINES.** Mereceu o 2º lugar no Concurso de Fantasias Infantis. Dado a conhecer, o veredictum mereceu protestos veementes de muitos.

● JA SE TORNOU tradicional o grandioso Baile Infantil todos os anos realizado, na tarde de terça-feira gorda, no Teatro Municipal. Pode-se até mesmo dizer, sem medo de errar, que, o que o grande Baile de Gala da segunda-feira representa para o Carnaval dos adultos, ou seja, seu ponto máximo de animação e de esplendor, seu ápice absoluto, significa, para a turminha miúda, o Infantil. O que varia é tão somente a estatura dos foliões. Porque, em matéria de alearia de vibração, os páreos se equi-



**ESSA FANTASIA,** de Bailarina Indonésia, atraiu as atenções gerais. Estava realmente original e mereceu o aplauso dos presentes.

**OS CHINESES** deram sorte, no baile infantil do Municipal, esse ano. Esse mandarim, por exemplo, ganhou um dos primeiros prêmios. Mereceu.





**FANTASIAS** exóticas e custosíssimas foram apresentadas. Essa menina, por exemplo, foi alvo da admiração e curiosidade pelo seu belo traje.

O **CALOR** não se fez sentir muito intenso, este ano, no decorrer do baile infantil. Com esse traje, já pensaram como se sentiria essa menina?

param. Sem a euforia ilusória e artificial causada pelo álcool, mas tão apenas com a natural, da infância, os pequeninos adeptos de Momo brincaram de verdade, durante as longas horas — que a muitos, é claro, hão de ter parecido curtas — que durou o Baile. Aliás, esse ano a coisa esteve magnífica, talvez ainda mais do que nos anos anteriores. O imenso salão em que foi transformada a platéia do Municipal, por um golpe de mágica, atraiu ao seu seic grande número de crianças, cujas idades varia-

vam entre os três e os quinze anos. E os foliões-mirim, ante o olhar de coruja dos papais, não se fizeram de rogados e começaram imediatamente a experimentar os mais difíceis e complicados passos, fazendo o solo atroar com seus pezinhos diminutos, e o teto retinir com suas agudas vozes. A música de-maravilhosa orquestra contribuiu muitíssimo para o êxito da tarde. As fantasias, luxuosíssimas em sua grande, imensa maioria, constituíram o ponto alto do Baile, sendo mesmo o principal atrativo para os

muitos olhares adultos que sobre elas convergiam. Pelo número e originalidade desses trajes, viu-se a braços a Comissão Julgadora do Concurso de Fantasias Infantis com sérias dificuldades, antes, durante, e depois de realizado o desfile. Algumas pessoas não se conformaram com o resultado do concurso e passaram a, em altos brados, e com gestos veementes, manifestar sua desaprovação. Felizmente, logo os ânimos serenaram, a música recomeçou, e a meninada, indiferente ao resto, caiu no samba.



**UMA DAMA** antiga cônsua de sua alta estirpe de sua nobreza, foi essa menina, cuja fantasia embarçou muitíssimo os membros da Comissão.



**GRUPO** formado por 3 animadas adeptas de Momo. Se agora já foi o que se viu, o que não será daqui a dez anos? Momo que se prepare.



**NOS BRAÇOS** da irmãzinha, esse pequenino leopardo, ante nosso fotógrafo, perdeu a ferocidade e quase ensaiava um choro inoportuno.



## CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



## WEEK-END NA COZINHA

No verão as crianças (e as grandes também) gostam de tomar gelados a todo momento: sorvetes, refrescos e suas mil e uma variedades intermediárias. Para variar, experimente esta receita deliciosa:

**NUM COPO GRANDE** ponha duas colheres de sopa de melado grosso. Termine de encher com leite, quase até ao topo. Ponha algumas gotas de Angostura ou outro «bitter» aromático. Por cima coloque uma bola de sorvete de creme, chocolate ou flocos. Misture-se com uma colher de cabo comprido.

**UMA OUTRA RECEITA** com melado: bata bem partes iguais de leite e de melado grosso até obter um creme leve. Use-o para cobrir sorvetes de creme ou de chocolate. Espalhe por cima um pouco de amendoim picadinho.

**FINALMENTE, UMA RECEITA** «especial»: encha um copo com vinho «frizante», coloque uma bola de sorvete de creme ou de côco. Sirva como sobremesa ou na hora do lanche, quando não tiver crianças em casa.

## APRENDA A SER ELEGANTE COM AS "MODELOS"...

O SONHO de todas as mulheres é ter o porte elegante e a silhueta fina como as modelos profissionais. Naturalmente, nem todas podem conseguir isso; porém, caminhar com graça e saber usar um vestido bonito com «aplomb» todas sabem. Alguns «segredos» das modelos podem ser postos em prática por todas.

Antes de qualquer coisa usam sempre uma faixa elástica que vai do busto às cadeiras, para modelar a silhueta evitando deformações. Todas as manhãs um quarto de hora de ginástica no próprio quarto: exercícios com os braços, para os músculos do busto; flexões para a frente para manter a cintura fina; movimentos de rotação no chão para conservar a linha das cadeiras.

A mesa tomam muito cuidado com o que comem principalmente quando têm tendências para engordar. Além disso, precisam de uma atenção contínua para controlar todos os movimentos e evitar posições pouco graciosas ou desleixadas, e ao mesmo tempo corrigir certos defeitos de postura que quase todo mundo tem.



Na primeira aula a futura modelo aprende a manter os ombros na posição correta: não torçá-los para trás, não deixá-los cair para a frente, não deixar a cabeça pender para a frente, o que favorece o aparecimento da «papada». A posição certa é intermediária, com as espáduas levemente arredondadas para a frente. Na segunda lição aprende a caminhar com um livro na cabeça e colocando um pé bem em frente do outro.

Passa para a terceira lição: caminhar descalça na ponta dos pés, sempre com o livro em equilíbrio. Assim, a jovem se habitua a colocar os pés racionalmente: primeiro a parte anterior e depois os calcanhares. Ao mesmo tempo aprende a conservar os joelhos flexíveis para que o passo seja leve. A seguir, ensinam-lhe a dar uma volta com um só movimento de rotação nas pontas dos pés, colocando um em frente ao outro.

Uma lição é dedicada aos braços e mãos, que devem ser movimentados com graça; outra a vestir um casaco e tirá-lo com movimentos elegantes; e às várias «nuances» do caminhar: de maneira desportiva com tualete esportiva, compassadamente com vestido de noite. As aulas seguintes são dedicadas aos diversos tipos de maquilagem, a pôr em evidência certos detalhes dos modelos que apresentam e outros particulares profissionais. Não é fácil passar o exame final: a modelo perfeita é de linhas harmoniosas, sóbria, controlada e mede o menor de seus gestos.



## A VIDA ESTÁ CARA...

● O dinheiro cada dia vale menos, a vida está cara e a dona de casa precisa viver dentro do seu orçamento. Não é fácil, mas, com método e força de vontade se consegue.

Colocar o dinheiro dentro de uma gaveta e ir tirando 100, 200, 500 cruzeiros... até que acabe, não dá certo. O dinheiro pode acabar em 15 ou 20 dias, e o resto do mês? Trate de saber quanto pode gastar por dia, em média, para que isso não aconteça.

Ao receber o dinheiro para a casa, depois de retirada uma parcela para os imprevistos que sempre aparecem: médico, dentista etc... ponha de parte também a quantia destinada às despesas indispensáveis e permanentes: aluguel, luz, gás, telefone, empregada, colégio das crianças. Guarde esse dinheiro e só empregue-o no momento de fazer os pagamentos. Nêle não toque por coisa alguma dêsse mundo para outras coisas!

O que sobra, depois dessas deduções tôdas, é o que terá para as despesas diárias. Divida pelo número de dias do mês e saberá quanto pode gastar, em média, por dia. Em "média", isto é, se algum dia passar do previsto no outro deverá gastar menos, para compensar. Se conseguir gastar menos, ficará com mais dinheiro para os outros dias.

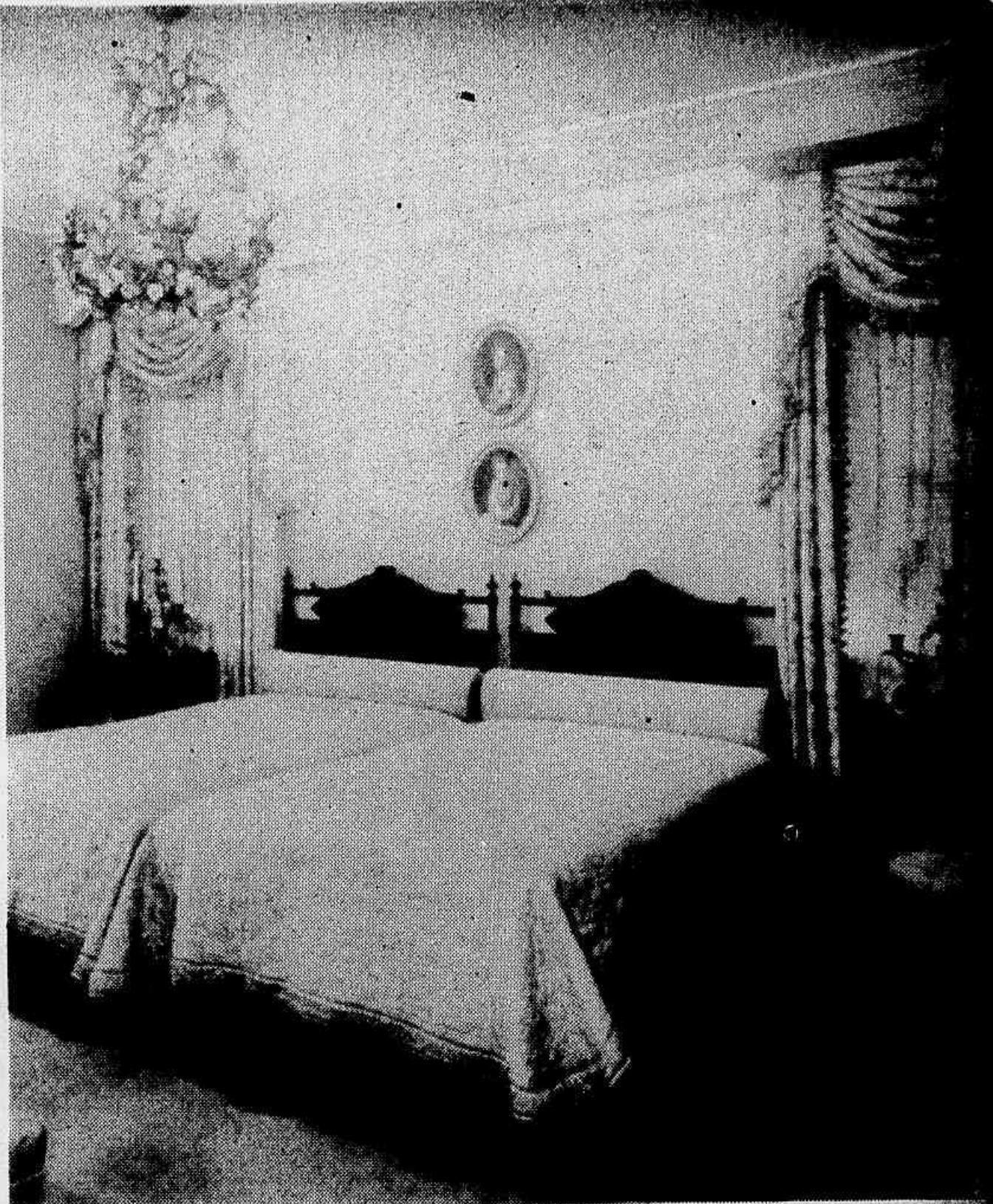
Economize comprando sempre onde lhe vendem mais em conta. Arroz, feijão, batata, açúcar, farinha, óleo, sabão, devem ser comprados para todo o mês, pois assim se pode conseguir um desconto, e será mais fácil controlar os gastos.

Se com todo o controle possível você ainda gasta mais do que deve, não faça dívidas à espera de um aumento. Há só duas soluções: diminuir a despesa ou aumentar o ganho.

A segunda solução nem sempre é possível — provavelmente seu marido já lhe dá tudo que pode e se você trabalha sabe que nem sempre depende de você ganhar mais. Se dependesse já ganharia.

Resta diminuir as despesas. Faça uma revisão de todos os gastos principais. Pode ser que descubra alguns que — com pequeno sacrifício — possam ser eliminados. Pense que provavelmente haverá famílias vivendo tão bem como a sua com um pouco menos, apenas porque são mais metódicos e controlados. Uma quota fixa por semana para cada uma das crianças é melhor que dar-lhes dinheiro tôdas as vezes que pedem. E não compre coisas inúteis cujo destino é serem jogadas numa gaveta um dia depois.

Finalmente, atenção às compras à crédito. Há famílias que, a força de comprarem coisas que "pagam sem sentir", se vêem apertadas com dívidas que somadas são de difícil liquidação.



## Sugestão para o lar

Se você quer mesmo em seu quarto aquele bonito lustre em cristal de Murano com delicadas florzinhas e fôlhas em tonalidade pastel, então é preciso que a decoração, a mobília, as cortinas estejam em harmonia.

Na ilustração, as camas em jacarandá negro com espaldares esculpidos. Pesada colcha em damasco com babados plissados. Cortinas em brocado e «voil» suíço.

Com a iluminação embutida no teto ao longo da cabeceira da cama a decoradora Dora Brahms conseguiu eliminar os abajures de cabeceira e as respectivas mesinhas foram substituídas por consoles em jacarandá com belos castiçais antigos.

## LUZ DO SOL, LUZ DA NOITE... E O SEU ROSTO

Quando você entra numa loja de tecidos para comprar um vestido não se contenta em ver a fazenda dentro da loja. Vai até a porta para verificar se a tonalidade é tão bonita à luz natural quanto artificial. E tem razão. Também quanto ao colorido de seu rosto o mesmo sucede. O efeito de certas tonalidades de maquiagem é diferente à luz do sol e à noite. Por isso é que você deve seguir os conselhos dos especialistas em beleza feminina que recomendam tipos de maquiagem diferente para de dia e de noite habitualmente. Não lhe pesará muito no orçamento ter em duplicata batons, rouge e bases. Mais suaves para o dia e mais vivos para a luz artificial.

O maquiagem diurno deve apenas acentuar o colorido e as linhas naturais da fisio-

nomia. Já para de noite permite-se exagerar certos troços e, conforme a ocasião: pestanas postiças maiores e mais escuras que as naturais, sombra em torno dos olhos... É preciso não esquecer, porém, que, se todos esses artificios realçam a beleza tiram-lhe, no entanto, a frescura, fazendo com que pareçam mais velhas as mulheres jovens.

Se não quer comprar dois rouges diferentes, e gosta de usá-lo em pasta, ou creme, aplique-o durante o dia em camada muito leve e acentue mais para a noite, com uma camada mais espessa. Cuidado, porém, em esbatê-lo bem, para que não pareça dois círculos colocados nas maçãs do rosto.

(Na foto: Corinne Calvet — Paramount).







**ECOS DO CARNAVAL QUE PASSOU** — Na foto vê-se a senhorita Lili Ramos, de alta aristocracia espanhola, em palestra com ilustre médico desta cidade, no Teatro Municipal, por ocasião do monumental baile à fantasia a que compareceram os elementos mais representativos da sociedade brasileira e grande número de pessoas de destaque que vieram do estrangeiro assistir às festas carnavalescas do Rio.

### Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 680 Curso por Correspondência para Senhoras e Alcaides

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»  
Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 808 — CAMPINAS  
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de  
«Artes e Modas», curso de Professoras e Contra-mestres.

NOME .....

RUA .....

CIDADE .....

ESTADO .....

## BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL • RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8988

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

### AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA:  
Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz  
Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 —  
AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA CO-  
PACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA  
MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:  
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

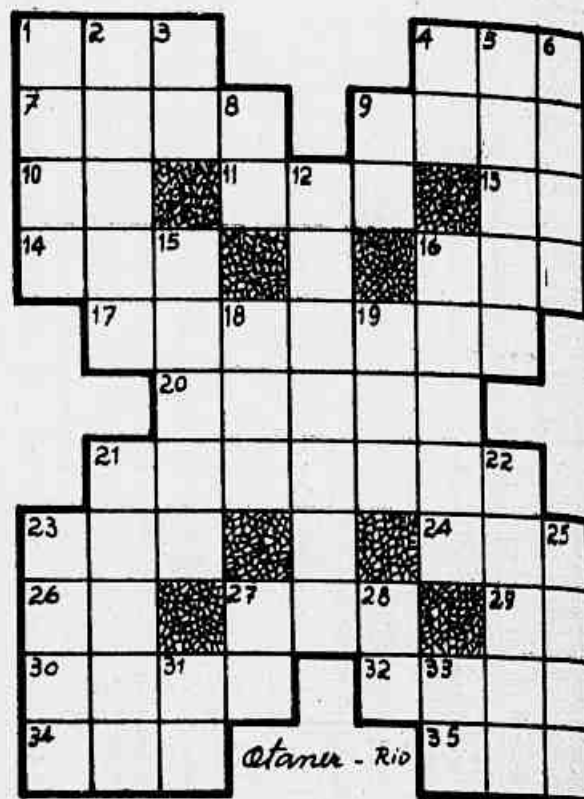
## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 110

PARA VETERANOS

**HORIZONTALIS:** — 1. Piolho — 4. Bêbedo — 7. Parte que exprime o sentimento inspirado pelo assunto da cantata — 9. Estorvar — 10. Medida de comprimento na Birmânia — 11. Sacerdote budista — 13. Cábida de mouros — 14. Relatório — 16. Junta — 17. Lance decisivo — 20. Vedar — 21. Povos da África Oriental — 23. Dó-bemol, na notação alemã — 24. Boa doutrina — 26. Prefixo indicativo de falta — 27. Arvore da Índia Portuguesa — 29. Papagaio da Amazônia — 30. Fogo — 32. Ignomínia — 34. Pequeno macaco de cauda felpuda e comprida — 35. Antiga moeda da Turquia.

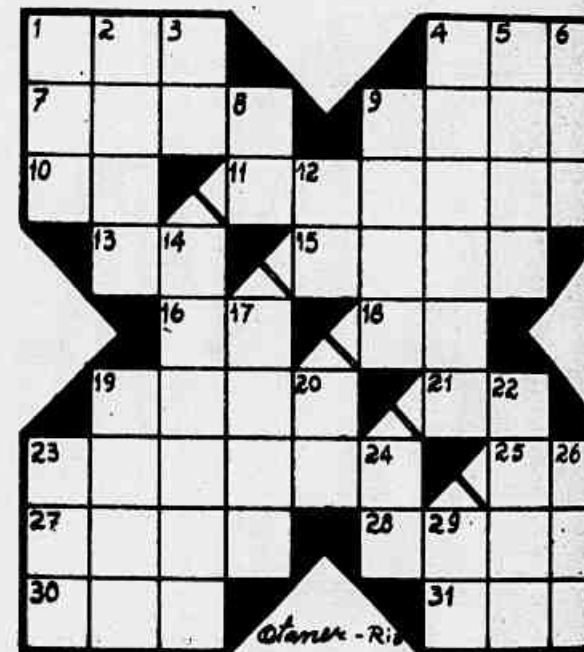
**VERTICAIS:** — 1. Espécie de catapultas — 2. Marinheiro — 3. Espécie de flecha usada pelos índios do Brasil — 4. Vinhaço — 5. Variedade de palmeira (pl.) — 6. Pregar — 8. Moeda romana de cobre — 9. Espécie de flauta siamesa — 12. Inquieto — 15. Escleróticas — 18. Importante cidade europeia — 19. Raiva — 21. Inteligente — 22. Disparate — 23. É enganado — 25. Antiga cidade grega da Lucânia — 27. Nota musical — 28. Sufixo designativo de diminuição — 31. Símbolo do metal de peso atômico 58,69 — 33. Elemento grego que significa ácido, agudo.



PARA NOVATOS

**HORIZONTALIS:** — 1. Satélite da Terra — 4. Fileira — 7. Lavar — 9. Famoso perfume indiano — 10. Símbolo do rádio — 11. Imo — 13. Isolado — 15. Mãe-d'água — 16. Criminosa — 18. Perversa — 19. Rosto — 21. Abrev. de réis — 23. A plebe — 25. Feminino da terminação ão — 27. O clarão da lua — 28. Caminho orlado de casa (pl.) — 30. Seguiam — 31. Raiva.

**VERTICAIS:** — 1. A casa — 2. Verme que aparece em feridas de animais (pl.) — 3. Em partes iguais — 4. Lançar — 5. Lodo — 6. Argola — 8. Escarnece — 9. Ligam — 12. Símbolo do níquel — 14. Rezaram — 17. Comprar garrotes de um ano, engordá-los, para vender mais tarde como novilhos — 19. Não cozida — 20. Gemido — 22. Produzir som — 23. Lá — 24. Brisa — 26. Membro de ave — 29. Interjeição de surpresa, dor.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 109

PARA VETERANOS

**HORIZONTALIS:** alapa — prática — paixonite — or — omitir — R.L.P. — ocara — Lia — ora — linda — ará — ativam — ir — maceteias — sanaram — rasas.

**VERTICAIS:** Ari — laxo — átomo — pinico — acitara — parilitas — atirariam — por — era — pinicar — ádvena — lam — aatás — Ars — mera — ias.

PARA NOVATOS

**HORIZONTALIS:** casal — maresia — cá — ata — mó — aca — pôr — Luís — Pará — ala — ror — Ra — ama — sã — seberto — mamou.

**VERTICAIS:** cá — ara — seta — asa — Li — máculas — amoroso — calar — orara — aia — par — amém — aba — ano — em — tu.



**E**M solenidades marcadas por cunho eminentemente popular, assumiu o governo do Estado de Santa Catarina o sr. Jorge Lacerda, eleito em pleito memorável para suceder ao sr. Irineu Bornhausen. Poucas vezes se há visto, na posse de um novo governante, a participação do povo tão cheia de entusiasmo e incontida alegria como na dêsse governador que verdadeiramente subiu as escadarias do Palácio da Praça 15, em Florianópolis, conduzido em triunfo pela multidão, que assim festejava a sua vitória, a vitória da sua vontade através do voto livre. A encantadora capital barriga-verde viveu um dia de intenso júbilo. Era a confiança popular, que se externava sob as formas mais diversas de efusão e contentamento, no homem que subia ao poder, ao passo que manifestava sua gratidão ao que deixava o cargo sob a legenda de cinco anos de trabalho e honradez. Difícil ver-se coisa igual, mas assim aconteceu. O sr. Irineu Bornhausen deixou o poder sob o aplauso

Abraçam-se os dois ilustres homens públicos, após a solenidade da transmissão do cargo.



Tendo à sua esquerda o presidente da Assembléia Legislativa, deputado Braz Joaquim Alves, o governador Jorge Lacerda presta o compromisso legal.

## A POSSE DO GOVERNADOR JORGE LACERDA

do povo que elegeu e aclamou com calor o governador Jorge Lacerda, que o assumiu, depositário da mesma fé e das mesmas esperanças de um eleitorado ativo e independente.

Tôda Florianópolis estêve em festas, e as ruas centrais apresentaram intensa movimentação até altas horas da noite. A cerimônia de posse teve início na Assembléia Legislativa, onde o governador Jorge Lacerda prestou o compromisso constitucional, sendo saudado pelo presidente da casa, deputado Braz Joaquim Alves. A seguir, no Palácio do Governo, deu-se a transmissão do cargo, onde os srs. Irineu Bornhausen e Jorge Lacerda pronunciaram brilhantes discursos, o primeiro falando serenamente do

sua obra administrativa, o segundo mostrando com segurança os rumos que se traçou. E em torno dêles o povo lotando completamente as amplas dependências da casa do governo e se comprimindo em seu derredor, numa demonstração viva do que é a verdadeira democracia.

O governador Jorge Lacerda, com o prestígio e a popularidade que soube impor nas massas populares, subiu ao poder cercado da confiança irrestrita e da solidariedade dos seus coestadanos, numa invejável demonstração de afeto e de entusiasmo, que transformou Florianópolis em palco de um espetáculo de fé democrática muito raro em nossos dias.

A.M.



Na transmissão do cargo, o sr. Jorge Lacerda lê o seu discurso. À sua esquerda estão o ex-governador Irineu Bornhausen e esposa. À direita, apenas uma parte da considerável multidão que lotava a praça fronteiria ao Palácio do Governo, em Florianópolis, cujas ruas assim continuaram até altas horas da noite.



# A FÚRIA DOS JUSTOS

## ● RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES:

Angel Chavez, um rapaz mexicano que vive em San Juno, foi acusado da morte de Maria Wiltse. Barney Castle, astuto advogado do lugar, tomou a seu cargo a defesa, sendo ajudado por David Blake, jovem professor de criminologia que fôra afastado do seu posto na Universidade até obter boa experiência legal. A atraente secretária de Barney, Abbe, descobre que a morta sofria, em vida, de uma doença cardíaca e sugere que provavelmente foi essa a causa do desenlace. Essa teoria foi reforçada com a insistência de Angel de que não atacara a moça, que teria morrido quando trocavam um beijo na praia. Barney propõe que David se encarregue das atividades no tribunal, enquanto ele vai a Nova Iorque tratar de reunir dinheiro para a defesa. Instigada por uma minoria de agitadores, o povo se aglomera a frente do cárcere onde Angel está preso, mas uma rápida manobra de Barney salva o rapaz de ser linchado. Pouco depois, enquanto Barney está em Nova Iorque, David solicita a desclassificação de todos os membros do Jurado, alegando que eles foram intimidados pelo Estado. Armstrong, juiz do distrito, confessa que efetivamente as pessoas que formariam o júri foram intimidadas, embora sem o seu conhecimento e o magistrado Motley, indivíduo da raça negra, designado para ajudar a causa, convoca um novo grupo de pessoas que formarão novo júri. David e Abbe, que estão enamorados, trabalham juntos, preparando a defesa de Angel, na residência que Barney tem junto à praia. Mas este último telefona de Nova Iorque dizendo que David deve embarcar por via aérea, sem demora, para participar de uma assembleia organizada com o propósito de reunir fundos. Abbe não o quer deixar partir, mas quando não pode convencê-lo mais, David sai para unir-se ao seu chefe, ansioso de tudo fazer no sentido de salvar Angel.

— E AGORA A HISTÓRIA CONTINUA ASSIM:

## CAPÍTULO III

**B**ARNEY instalou seu Q.G. para a campanha em prol dos fundos necessários à defesa de Angel no quarto de um hotel. A atividade era febril, gente entrava e saía constantemente no aposento. Representantes de diversas organizações acodiam para conversar com o advogado; outros iam receber contas, fazer reclamações, discutir a indicação de oradores, ajustar percentagens das coletas e outros detalhes. Organizações como as Comunicações Livres do Mundo, e o Partido do Povo, davam a impressão de serem comunistas e parecia estarem usando o caso ruidoso para a propaganda de suas idéias.

— Não quero essa espécie de dinheiro, disse David a Barney.

— Claro que não, respondeu Barney. O que o senhor quer é dinheiro de americanos, não de comunistas. Bem, é necessário definir-se: se quer tomar conta deste caso sem a ajuda de tais organizações, e sem recorrer a essas assembleias, magnífico. Estou disposto a ajudá-lo. Sei onde obter facilmente centenas de dólares. É o que deseja?

— Quero que ponham Angel em liberdade, suspirou o advogado.

— Bem, diga então o que quer, mas em poucas palavras. Prometi que o senhor se apresentaria a essa assembleia. Parece que a sua pessoa é a melhor atração, a julgar pelos jornais. Todos se referem ao homem forte que soube anular um júri suspeito.

A assembleia que reuniria fundos para a defesa de Angel tinha mais as características de uma feira livre. Quando David subiu à tribuna para transmitir à assistência os sóbrios pensamentos que lhe dançavam na cabeça, apenas teve tempo para pronunciar as primeiras palavras, porque a banda de música começou a tocar barulhentamente, obedecendo a um sinal de Barney. David jamais havia presenciado demonstrações tão ruidosas e agitadas como as que seguiram depois que ele desceu da tribuna, admirado do engenhoso método de Barney para recolher dinheiro de um povaréu estimulado ao máximo pela música.

David precisava tomar o avião à meia-noite de volta a San Juno e, muito desconsolado, abandonou a assembleia antes que ela terminasse. Bem sabia que fôra enganado e utilizado para outros propósitos e a noção desse engano lhe roía a alma como um câncer.

Abbe foi esperá-lo no aeroporto, mas o rapaz a saudou com frieza:

— E como foi Nova Iorque? perguntou ela.

— As coisas passaram-se exatamente como podiam acontecer. Tudo não passava de um ardil e nêle eu caí como um ingênuo. Deverias ter-me advertido!

— De que adiantaria, insistiu Abbe. Irias de qualquer jeito, fôsse ou não ardil, porque precisas desse dinheiro para a defesa do rapaz. Vamos, reconhece-o!

David guardou silêncio por instantes. Depois:

— Fui parar a uma espécie de tablado, rodeado de comunistas por todos os lados... e ali estava eu, procurando dizer-lhe a minha opinião sobre eles próprios... mas o microfone não funcionou e uma banda de música fazia um barulho ensurdecedor.

— Ninguém mais o lamenta do que eu, David.

— É boa! Ninguém mais... E tu bem sabes que te amo e desejo casar-me contigo. Já sabias isso e deixaste que eu fôsse sem me dizeres a verdade...

— Nunca me havias dito que querias casar comigo...

— Não me refiro ao que disse ou não disse. Mas ao que tu sabias. Sabias perfeitamente que tarde ou cedo te pediria que fôsses minha esposa. E apesar disso deixaste-me cair no ardil como um cordeiro que vai ao matadouro. Por que fizeste isso, Abbe?

— David, é preciso que acredites em mim, começou Abbe.

— Sempre acreditei! Mas de que adiantou?

Nesse momento um aeromoço apareceu com a bagagem de David e este, tomando-a afastou-se. Abbe seguiu-o como para pedir-lhe algo importante; mas logo se arrependeu.

Incansavelmente, David continuou a trabalhar silenciosamente pela defesa de Angel Chavez.



Só agora ele compreendia toda a verdade: aquela mulher estava também presa ao Partido!



# FREE ANGEL CHAVEZ



Os comunistas utilizavam o «caso» para mais uma de suas propagandas demagógicas.

Sem vacilações, sempre insistia na retirada dos membros do Júri suspeitos e que ele considerava prejudiciais ao seu constituinte. Sem poupar esforços, investigava minuciosamente a cada um dos novos membros para assegurar-se de que eram idôneos; mas quando por fim rejeitou o número deles que poderia rejeitar, a paciência do juiz estava esgotada e também ele se encontrava dominado por uma tensão nervosa violenta. Uma intimação que lhe mandaram para comparecer ante o comité legislativo de Atos Subversivos e Desleais, aumentou o nervosismo, piorando tudo as perguntas que lhe dirigiram os repórteres:

- Vai comparecer diante do Comité? perguntou um.
- Que tem que ver o senhor com o Comité de Battle? inquiriu outro.
- Afinal o que deseja Battle? insistiu um terceiro.
- Estou muito ocupado na defesa de um acusado de crime, respondeu David. Em tais condições sou considerado como um membro do tribunal. Se um comité de poder legislativo intervisse nos meus deveres, na sala de justiça, então estaria invadindo o poder judicial. Qualquer tribunal pode, portanto, anular esta intimação.
- Vai dizer isso mesmo a Battle? perguntaram-lhe.
- Por que diz estar tão ocupado se o tribunal não vai reunir-se sábado? inquiriu outro repórter com malícia.
- Lembra-se do sábado em que foi para Nova Iorque? Então não estava assim tão ocupado!
- Acha que Battle se dará por satisfeito com a sua explicação?
- Quanto a isso, é melhor que vá perguntar a Battle, gritou David, abrindo caminho pelo grupo compacto de repórteres.

Battle. E também sei tudo acêrca do comité de investigações. Sei quão importantes são e a utilidade que prestam, mas essa atitude se desvanece quando as coisas se manejam do jeito porque Battle as está manejando. Tudo faz crer que a idéia é a de coroar Battle como um pequeno rei do anti-comunismo...

Depois de uma prolongada pausa, continuou:

— Só não compreendo porque acredita que devo recear esse homem. Ele me perguntará muitas coisas. Algumas perguntas hão de referir-se à assembléia para reunir fundos em Nova Iorque. Eu responderei a tudo com absoluto apêgo à verdade. A verdade nunca fêz mal a ninguém, embora nem todos pensem assim.

Abbe voltou-lhe as costas, disfarçando para enxugar uma lágrima. David a olhou surpreso. Depois, pondo-se de pé, foi em sua direção:

— Tuas emoções se descontrolam porque tenho certeza precisas dizer-me alguma coisa e não tens coragem. Não viste ainda que eu sei de tudo?

(Continua na pág. 43)

## (TRIAL)

Novela baseada na película do mesmo título da M.G.M.

### PERSONAGENS:

David  
Abbe  
Barney  
Juiz Armstrong  
Sra. Chavez  
Angel Chavez  
Magistrado Motley  
A. A. Sanders

CLARENCE FORD  
DOROTHY McGUIRE  
ARTHUR KENNEDY  
JOHN HODIAK  
KATY JURADO  
RAFAEL CAMPOS  
JUANO HERNANDEZ  
ROBERT MIDDLETON

Tendo sobre a secretária um dilúvio de papéis, David tomou o telefone para mandar uma mensagem a Battle, concebida nestes termos: «Lamento que minhas ocupações presentes me impeçam de aparecer ao Comité. Sugiro que protelem a intimação para depois do julgamento de Angel Chavez».

Quando posou o receptor, Abbe perguntou:

— Já pensaste o que vais dizer ao Comité, depois do julgamento de Angel?

— Abbe, existem diversas torres de marfim com pequenas janelas, embora na mesma escola de leis. Eu sei o que premedita Karl Baron.





# BAILE INFANTIL DO C. MUNICIPAL E



O CLUBE MUNICIPAL, agremiação que congrega os funcionários municipais e suas famílias, como os seus congêneres, realiza, todos os anos, por ocasião do carnaval, um animadíssimo baile infantil, dedicado aos filhos, netos e sobrinhos dos empregados da Prefeitura do Distrito Federal. Este ano, a tradição prosseguiu. E de que modo! O baile, que teve uma orquestra ultra animada a abrilhantá-lo, realizou-se num ambiente de profunda alegria, e a ele compareceram centenas e centenas de crianças, muitas trajando fantasias vultosas. A farra foi tão boa, que ao terminar a orquestra a execução da última melodia, ante o prefixo característico que marca o término dos bailes de carnaval, os ahs! e ohs! de desapontamento se fizeram ouvir, de muitas pequeninas bocas ali presentes. Como o que é bom porém dura pouco, tiveram de conformar-se os pequeninos foliões do Clube Municipal, que agora estão à espera, avidamente, do carnaval de 1957, que — dizem — vai ser de arrasar!... (Fotos de VITO VASCONCELOS).

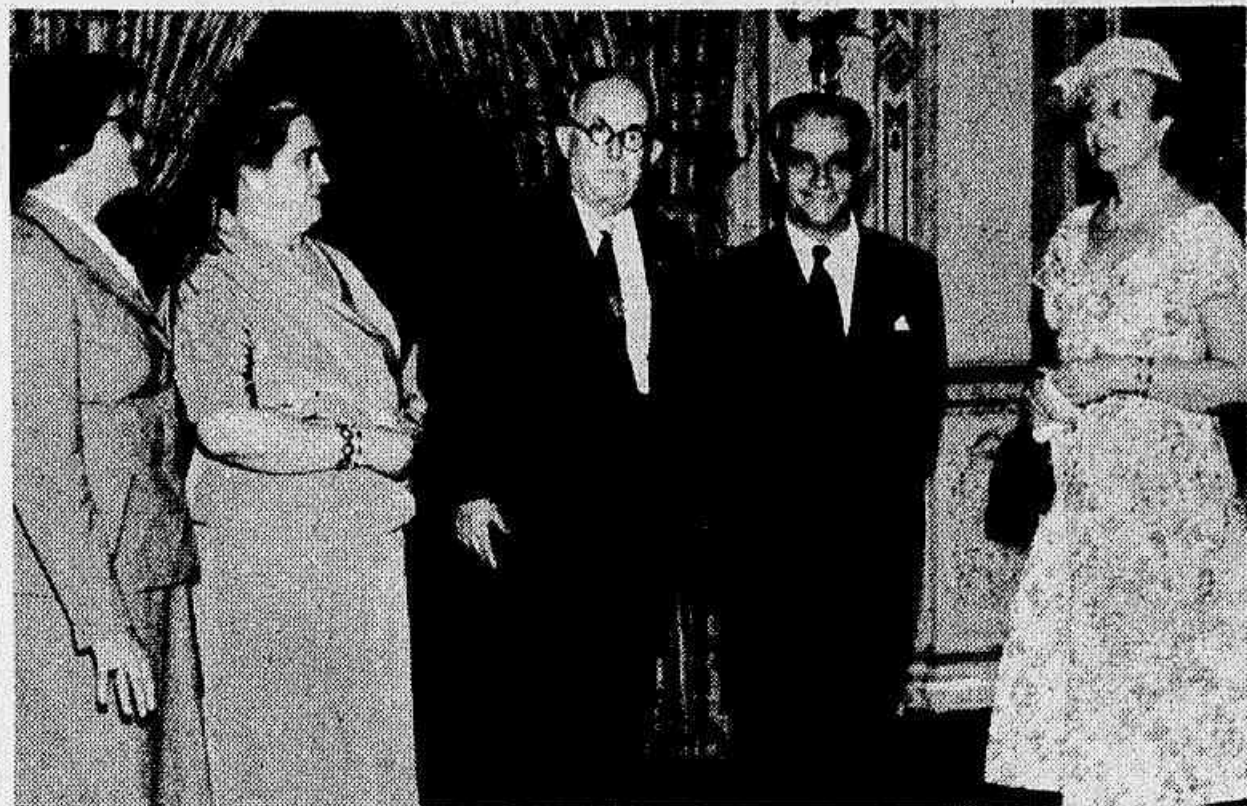






# DO AMÉRICA

O CARNAVAL dos diabinhos rubros (e das diabinhas rubras, tão ou mais perigosas do que aquêles) foi qualquer coisa de alucinante. A turminha do América, animada com os últimos feitos do esquadrão rubro, caiu no samba com uma gana idêntica à do Leônidas, quando a bola vem descendo, à meia altura, sobre a área do Flamengo... O resultado foi um «goal» belíssimo conquistado pela criançada do tradicional clube, no carnaval carioca de 1956, com muita graça, animação e alegria. Sônia Maria Galhardo, fantasiada de «Elizabeth I», conquistou o primeiro prêmio feminino no Concurso Infantil do América. E não foi justo? Em baixo, o cantor Black-Out cercado por um grupo de foliões mirins americanos.



VINCENT AURIOL EM MINAS GERAIS — O ex-Presidente da França, sr. Vincent Auriol, esteve recentemente em visita ao Estado de Minas Gerais. O clichê mostra o ilustre estadista e esposa no salão nobre do Palácio da Liberdade, recepcionados pelo governador Bias Fortes, senhora e filha. Aliás foi esse o primeiro ato público do novo chefe do governo mineiro.

## A LENDA DE...

(Continuação da página 61)

Mas não se queixou de coisa alguma, nem lhe fez críticas. Bem sabia a gratidão que devia ter para com ele. Contudo, um dia, somente para adverti-lo, porque não se apercebia de nada, ela lhe disse, simplesmente:

— João, creio que vou recomeçar a morrer.

Só então João viu tudo claro, e ficou espantado. E não soube fazer mais nada senão encaminhar-se a Pádua, a fim de consultar ainda uma vez seu mestre Renato.

— Qual é o fruto de meu sacrifício? perguntou-lhe, com amargura. Mudei o rumo de minha vida. Ofereci a uma mulher minha castidade, que eu devotara a Deus, e eis que minha esposa esmaece e vai morrer!

— E' (disse Renato de Brescia) que ela te ama, mas tu não a amas.

— E o que posso fazer? retrucou. Dei-lhe tudo o que podia dar de mim. Mas, quem é mestre de seus sentimentos? Quem pode amar, ou não, segundo sua própria vontade? Logo, não sou responsável, se não a amo como fóra preciso.

— E' verdade, disse Renato. E tua conclusão foi bem deduzida, segundo os princípios e as leis da razão. Toma atenção, porém, para que tais palavras, tão justas e razoáveis, não venham a ser, um dia, o objeto de tua condenação eterna.

— Como seria isso? perguntou João, atemorizado, mas com uma humildade tão sincera, que o velho chegou a ter pena dele.

— Se não és senhor de teu amor, como tu mesmo dissesse, é que Deus guarda entre suas mãos também a graça do amor. Pede-lhe então que te conceda. Tu nunca rezaste a Deus senão para agradecer-lhe o já recebido, e o de haver-te Ele feito diferente de todos os homens. Temo, em verdade, que Ele assim te criou para teu castigo, e que, em todas as coisas, não sejas realmente diferente dos demais.

João voltou para sua casa acabrunhado, mas reconfortado. Dizia, pelo caminho: «Meu Deus, dai-me o dom do amor». A noite caiu, e ele caminhava na escuridão. Sentia coisas vagas e doces, e tinha esperanças. Dizia: «Talvez que, no revê-la, meu coração se inunde subitamente de amor».

Espantou-se por não ver nenhuma luz em sua casa. Entrou. Ela estava vazia. Teve uma grande inquietação, mas sua inquietação também lhe causou certa alegria: «Talvez (pensou ingenuamente) eu já comece a amá-la, de vez que sua ausência, nessa casa, me causa tão grande inquietação».

Percorreu o jardim. Um vento ligeiro beijou-lhe a face, e ele sentiu os odores da primavera.

Estava quase fora de si, quando, num pequeno bosque vizinho, descobriu afinal Rosália. Ela se ajoelhara ali, para rezar, e ali mesmo morrera, docemente. Seus olhos estavam ainda abertos. Não tinham ainda perdido a expressão, e a vista desses dois olhos belos e mortos despertou enfim, no peito de João de Vespignano, o adormecido amor — tal como a visão de seus olhos havia despertado o amor de Rosália, outrora. Foi assim que sua oração foi atendida.

Tomou o corpo inerte nos braços, levou-o ao leito nupcial, e passou toda a noite a olhá-lo, amorosamente. De manhã, vieram os parentes, e a sepultaram.

Conta a lenda que, após essa dura prova, João, muito embora tivesse ficado livre, não chegou a tomar o hábito. Também não se casou novamente, em memória de sua esposa Rosália. Mas como era belo, muitas mulheres o desejaram. E ele se lembrou do exemplo de Santa Maria Egípcíaca, que tão pouco orgulho tinha de sua castidade, que oferecera seu corpo ao barqueiro, à guisa de pagamento da passagem.

## A FÚRIA DOS JUSTOS

(Continuação da pág. 41)

Abbe voltou os olhos para ele, ainda úmidos:

— Tu e Barney me puseram louco porque deposestei confiança absoluta em ambos. Mas há uma grande diferença entre ser enganado e ser verdadeiramente um idiota. Felizmente tenho dois olhos para ver e um cérebro não muito rudimentar.

Abbe cada vez ficava mais impossibilitada de conter as lágrimas e pôs-se a soluçar:

— Cinco minutos depois de chegar a Nova Iorque — continuou David — percebi que Barney era um comunista. Cinco minutos depois de entrar no avião, de volta, refleti que se ele era comunista, então tu também o deverias ser.

— Não, nunca fui comunista... ou melhor, nunca fui com documentos de identificação — balbuciou ela.

— Mas foste uma grande entusiasta do Partido...

— Sim, não nego. Fui uma entusiasta. Uma completa partidária.

Levantando-se e já de olhos enxutos, Abbe começou a percorrer o aposento de um extremo a outro.

— Foi quando estava ainda no colégio... que me induziram a participar de suas atividades...

— E por que cedeste?

— Porque eu era apenas uma de tantas colegiais ignorantes... e se eu comparava a uma, julgava-me superior, diferente... Vi-me então rodeada de amigos... amigos que presumiam poder modificar o mundo com o meu auxílio... e que obedeciam pelo Código. Esse Código a tudo cobria. Tudo impunha... Quem deveria votar... quem deveria levar folhetos... quem deveria reunir dinheiro...

— ...e quem deveria apunhalar a gente indefesa, pois não é? explodiu David desesperado.

— As coisas mudaram muito desde então, continuou ela. Bem sei agora que o amor não é o melhor remédio para o comunismo. Muito antes de te conhecer, comecei a sentir-me feliz de jamais ter sido um elemento ativo do Partido. Jamais fui fichada. Diziam que eu era uma burocrata incurável. Por meu lado, nunca pude aceitar o tal Código. Mudava tanto... A verdade no domingo... A mentira na segunda-feira... No meu modo de ver, isso era impossível. Absurdo.

— Mas Barney é perfeito nesse sentido, hein? (Continua no próximo número)





# BAILE INFANTIL DO JOCKEY CLUB

③ A garotada brincou a valer, este ano, no animadíssimo baile infantil que a aristocrática sociedade turfista ofereceu aos filhos dos seus associados. Os salões da sede social da Avenida Rio Branco encheram-se de muita alegria na segunda-feira de carnaval, mantendo assim uma tradição que já se tornou brilhante nos anais das festas momescas da metrópole. Estas duas páginas mostram diversos aspectos do magnífico baile infantil do Jockey Club, onde os carnavalescos mirins tiveram uma tarde de verdadeiro delírio em honra do Deus da Folia, dando uma nota de extraordinário realce às festividades do tríduo de Momo. Um sucesso, o baile infantil do Jockey.







PÁLIDA VISÃO do que foi o baile infantil do Jockey Club Brasileiro. A meninada pulou e dançou durante tóda a tarde de segunda-feira de carnaval. E não contente ainda queria mais. As fantasias, ricas e numerosas, deram a nota de encantamento da formidável festa momesca.







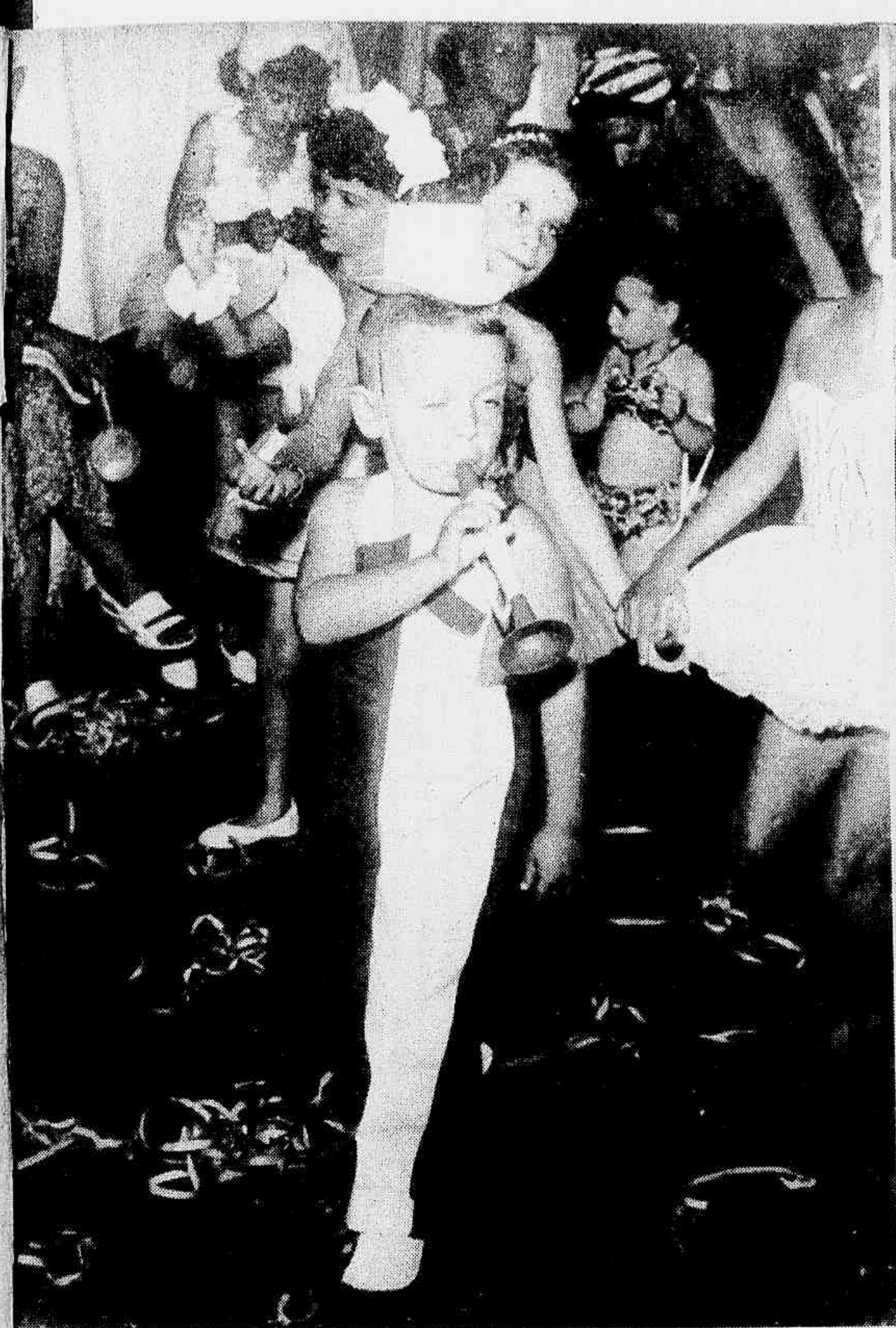
3 GREGAS E COW-BOYS, bailarinas e marinheiros, tenentes e tiroleses, corneteiros sui-generis a passear pelo salão de instrumento ameaçadoramente em riste e baianas a entoarem, de braços dados com colombinas, os últimos sucessos do carnaval, gatinhos, leopardos e chineses, pierrots e arlequins, um Tarzan e uma bailarina de «Can-Can», tudo isso desfilou, cantou, pulou, benou, chorou, deslisou, patinou, rodopiou, girou, bocejou, brincou, sambou e passeou pelos grandes salões do Ginástico Português, durante o baile infantil ali realizado. A animação foi grande, as orquestras estiveram excelentes, e os papais, de camarote, a tudo assistiram, orgulhosos, sem perder um detalhe.

# BAILE INFANTIL DO GINÁSTICO

COMO TODOS os anos acontece, o Clube Ginástico Português, tradicional e prestigiosa agremiação luso-brasileira, o carnaval no presente ano de 1956, foi alguma coisa de muito bom. Seguindo velha tradição, o baile infantil do Ginástico congrega todas as crianças pertencentes à grande e unida família ginasta, que, num salão a elas inteiramente dedicado, puderam divertir-se à sua maneira, sem qualquer impecilho. E como brincou a criançada do Ginástico! Um baile infantil como se esperava fosse um baile infantil: alegre e divertido, cheio de animação, e, sobretudo, tendo como participantes exclusivamente crianças.











Dr. José Francisco Bias Fortes, mineiro da velha *têmpera*, assumiu o governo do grande Estado montanhês num dos momentos mais difíceis da vida nacional. O povo das alterosas confia nas suas inegáveis qualidades de homem público.

**T**IVERAM singular brilhantismo as cerimônias da posse do dr. José Francisco Bias Fortes no governo de Minas. Pode-se mesmo dizer que poucas vezes o povo mineiro, representado por todas as suas classes sociais, saudou com tanto entusiasmo e vibração a ascensão de um novo governante ao poder, como no dia da posse do eminente homem público. Um sentimento de segura confiança na ação administrativa do ilustre político de Barbocena, mineiro da velha *têmpera*, transparecia claramente nas demonstrações de simpatia que lhe foram tributadas. Sua elevada categoria moral, senso de equilíbrio e esclarecida visão dos nossos angustiantes problemas, como que implantaram no povo das alterosas a certeza de que terá à frente de seus destinos um governante caracterizado pela virtude, pela experiência e pela ação, capaz de dar a Minas dias de paz, de operosidade e de progresso.

Não tiveram outro sentido o invulgar brilhantismo e as significativas manifestações de solidariedade que marcaram a posse do sr. Bias Fortes, que superlotou Belo Horizonte com as representações de todos os municípios do Estado e de várias partes do país, dando um cunho de

Sorridentes, abraçam-se o novo chefe do governo mineiro e o presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, sr. Ribeiro Pena.



O governador Bias Fortes prestando o compromisso constitucional.



O vice-governador Bernardes Filho prestando o compromisso constitucional.

O POVO MINEIRO SAUDOU A POSSE DO SEU NOVO GOVERNADOR COM RARAS MANIFESTAÇÕES DE APRÊÇO E SIMPATIA ★ COMPROMISSO NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA ★ TRANSMISSÃO DO CARGO NO PALÁCIO DA LIBERDADE ★ BAILE NO YACHT GOLF CLUB

Reportagem de ADALBERTO MENDES

# BIAS FORTES NO







Assinando o termo de posse perante a Assembléia Legislativa. Em segundo plano, vê-se o vice-governador Bernardes Filho.



Clóvis Salgado transmite a Bias Fortes, com um cordial abraço, o cargo de governador de Minas Gerais.

excepcional grandêza às festividades então realizadas. Pela manhã do dia 31, foi rezada missa gratulatória na Matriz de S. José, ficando o templo literalmente tomado. Oficiou a cerimônia D. Antônio dos Santos Cabral, Arcebispo Metropolitano, proferindo brilhante oração o padre José de Souza Nobre. Em seguida o governador Bias Fortes e o vice-governador Bernardes Filho, prestaram compromisso constitucional perante a Assembléia Legislativa reunida em

sessão especial. Saudados entusiasticamente pelo povo, seguiram ambos para o Palácio da Liberdade, onde, em presença das mais representativas figuras da vida mineira, o sr. Bias Fortes recebeu o cargo das mãos do sr. Clóvis Salgado (atual ministro da Educação), que no ato condecorou o novo governante mineiro com a grande medalha da Inconfidência. Ato contínuo, o governador Bias Fortes, acompanhado da primeira dama de Minas, senhora Francisca Tamm Bias Fortes, recebeu os cumprimentos de

todos quantos desejaram levar-lhe o testemunho da sua admiração e do seu apreço.

A noite, nos salões do Yacht Golf Club, numa das mais belas festas realizadas em Belo Horizonte, a sociedade mineira ofereceu ao ilustre casal Bias Fortes um baile de gala, que ficou nos anais da crônica elegante da grande capital como um dos acontecimentos mundanos de maior expressão e brilho. Um fecho de ouro para o dia memorável de 31 de janeiro.

# GOVÊRNO DE MINAS



D. Francisca Tamm Bias Fortes, primeira dama de Minas Gerais, recebe cumprimentos de uma jovem mineirinha, na recepção em palácio. À direita: O casal Bias Fortes chegando à Catedral de Belo Horizonte para assistir à missa gratulatória pela posse do novo governador.





# RÚSSIA SOVIÉTICA

## INFERNO OU PARAÍSO?

QUANDO, RECENTEMENTE, uma delegação de fazendeiros norte-americanos visitou a União Soviética, ao mesmo tempo em que, nos Estados Unidos, uma comitiva de agricultores russos visitava as fazendas americanas, o jornalista Lauren Soth teve a oportunidade de, na qualidade de acompanhante da delegação «yankee», observar, atentamente, diversos aspectos da agricultura, como praticada nas Repúblicas Soviéticas. De suas observações nasceu essa série de artigos, que REVISTA DA SEMANA passa a divulgar, com exclusividade para todo o Brasil.

Por LAUREN SOTH

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA) — Copyright United Press

BERLIM. (ALEMANHA) — A União Soviética não está enfrentando, presentemente, uma grave crise agrícola, como muitos homens do Hemisfério Ocidental possam pensar. Pelo contrário: os fazendeiros russos, atualmente, estão produzindo mais e melhor do que nos últimos anos, e as perspectivas para um desenvolvimento ainda maior de sua agricultura são excelentes. Os chefes soviéticos tiveram de temporariamente, pelo menos, re-educar de seus planos, de há muito arquitetados, de uma completa socialização da agricultura. Essas conclusões estão baseadas em uma viagem de observações de 9.000 milhas pelas áreas agrícolas da União Soviética, que tive a oportunidade de realizar, como jornalista acompanhante da delegação de fazendeiros norte-americanos em visita à Rússia. Tal delegação era composta de oito fazendeiros, três professores de agronomia, e de um jornalista — no caso, eu. Passou ela cinco semanas na União Soviética, a convite do Governo Russo, ao mesmo tempo em que uma delegação oficial de fazendeiros e agrônomos russos fazia idênticas observações nos Estados Unidos.

### NÃO FOI POSSÍVEL VER TUDO

Nossa viagem cobriu largas extensões da Ucrânia, a região norte-caucasiana, as zonas marginais do Volga e do Don, a Rússia leste-europeia em torno a Kubishev, o exótico Turquestão, as terras virgens, destinadas a experimentos agrícolas, de Karakhan e da Sibéria, e a região moscovita. Não pudemos ver tudo aquilo que era de nosso intento ver, de vez que o Kremlin não pode extinguir de todo o seu medo, quando se trata de observadores estrangeiros, pois bem sabem os russos que seu sistema não pode ser comparado aos mé-

todos ocidentais. De qualquer modo, forçoso é reconhecer que a liberdade de que dispúnhamos, na ocasião, não era concedida a nenhum visitante da União Soviética, pelo menos nos últimos dez anos. Podíamos usar câmeras e tirar fotografias livremente. Muito poucas coisas eram proibidas. Os russos comportaram-se de maneira elogiável, para conosco, do princípio ao fim. Naturalmente, desejávamos que essa primeira visita de fazendeiros norte-americanos fosse um êxito sem qualquer mancha a empaná-la. Foram dadas respostas à maior parte de nossas perguntas.

### UMA BOA IMPRESSÃO

O adido norte-americano para a Agricultura, Horace Davis, antes de a delegação de fazendeiros norte-americanos chegar à Rússia, pouca oportunidade tivera de conhecer, in loco, as grandes fazendas russas. Nos últimos tempos, é verdade, estivera em visita a uma fazenda coletiva. Os próprios membros da Embaixada Americana em Moscou ficaram entusiasmados com a liberdade de que pôde desfrutar a delegação agrícola norte-americana e bem assim com o extenso e bem organizado programa de visitas que o ministro soviético da Agricultura nos preparou. E, muito embora não tivéssemos a liberdade de visitar sozinho as fazendas coletivas russas, tivemos uma boa impressão de como é feito o trabalho agrícola sob o comunismo. Indubitavelmente, nosso grupo teve ensejo de examinar, melhor do que qualquer outro, as condições da agricultura soviética, desde o final da guerra de 1939-1945. E, muito embora seja necessário conceder-se um desconto pelo fato de os oficiais russos apenas nos mostrarem aquilo que tinham necessidade de que vissemos, nossa opinião final é que

é impossível considerar-se desesperadora a situação da agricultura soviética. Não vimos nenhum sinal de crise de cereais. E o povo está bem alimentado em toda a parte.

### RARAS AS CRISES AGRÍCOLAS

A Ucrânia sofreu, em 1954, uma trágica crise em sua produção de trigo, porém as colheitas, no ano corrente, são boas em sua maior parte. Justamente o inverso ocorreu nas regiões siberianas: em 1954, as colheitas foram excelentes, porém, no ano que corre as possibilidades são fracas. A União Soviética, como os Estados Unidos, raramente sofre uma crise total de seu sistema agrícola, de vez que sua extensão territorial permite-lhe desfrutar dos climas mais diversos, e assim, se em um de seus extremos as condições climáticas são desfavoráveis, forçosamente em outro elas são excelentes. É evidente, ao observador estrangeiro, que o governo russo está encarando agora com todo o vigor a solução do problema agrícola. Os preços do grão tabelado pelo Estado sofreram uma ascensão, ao mesmo tempo em que as taxas compulsórias foram reduzidas.

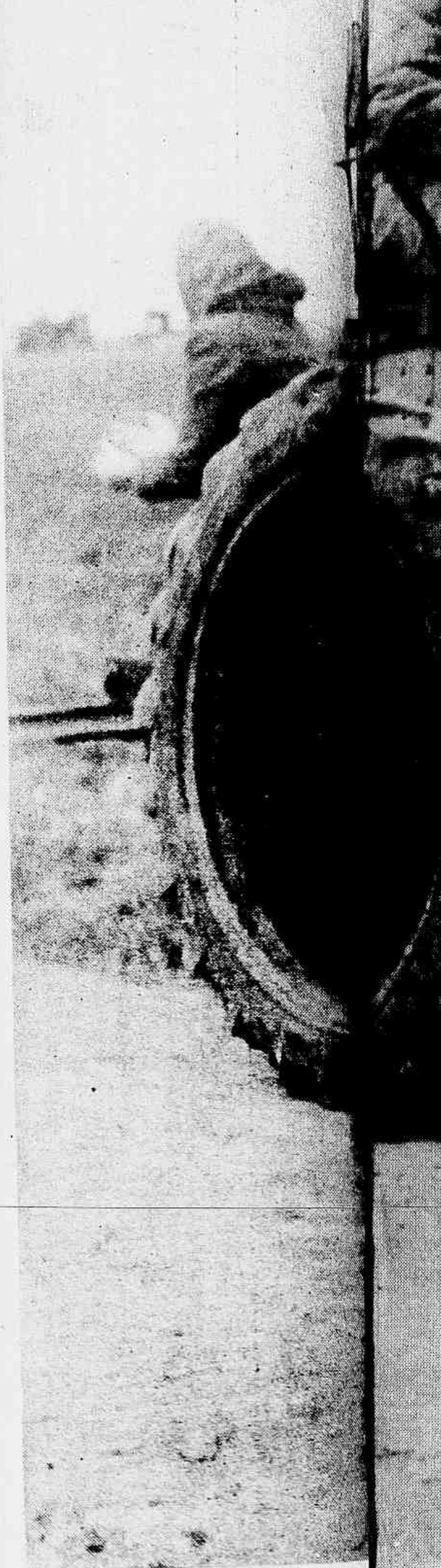
### A INICIATIVA INDIVIDUAL

Talvez o acontecimento mais importante, e o mais inédito nos últimos tempos, na União Soviética, seja o cada vez maior incremento que vem tomando, entre os fazendeiros, a iniciativa individual. Foram eles encorajados, pelo próprio governo, que lhes adquiriu vacas e instrumental agrícola, para prosseguirem nesse trabalho individual. Seus impostos foram reduzidos, como já dissemos, ao mesmo tempo em que os preços dos cereais, nos mercados, subiram um pouco. Em muitas fazendas coletivas, tivemos

TIPO de trator comumente usado

o ensejo de verificar que os fazendeiros, agora, estavam percebendo de 25 a 30% mais, do que quando trabalhavam em conjunto.

A fazenda coletiva é uma curiosa combinação de controle estatal, empresa socialista e iniciativa privada. Sob o «New Deal» inaugurado ostensivamente por Nikita S. Krushchev, chefe do Partido Comunista Russo, os lucros dos fazendeiros russos foram maiores do que nos últimos dois anos. Em diversos lugares da Ucrânia, esses lucros sofreram um aumento de 100%.







nas fazendas da União Soviética. A agricultura russa atravessa uma fase de novas experimentações, que até certo ponto, vem dando bons resultados

#### NOVOS MEMBROS

Tal fato ocasionou um influxo de novos membros nas granjas coletivas. Praticamente, todos os fazendeiros que trabalham em granjas coletivas que tivemos a oportunidade de entrevistar, nos contaram que houve um aumento no número de famílias, nos últimos anos. Essas famílias vieram das cidades, justamente atraídas pelos altos lucros, e, creio eu, também pela liberdade muito maior de que dispõem os agricultores. As fazendas coletivas

da União Soviética são, atualmente, os vestígios derradeiros da livre sociedade no país. Desde o ano de 1928, quando as fazendas e granjas foram socializadas, que os chefes soviéticos vêm pelejando com os fazendeiros no sentido de que a iniciativa individual ceda seu lugar, mais e mais, à coletiva. Sua pressão, porém, de tempos em tempos tem de ser relaxada, a fim de que às famílias seja permitida um pouco de livre iniciativa, que lhes consiga melhorar os lucros, e, destarte, as próprias condições de vida.

#### SITUAÇÃO TEMPORÁRIA?

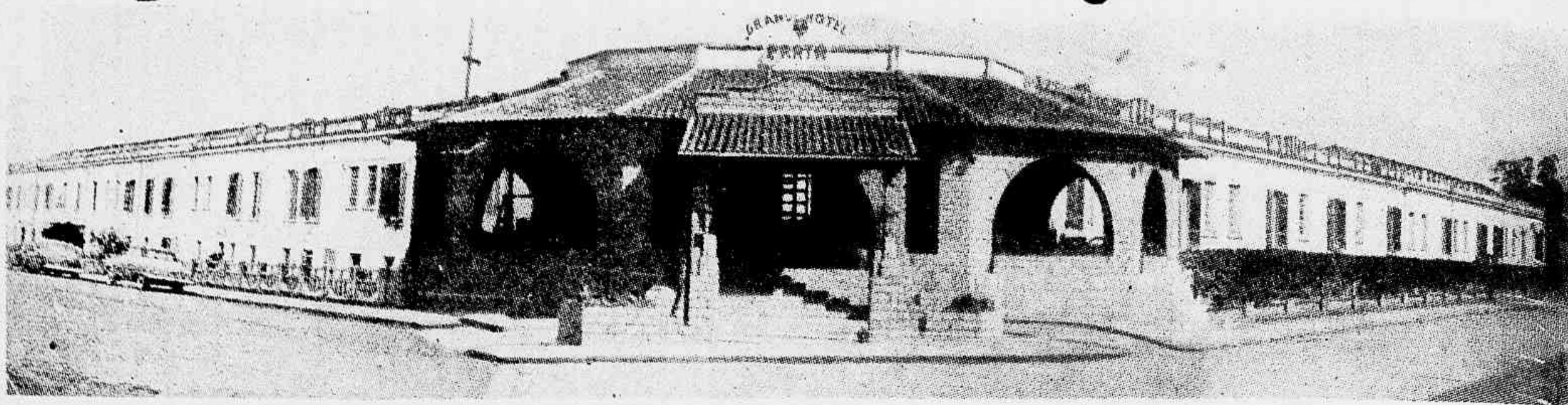
Até mesmo trabalhadores de fazendas do Estado, e condutores de tratores, estão sendo encorajados no sentido de dirigirem suas próprias granjas e áreas cultiváveis. Porém, essa fase de iniciativa privada, no setor agrícola russo, talvez seja somente temporária. Os chefes soviéticos, com efeito, trabalham intensamente, ainda, pela obtenção de um sistema agrícola industria-

lizado, em que concorram, em partes idênticas, o trabalho, a terra, e o equipamento. Há dois anos passados, muitas fazendas coletivas foram aumentadas de maneira considerável. Algumas tornaram-se, destarte, tão grandes, que para cada uma é necessária toda uma divisão de tratores. Seria apenas um passo a mudança da coletiva e da divisão de tratores para a fazenda do Estado.

A seguir: A EFICIÊNCIA AGRÍCOLA RUSSA.



# Grande Hotel Prata



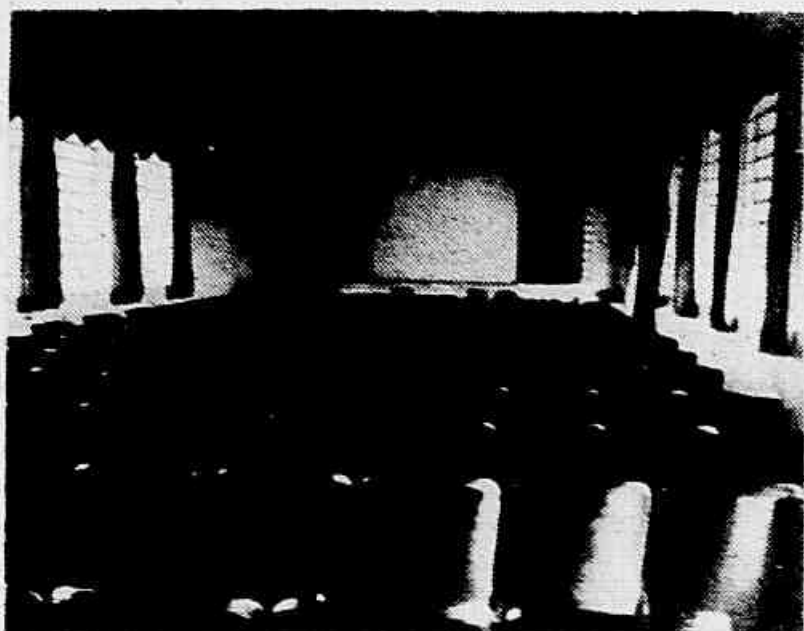
Vista geral do Grande Hotel Prata.



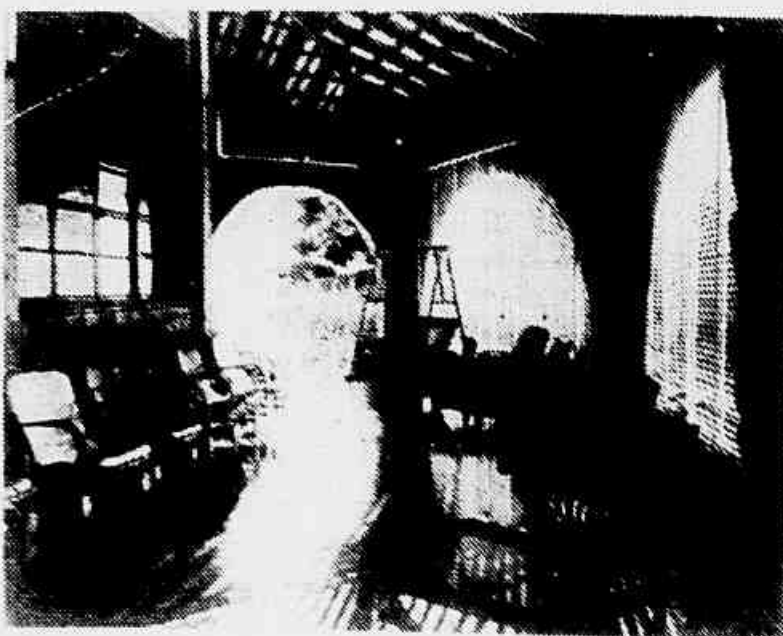
A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



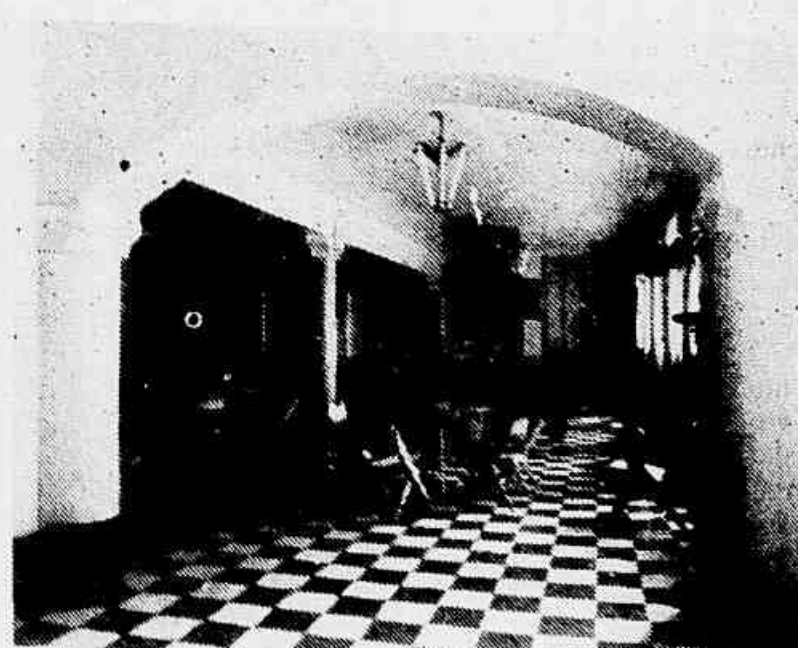
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

## Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aquiistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE  
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**

## GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00  
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.  
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



## VAMOS MELHORAR?

OS ESPECTADORES andam intrigados com um pequeno detalhe que destoa nos programas de Dóris Monteiro, geralmente apresentados com cenários de muito bom gosto.

Dóris exibe em suas audições lindos vestidos de baile, mas, de algumas semanas para cá, preso à bainha das suas saias nota-se um fino cordão que desaparece por detrás do palco, esticado, parecendo estar ali colocado para abrir os gomos da roda dos vestidos da cantora. Será essa a explicação?

Os fãs de Dóris têm feito as mais diversas conjecturas a respeito desse senão, mas todos são unânimes em afirmar que precisa ser corrigido, pois, como já ressaltamos, destoa muito no ambiente distinto em que são televisionadas essas audições.

MANOEL JORGE no seu «O que vai pelo cinema» tem oportunidade de fornecer ao público algumas informações sobre cinema e o faz procurando agradá-lo o mais possível, inclusive triando dentro dessas apresentações seções bastante curiosas, como a que exibe o «trailer» de uma película que só algumas semanas depois poderá ser assistida pelos entusiastas de cinema. E' de lamentar-se, no entanto, que na maioria das vezes os tevendo não distingam as imagens que se apresentam no vídeo dos seus receptores e igualmente não percebem o que dizem os artistas, pois, não sabemos se por culpa do «trailer» ou do aparelho projetor, o som e a imagem são péssimos. Não haveria um modo de remediar isso?

JEERLOTTI levou à TV-Tupi os vencedores do concurso de fantasias do baile infantil do Teatro Municipal, para exibi-los aos espectadores. Houve grande entusiasmo com essa oportunidade de apreciar os lindos trajes, mas causaram irritação as descrições feitas por Jeberlotti, que acabou por dizer que uma das meninas vestia uma fantasia «sui generis»...

JACINTO DE THORMES tem alcançado sucesso com os programas em que aparece: «Acontece» e «Miss TV». Dirige-se aos espectadores com muita naturalidade mas, por vezes, no momento exato falta-lhe o termo adequado para terminar o que está dizendo e o cronista social acaba por deixar as frases incompletas. Jacinto precisa lembrar-se de que o público e os seus entrevistados não possuem o dom de adivinhar-lhe o pensamento...

EUDES DO AMARAL tem em «Cine-Informações» oportunidade de comentar superficialmente os filmes em exibição durante a semana nos diversos círculos cinematográficos.

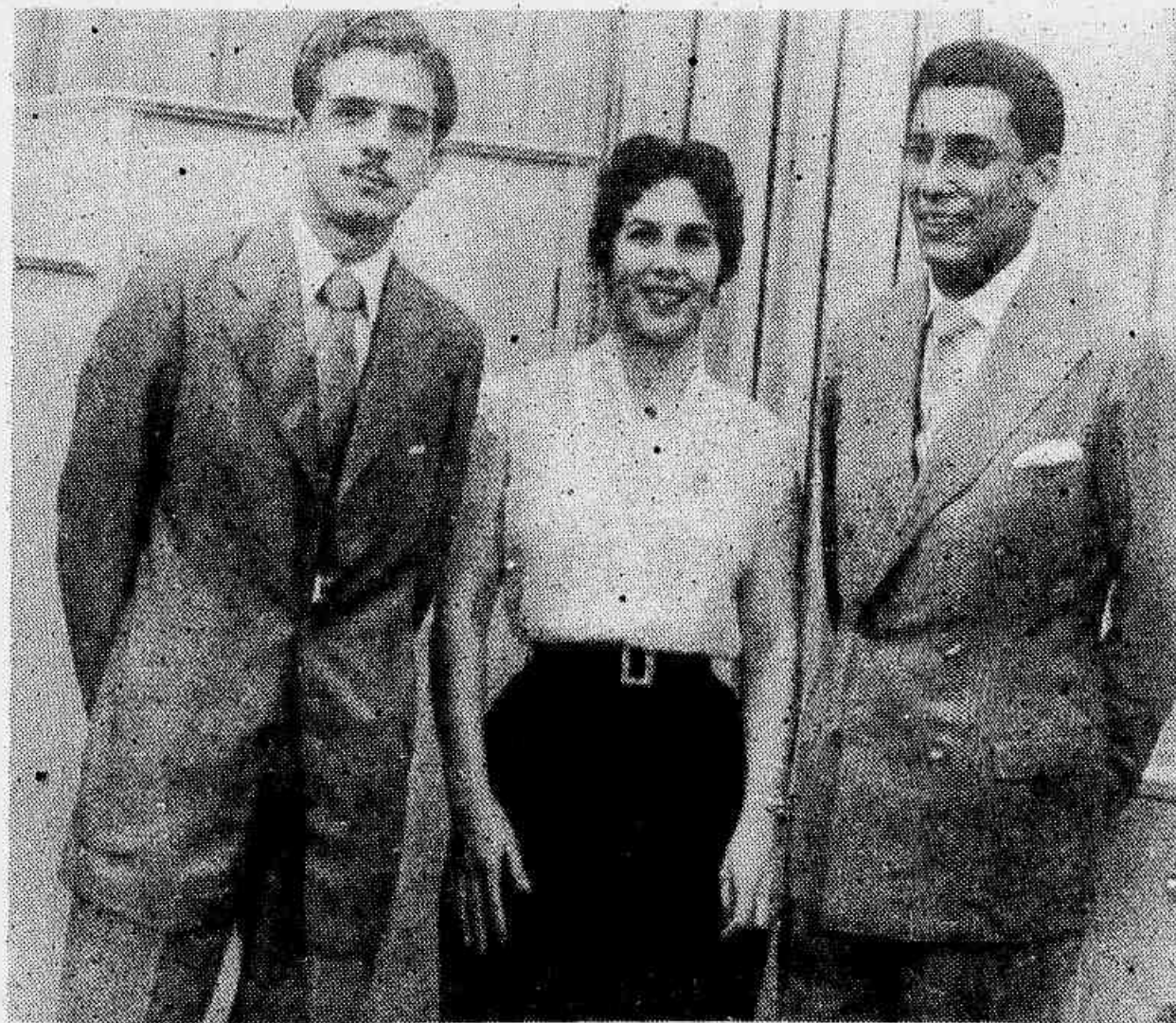
Eudes aconselha ou critica essa ou aquela película mas, constantemente, esquece-se de que se dirige ao público e emprega termos de gíria, alguns dos quais como «chato» e vários outros, soam péssimamente nos ouvidos daqueles que assistem ao seu programa.

Um pouco mais de contróle...



As audições de Dóris Monteiro alcançaram ainda maior sucesso depois da sua eleição para «Rainha do Rádio».

## GRAU DEZ



Oriovaldo Vargas, Ana Maria Rodrigues e Eudes do Amaral, locutores da TV-Tupi.

... Para o quarteto de cordas de Leônidas Autuori que aparece sempre com sucesso na TV-Tupi. Pena é que essas audições se dêem raramente e em geral substituindo algum programa que por um ou outro motivo deixa de ser apresentado.

Por que não tornar frequentes essas audições tão do agrado do público que aprecia a boa música?

... Para as irradiações dos festejos carnavalescos levadas aos telespectadores depois de um grande esforço dispendido pela equipe de reportagens da TV-Tupi. E' verdade que nem sempre as transmissões foram perfeitas mas devem-se levar em conta as tremendas dificuldades que tiveram de vencer os técnicos e operadores, com frequência agravadas pelo mal tempo.

Ainda assim, mais uma vez os espectadores tiveram oportunidade de,

sem deixarem as suas casas, apreciar as principais festividades momecas, inclusive o baile de gala do Teatro Municipal, bem como o infantil, transmissões essas que foram feitas com muito maior perfeição do que as do ano passado.

... Para «Recreio Musical», programa infantil que a TV-Rio dedica às crianças, e através do qual lhes são ministrados conhecimentos de iniciação musical por professoras especializadas no assunto.

... Para Rodolfo Mayer, que em «Uma voz ao telefone» continua demonstrando ao público o seu extraordinário talento, interpretando os mais variados papéis.

... Para o «Clube do Guri». Esse programa feito apenas por meninos e meninas de várias idades, exibe grande número de revelações infantis. Em geral agrada mais a primeira parte do programa, onde os pequenos executam os mais diversos instrumentos. Os números de canto não são tão interessantes, pois quase sempre as meninas são muito afetadas.

Essa é uma das mais antigas audições infantis do rádio e TV do Rio e, dão sempre ao conhecimento do público grande número de revelações artísticas.

... Para o «Tele-Semana» que homenageou as rainhas de 1955, eleitas nos diversos setores artísticos da cidade.

Dóris Monteiro apresentou-se com a elegância e sobriedade costumeiras, sendo seguida por Angelita Martinez e Mara Rúbia que, com muita alegria e vivacidade, dirigiram-se aos espectadores.

O desfile das fantasias que alcançaram os primeiros prêmios no baile de gala do Teatro Municipal deu oportunidade a que os espectadores, mesmo sem o recurso das côres, vissem momentos de maravilha e encantamento. As vencedoras foram entrevistadas de maneira muito simpática por Heloisa Helena, que descreveu-lhes as fantasias.

Lídia Matos com a simpatia que a caracteriza e Paulo Magalhães com a eloquência que igualmente o particulariza, comoveram aos espectadores prestando uma singela homenagem aos artistas de ontem, na pessoa de dois dos velhinhos que vivem no Retiro dos Artistas de Jacarepaguá. Margarida Max também foi lembrada através da palavra comovida de Heloisa.

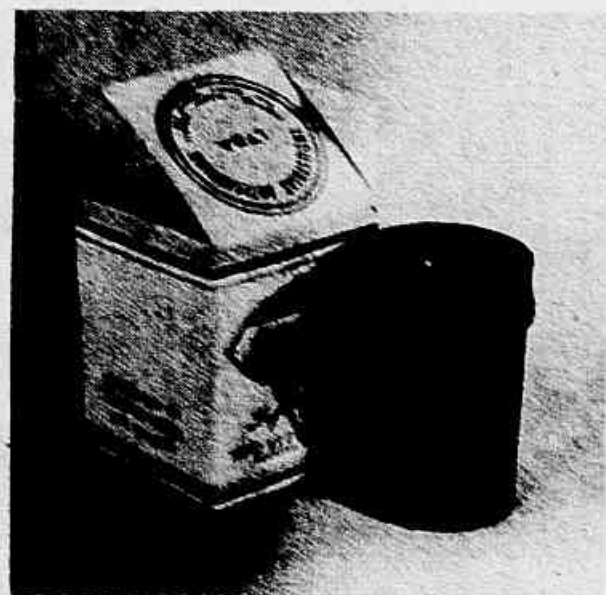
O programa que foi dos melhores já apresentados, encerrou-se de maneira simples, mas deixando no público profunda impressão dos momentos de encantamento presenciados.

... Para Arnaldo Nogueira, que no seu «Ajude-nos a servi-lo» procura sempre debater assuntos do mais vivo interesse para o público.

Muitas vezes as discussões se acendem, os debates entre os participantes da conversa tornam-se violentos, mas, de qualquer modo, sempre o espectador ao terminar o programa está melhor informado sobre o assunto que foi tratado.



*Loira ou morena...*



Não importa a cor...  
Tôdas podem ser belas e atraentes  
submetendo-se ao método de  
beleza do crême ANTISARDINA.  
Existem três fórmulas distintas,  
cada qual oferecendo os  
melhores resultados. Procure  
saber qual delas se adapta  
melhor à sua pele.

*Antisardina*



## REVISTA HÁ 50 ANOS

### O CAFÉ

Domingo, 11 de março de 1908

A nação inteira preocupa-se  
presentemente com a valorização  
do café. O convenio que na sema-  
na transacta se realizou na cidade  
de Taubaté, após a recepção sump-  
tuosa que os habitantes da pitto-  
resca cidade paulista fireram aos  
que n'elle tomaram parte, abordou  
a questão, assentando as bases ten-  
dentes a alcançar aquelle deside-  
ratum. O «Jornal de Brasil» em ar-  
tigo synthetico na sua edição de 28  
do passado analysou o convenio  
REVISTA DA SEMANA — 54

taubateano, e na de 6 do corrente  
enceta uma serie de artigos au-  
topsiando-os um por um, discuti-  
do e analysando as diversas propo-  
sições estabelecidas pelo convenio,  
e mostrando com argumento irrefu-  
taveis os desastres que podem ad-  
vir do quebra do padrão moneta-  
rio e de outras medidas de carac-  
ter internacional que, resolvidas  
pelo Congresso, que segundo se  
diz, será convocado extraordina-  
mente para tratar de assumpto de  
tão alta relevancia, ferirá fundo os  
interesses colectivos do Brasil.

LEIAM

**ESPORTE  
ILUSTRADO**

TODAS AS  
QUARTAS-FEIRAS  
PREÇO CR\$ 5,00

## BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insufficiente ou  
sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1  
e quando fôr, ao contrário, demasia-  
damente volumoso, use BÉL-HORMON  
n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hor-  
mônios, é um preparado moderníssi-  
mo, eficiente, de aplicação local e  
resultados imediatos. Adquirá-o nas  
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:  
Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-  
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro  
Ltda. — Queiram enviar-me por Vale  
Postal um vidro de «BÉL-HORMON»  
N.º .....

NOME .....  
RUA ..... N.º .....  
CIDADE .....  
ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

CALÇADO



Máximo conforto  
garantia absoluta

## Academia de Acordeon MAÇCARENHAS

A mais ampla e moderna academia  
do Brasil. O mais completo sortimen-  
to de músicas para acordeão. Escre-  
va pedindo a lista e encomende pelo  
Reembolso Postal. Vendas de acor-  
deões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS,  
N.º 7-A, 12.º ANDAR -- TELS.:  
42-4615 e 42-5453  
São Paulo -- Praça Júlio  
Mesquita, 83, sobreloja  
Tel.: 37-5679



# A REBELIÃO DO MAJOR

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 10)



Lameirão e Veloso momentos antes de abandonarem Santarém. Três estações de rádio-amador do Rio estão em permanente contacto com Veloso, que tem em seu poder um transmissor do S.P.L. em Mundurucu, nas proximidades de Jacaré-Acanga, do qual se utiliza para as comunicações com Belém.

de uma manifestação mais candente de seus propósitos, por parte da oficialidade mais jovem e destemida, contrariando mesmo determinações expressas de superiores hierárquicos que com eles comungavam.

Enquanto providências de repressão eram tomadas pelo governo, visando a cercar os insurretos pelo reforço dos campos de pouso do vizinho Território do Guaporé, Veloso resolveu investir rio abaixo, ocupando em poucas horas

mais dois aeroportos (Itaituba e Belterra) antes de atingir o seu objetivo principal — Santarém.

## COMO FOI TOMADA SANTARÉM

O rumo dos acontecimentos fez com que se unificassem as forças de repressão — e a ação conjunta dos Ministérios Militares se fez sentir também com maior intensidade, revelando a preocupação do governo em liquidar o assunto o mais breve possível.

Um outro major — Paulo Victor — que se encontrava em Belém, em meio à viagem de rotina (Caiena-Rio de Janeiro) é convocado pelo comando da base de Belém e demanda a cidade ocupada, carregando soldados e munições. Todavia, os laços de amizade que uniram Veloso e Paulo Victor possibilitaram a rebelião conquistar mais um adepto.

Recolhendo impressões entre alguns evadidos de Santarém, e trazidos ao Rio para serem ou-

Desobstrução da pista de Santarém e um aspecto da estação de captação d'água de Jacaré-Acanga. Um sertanista revelou às autoridades do governo que existe uma saída, a pé (picada), de Jacaré-Acanga para Cachimbo, e outra para o Xingu, passando pela cachoeira de Creputiá.







Veloso utiliza a rádio de Jacaré-Acanga para suas comunicações com o Rio de Janeiro. Prefixo e frequência constituem segredo, segundo revelam fontes ligadas aos chefes rebeldes.

## A REBELIÃO...

vidos pelo Estado Maior da Aeronáutica, importantes revelações foram feitas ao repórter sobre a tomada de Santarém. Por motivo óbvios não nos é possível revelar a identidade de nosso informante, que participou diretamente de muitos dos acontecimentos ocorridos naquela base, assistindo inclusive à chegada de Veloso e Lameirão a Santarém.

— O major e o capitão pousaram calmamente no aeroporto de Santarém e desembarcaram alegres e bem dispostos, como numa viagem rotineira. Ainda junto ao «Beech» fez o major Veloso sinais ao rádio-operador do aeroporto para que se aproximasse.

— Empunhavam armas?

— Não. Apenas mantinham o revólver a tiracolo. Depois de alguns minutos de confabulação, o rádio-operador voltou correndo ao edifício do aeroporto e regressou com mais alguns homens, para auxiliar o desembarque de armas e munição do interior do avião.

Tudo foi realizado com a mais absoluta calma, não havendo nenhum terror ou pânico por parte do pessoal encarregado da guarda do edifício sede.



## MANDOU CHAMAR O DELEGADO...

Prosseguindo em suas declarações, refere ainda o nosso informante:

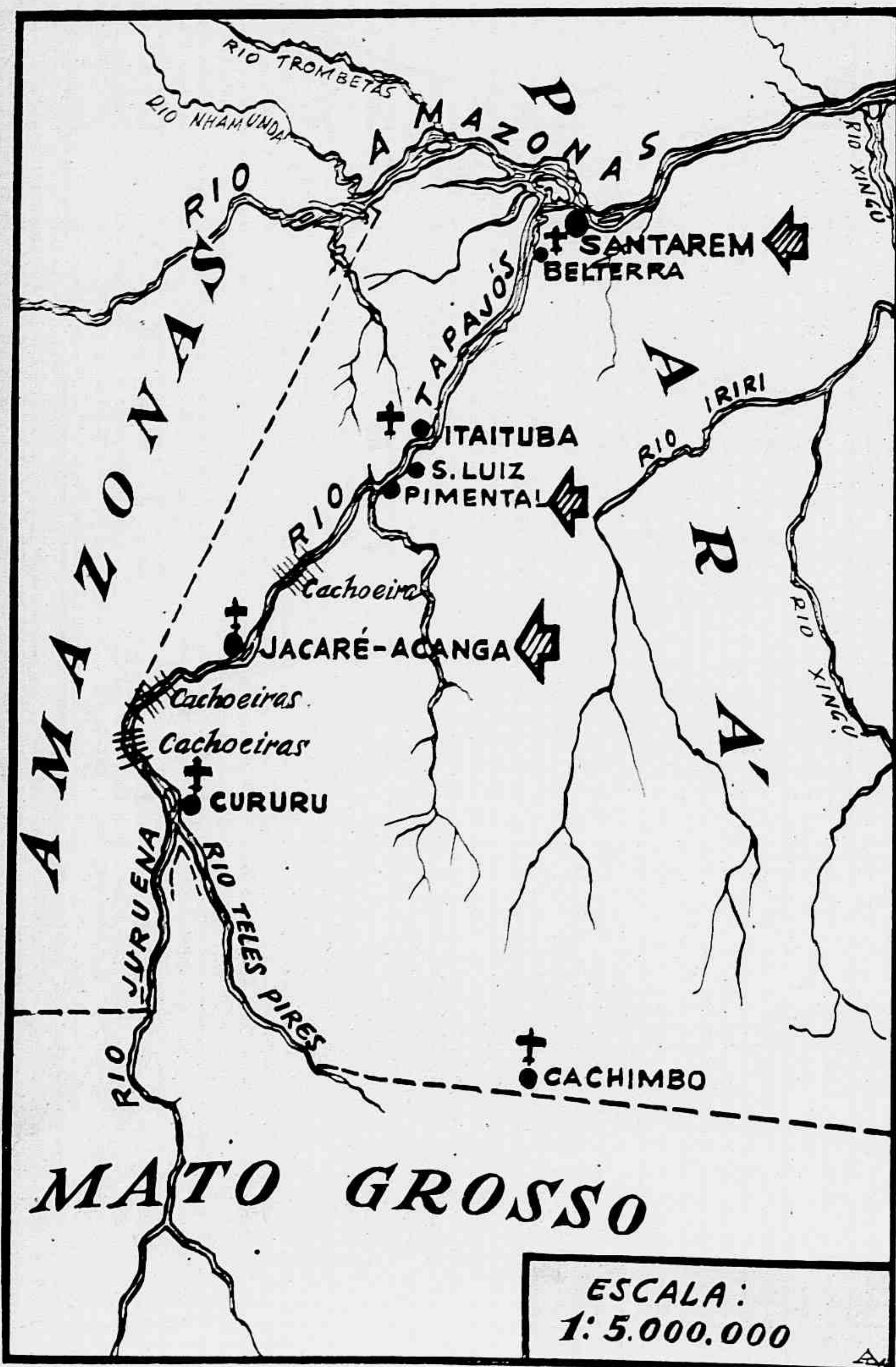
— Enquanto uma ligeira refeição era servida aos recém-chegados, Veloso chamou um civil, antigo conhecido seu, e pediu-lhe que fôsse à delegacia da cidade.

— «Diga ao delegado que preciso falar com ele, com urgência» — foi o recado a ser transmitido.

Veloso e Lameirão mantinham-se em atitude discreta, falando baixo um com o outro. A espera do delegado e após o repasto se deixaram ficar, tranquilos, no chão da varanda em repouso.

A quietude do ambiente foi quebrada com a chegada da autoridade policial, que não parecia demonstrar grande preocupação.

Os rumores — com o recado ao delegado — da chegada dos rebeldes começaram a inquietar parte da população de Santarém, que se mantinham, no entanto, em atitude de expectativa. A autoridade policial regressou à cidade e Veloso e Lameirão voltaram ao bar do aeroporto. Por volta do meio-dia resolveram então ir ao centro. Armados apenas de suas pistolas a tiracolo, caminharam vagarosamente pelas ruas



MAPA DA REGIÃO onde se desenrolaram os acontecimentos que culminaram com a vitória das tropas legalistas, e a conseqüente captura do major Veloso. Podem ser vistas Santarém, tomada pelos revoltosos e logo recapturada, Jacaré-Acanga, quartel-general do major Veloso, também já ocupada pelas forças do governo federal, e Pimental, onde foi preso o major.





D. Maria de Lourdes Leal Veloso e os cinco filhos do casal: Paulo Fernando, Carlos Augusto, Francisco José, José Guilherme e Maria Cristina. Nem aos jornais que simpatizam com a causa do marido ela quis falar. A única frase: «Haroldo sabe o que faz». (Foto T. da Imprensa).

lhas de B-25 se preparavam para bombardear a cidade naquela noite. Propalava-se de que o brigadeiro Eduardo Gomes era o novo chefe do governo, que revoltosos da Marinha tinham bloqueado o porto de Santos e que Jânio Quadros aderira ao movimento, determinando a paralisação de todos os trens de São Paulo...

Aquilo parecia mais brincadeira, pois a gente ia ouvir o rádio e nenhuma notícia se confirmava.

— O boato mais incrível que ouvi, em meio aquela «faladeira» toda, era de que no Rio de Janeiro havia se formado, no Galeão, um «Batalhão de Deputados» para ocupar o Palácio do Catete... em vista da fuga do Presidente para Belo Horizonte.

#### CONFUSÃO DE NAVIOS E REGRESSO A JACARÉ-ACANGA

Relata ainda o nosso informante que o estado de espírito da população era sereno, já acostumada às ordens de se recolher cedo e da não formação de grupos pelas ruas. Ia todo mundo para casa ouvir o noticiário radiofônico.

Foi assim que se soube da vinda do navio «Presidente Vargas» com tropas a bordo.

Aumentava, também, o número de aviões que sobrevoavam a cidade. Recrudescera a onda de boatos quando o «Catalina» metralhou as instalações do aeroporto, na tarde do dia 22 de fevereiro. Depois desse ataque, o major Veloso ordenou a abertura dos Correios para a transmissão de uma mensagem ao comando da Zona Aérea.

A cidade foi evacuada dos elementos armados de confiança dos rebeldes que se recolheram ao aeroporto. A notícia da aproximação do navio de tropas causou um certo mal-estar entre a população, temerosa de que a cidade fosse bombardeada. Muitas famílias então se refugiaram pelos arredores, abandonando, às pressas, suas residências.

— Antes de se retirar, voltaram Veloso, Lameirão e Paulo Victor à cidade, tranquilizando a população, pois os legalistas ao tomarem conhecimento de seu regresso a Jacaré-Acanga — afirmaram — iriam desembarcar sem nenhum tiro.

Veloso confirmou a aproximação do navio de tropas, avistado por Lameirão, num vôo de reconhecimento. Mais tarde, soubemos de que se tratava do navio «Lôbo Dalmada» também do SNAPP e «gêmeo» do «Presidente Vargas».

— Ao se despedirem, os oficiais estavam sorridentes, recordando-me perfeitamente da última frase do major, dita num grupo que se formara à sua roda e bem próximo a mim:

— Deixo vocês entregues, outra vez, ao «morto-ressuscitado»... (Referia-se, fazendo «blague», ao nome do navio que conduzia as tropas legalistas).

Depois daquele dia e retomada de Santarém pelo governo, a coisa de maior importância era a procura de jornais e revistas vindas de Belém.

de Santarém, em direção, primeiro à delegacia de polícia e depois à repartição dos Correios e Telégrafos, onde algumas instruções de Veloso foram dadas e recebidas sem nenhum comentário. Depois da visita à sede do Tiro de Guerra, de onde recolheram algumas armas e munições, Veloso e Lameirão não mais foram vistos pela população. Só ao anoitecer, com a situação controlada pela disposição de homens armados de metralhadoras nos pontos estratégicos, voltaram os 2 oficiais a passear pelo meio da rua principal, já então mostrando-se mais accessi-

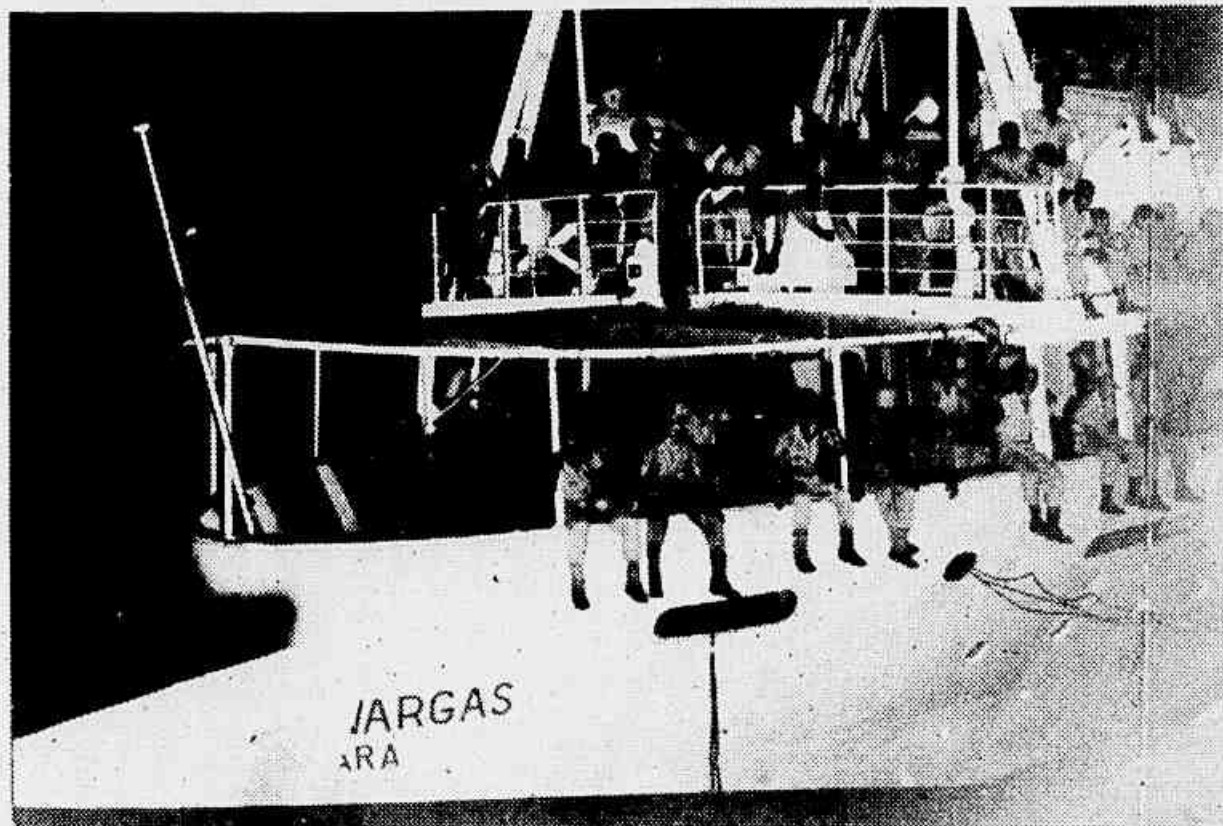
veis, parando de quando em vez para palestrar com alguns velhos conhecidos.

#### BOATOS EM SANTARÉM

Interrompidas as comunicações telegráficas, teve a nação conhecimento de que os rebeldes haviam «tomado Santarém».

O nosso informante prossegue:

— Sim. Havia boatos em quantidade em Santarém. Alguns, de natureza pessimista, outros mais tranquilizadores e a maioria pitorescos. Falava-se, por exemplo, de que duas esquadri-



O navio do SNAPP, «Presidente Vargas», que transportou as tropas governistas para Santarém. Como um outro barco (Lôbo Dalmada) partira anteriormente de Belém com o mesmo destino, houve certa confusão por parte dos rebeldes, que abandonaram a cidade antes da chegada das tropas. Os 3 sergenos, que sob coação, ajudaram Veloso na tomada de Santarém. «Deixo vocês, entregues, ao «morto-ressuscitado» — «blague» de Veloso.





## ULTIMO FLASH

### O LADO MAIS HUMANO DA REBELIÃO

Heróis não são apenas os que vestem farda e expõem a vida para defender um ideal ou a legalidade: são também os entes queridos que ficaram na retaguarda, em casa, sem nada poder fazer senão esperar, esperar sempre, com o coração apertado. As maiores heroínas são as esposas que têm de sufocar suas apreensões e cumprir com o seu dever de fidelidade às atitudes do marido. Quem sejam as esposas dos revoltosos como as dos oficiais legalistas, elas se irmanam pela dor.

Aí estão dois exemplos: Em uma foto, dona Maria Regina, esposa do major (revoltoso) Paulo Victor, e seus filhos Paulo César, Vítor Luís (afilhado de major Vaz) e Fernando José. Na outra, dona Vera Araújo, es-

pôsa do tenente (legalista) Carlos César Petit de Araújo, filha do radialista Celso Guimarães, que se vê ladeado pela esposa, dona Maria Stela, e pelo filho caçula, Antônio Luís. Ao colo do locutor, sua netinha Mariza (de um ano e oito meses). A esposa do tenente Petit, no primeiro plano, vigia o berço de Ronaldo, filhinho mais novo, com 38 dias de existência quando a foto foi batida. Qualquer que seja a opinião do leitor e seu modo de encarar os acontecimentos que envolveram, cada qual de seu lado, os dois militares, sua admiração e respeito por essas duas mulheres certamente será igual. E assim deve ser porque as duas famílias nasceram e vivem sob o pavilhão brasileiro. Divergências eventuais não modificam essa razão de ser.

#### REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cz. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO  
DISTRIBUIÇÃO:  
**AGÊNCIA POLANO**  
Rua João Bricola, 46

## REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 10 — Rio de Janeiro — 10-3-1956

Propriedade da  
Companhia Editora Americana  
Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito  
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães  
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais  
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior  
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,  
S. Sant'Anna e A. Nóbrega  
ENDEREÇO E TELEFONES  
Rua Visconde de Maranguape, 15  
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:  
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

#### ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

|                             |             |
|-----------------------------|-------------|
| Porte simples — Um ano..... | Cr\$ 350,00 |
| Seis meses.....             | Cr\$ 175,00 |
| Registrada — Um ano.....    | Cr\$ 380,00 |
| Seis meses.....             | Cr\$ 190,00 |

#### ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

|                          |             |
|--------------------------|-------------|
| Registrada — Um ano..... | Cr\$ 500,00 |
| Seis meses.....          | Cr\$ 250,00 |

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.  
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



**A FIGURA  
EM FOCO**



**J.C.M.S.**

Sempre elegante, mui lêdo  
Nos deveres e jantares  
É dos que chegam **MAIS CEDO**  
É dos que aspiram **SÓ ARES**



# A LENDA DE S. JOÃO DE VES

Novela de ABEL HEMANT

Ilustração de RAMÓN

**M**UITO embora a cidade de Vespignano, onde o pintor Giotto nasceu, não passe de uma pequenissima localidade, existiam, naqueles tempos, no povoado, duas famílias de relêvo, e, em uma delas, um rapaz, chamado João, que com somente dezessete anos, mais que uma promessa magnífica, era já a admiração de todos que o conheciam.

Era tão belo e robusto, que nunca os pintores de afrescos, ao desenharem a figura de São Sebastião, haviam imaginado formas mais esbeltas, linhas mais elegantes, contornos mais delicados. Seus olhos eram bem distanciados, e adelgaçavam-se na direção das têmporas. E a cor era nêles tão parecida com a que possuem as mais tímidas violetas, que seu olhar mais parecia um perfume.

Não era, porém, essa beleza física e mortal que nêle se admirava.

Ele era tão bom, tão caridoso, que ninguém lhe tinha pedido algo sem ser atendido. Enxugava as lágrimas dos que choravam, mesmo daqueles a quem não conhecia.

Mas também não era por causa de sua bondade, nem de sua caridade sem limites, que ficara célebre em Vespignano, e até mesmo em Florença.

Merecera essa glória pela elevação de seu espírito, que se afastava, sem esforço, de todos os interesses terrenos. O exílio da vida não era penoso a essa grande alma, que muito antes da morte libertadora, já parecia livre de seu envólucro carnal. Não precisava do amor, que, contudo, aos dezessete anos, não é proibido de forma alguma. Não necessitava da amizade, que é o prazer mais grato, e a mais cara ilusão. Se algumas pessoas não tivessem de inquietar-se por sua causa, para dar-lhe de comer e de beber, certamente que João de Vespignano teria esquecido de alimentar-se. Porque João de Vespignano só se ocupava das coisas eternas.

O futuro desse jovem de há muito estava traçado, para essa vida, e para a outra. Ele deveria estudar, tomar o hábito, e naturalmente, dar nêle o exemplo de todas as virtudes. De maneiras que os menos proféticos affiançavam já sua felicidade futura, e lhe prometiam, no mínimo, como coroação de sua brilhante carreira, a beatificação.

Não destrutava o jovem, desde o presente, das alegrias do Paraíso, de vez que na terra apenas se ocupava das coisas que devem ser a ocupação das almas eleitas, no céu? Contemplava Deus face a face. Conversava com êle, familiarmente. E o que pode haver de melhor, para não sofrer a vida, que evitá-la? E' mesmo

alarmante que tão poucos homens, até ao presente, tenham se lembrado disto. João de Vespignano agradecia a Deus todos os dias a graça de lhe ter concedido tal privilégio, e suas orações eram, antes, ações de graças que pedidos.

Em verdade, era bom e sincero em demasia, para dizer, como o Fariseu do Evangelho: «Meu Deus, eu vos agradeço por me haverdes concedido todas as virtudes». De qualquer forma, rezaava algo de parecido: «Meu Deus, dou-vos graças de me terdes, muito embora criando-me humano, me feito tão pouco humano quanto possível. De me terdes tornado insensível às atrações do sexo e do coração. De me haverdes dotado de uma natureza mais angélica que humana, se é que posso falar de minha condição, sem tombar no pecado do Orgulho».

Seu pai o enviou para a célebre Universidade de Pádua. Ali foi êle acolhido com respeito, tanto pelos discípulos como pelos próprios professores. Apenas um desses últimos manteve o seu respeito certas reservas. Era um homem terrivelmente feio e desagradável, chamado Renato de Brescia, que tinha o rosto coberto de verrugas, e que durante todo o ano usava uma velha capa toda forrada de peles. Era muito sábio, e tão capaz quanto qualquer outro de antegozar o Paraíso na própria terra; contudo, êle buscava viver como o primeiro dos homens, e não desdenhava os prazeres vulgares, nem se postava ao abrigo das pequeninas preocupações desprezíveis. Dizia que nós só conhecemos o Eterno através de sua obra transitória, que somos nós. E emprestava menos valor a uma virtude sobrehumana que a um sentimento modestamente humano. Dizia ainda que o desígnio de Deus, era que os anjos fôssem anjos, e os homens, homens; e não podia admirar João de Vespignano, justamente porque o rapaz se encontrava em situação média entre os dois estados. Era o que dizia. E de resto tinha certa maneira irônica de falar, que desconcertava o interlocutor. Os mais sutis não sabiam dizer quando falava sério e quando se divertia.

João deu uma prova muito louvável de humildade, quando, ao invés de se aborrecer com aquêle mestre, que era o único que o não considerava, lhe testemunhou uma grande admiração, e uma confiança particular. Escutava e guardava as mínimas palavras de Renato, e, na solidão, meditava sobre elas. Uma noite, não pôde dormir, porque o velho mestre dissera na aula: «Ninguém é senhor de seu destino. Não se escapa, como se deseja, ao entrechoque das coisas. A Providência, que é maliciosa, encontra sempre obstáculos para antepor a nossos passos».

Ora, pouco tempo depois, tais frases puderam ser postas a prova.

João passeava calmamente sob as arcadas que existem de ambos os lados das ruas de Pádua, e que emprestam à cidade um aspecto claustral, motivo pelo qual João tanto a amava; caminhava sozinho, ora lendo em seu breviário, ora meditando. Os objetos que à sua vista se apresentavam não o distraíam, pois êle não os via, e podia até mesmo passar junto à igreja que então se construía em louvor de santo Antônio, sem reparar se os operários tinham acrescentado à construção novas lajes, ou se as cúpulas, ainda inacabadas, estavam já para ser concluídas ou não. Seus olhos mortícios eram ainda mais belos quando não repousavam sobre nenhum objeto, quando apenas se deliciavam nas contemplações infinitas.

Um dia, como diminuísse o passo, e depois parasse, meditando, foi perturbado pela sensação imprevista de que uma pessoa se detivera a pouca distância dêle, e o contemplava. Baixou os olhos, e percebeu uma jovem paduana chamada Rosália, que o olhava com admiração. Porém, desde que João pousou seus olhos sobre ela, e desde que ela pôde ver esses olhos, mais belos ainda do que toda a beleza de seu corpo, ela deixou de admirá-lo, e principiou a amá-lo. E êle se tornou, a partir daquele instante, mais necessário à vida de Rosália do que o próprio ar que ela respirava.

Alguns dias mais tarde, veio João a saber que Rosália tombara enferma, prostrada por uma languidez mortal. E que os médicos já a haviam desenganado. E que os padres já tinham sido chamados, e levaram o viático, que lhe seria ministrado após a confissão. Ela, contudo, recusara o consólio da Religião, e só fazia repetir seu nome, João, como única resposta à oração dos agonizantes.

E' claro que o moço ficou mais surpreso que tocado, ao saber-se inspirador de tal paixão. Mas um escrúpulo de consciência lhe surgiu em seguida. Era por sua causa que uma jovem ia morrer — e isso ainda não era nada: por sua causa, uma alma estava prestes a perder-se. Tal pensamento o perturbou de tal maneira, que êle não soube encontrar uma solução por suas próprias forças, e correu a consultar seu mestre Renato de Brescia.

O velho sábio teve o tato de não proclamar a vitória de sua predição, tão cedo cumprida. Recebeu João de Vespignano de modo mais afável que de costume. E, contrariamente a seu hábito, que era envolver tudo na mais negra dúvida, afirmou que o dever, em tal conjectura não podia ser outro: João devia, de qualquer





# PIGNANO

modo salvar essa vida, essa alma. Por ela, devia renunciar ao projeto que tanto havia acalentado, de morrer para o mundo, e essa renúncia, podia ter certeza, ainda seria mais agradável aos olhos de Deus.

João viu, rapidamente, que o mestre tinha razão. Ficou aflito, mas não hesitou nem um segundo. Era preciso agir rapidamente. Já o sacrifício lhe parecia sublime, tão grande era a sua caridade. E encaminhou-se para a casa de Rosália, que estava quase morrendo, quando chegou.

O efeito de sua intervenção foi milagroso. A moribunda ergueu-se do leito, e sorriu como uma criança que acaba de despertar. Não foi preciso dizer a Rosália porque razão havia vindo. O padre, que fôra chamado para a extrema unção, ali mesmo abençoou o noivado. Na presença da família e dos servidores reunidos. João e Rosália se deram o ósculo da paz, sobre os lábios. E todos os presentes fremiram de alegria, porque era um jovem puro e virgem que, pela primeira vez, beijava os lábios de uma jovem tão pura e virgem quanto ele.

O casamento foi celebrado, dias depois, com grande pompa, na Catedral ainda inacabada de Santo Antônio. E após a cerimônia, os esposos, vestidos de branco, partiram para uma pequena casa de campo que os pais de Rosália possuíam, a pouca distância da cidade.

Nos primeiros dias, Rosália parecia renascer. Havia readquirido suas cores naturais e sua animação. Olhava João, e lágrimas lhe afloravam aos olhos, e depois ela ria. Levava-o a passear, conduzindo-o pela mão. Colhia flores às margens dos riachos, e oferecia ao marido, dizendo: «Olha, se queres conhecer a cor de teus olhos, vê essas pequeninas flores: são iguais a teus olhos, e é por isso que as amo».

E estendia-lhe um pequenino buquê de violetas.

— «Sim», dizia o marido, distraído, enquanto meditava sobre o mistério da Santíssima Trindade.

A felicidade dos esposos era tão grande, que de início se bastou a si mesmo, e Rosália não se apercebeu da frieza e da distração constante de João. Mas ela dependia demasiadamente daquele com quem se casara, por amor, para não descobrir, bem cedo, sua melancolia. Pouco a pouco, deixou de falar, de rir. Perdeu sua saúde, e suas cores saudáveis, quase tão rapidamente quanto havia recuperado. Não mais colheu violetas para ofertar ao esposo, com medo de desgostá-lo.

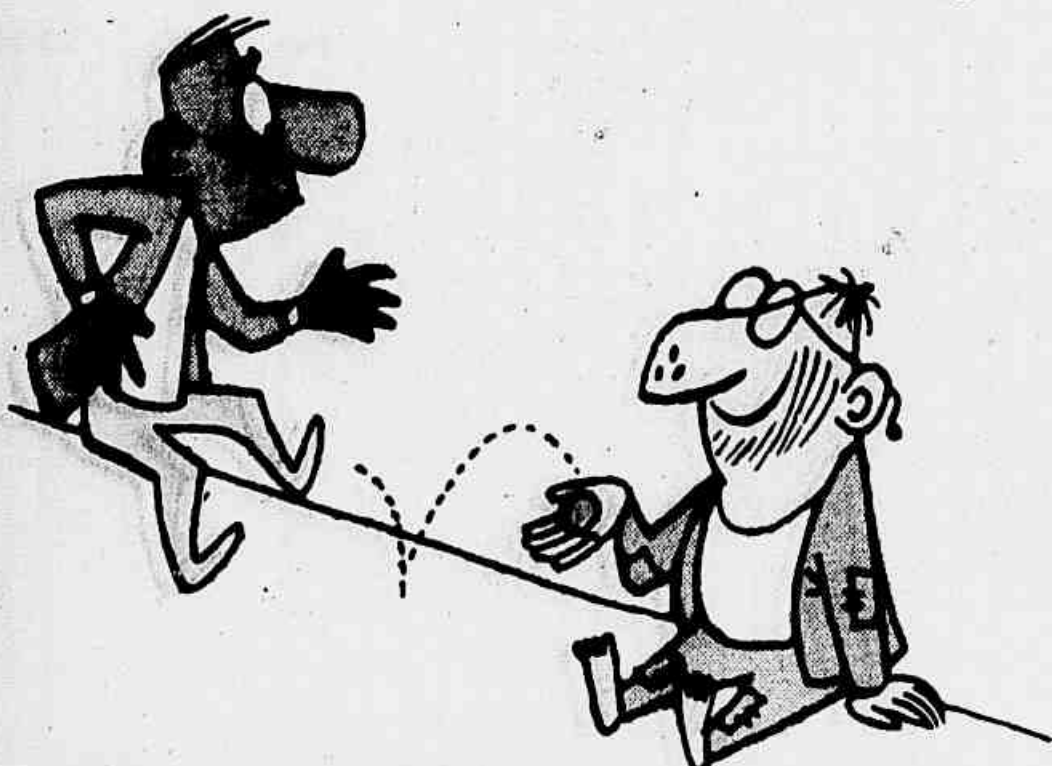
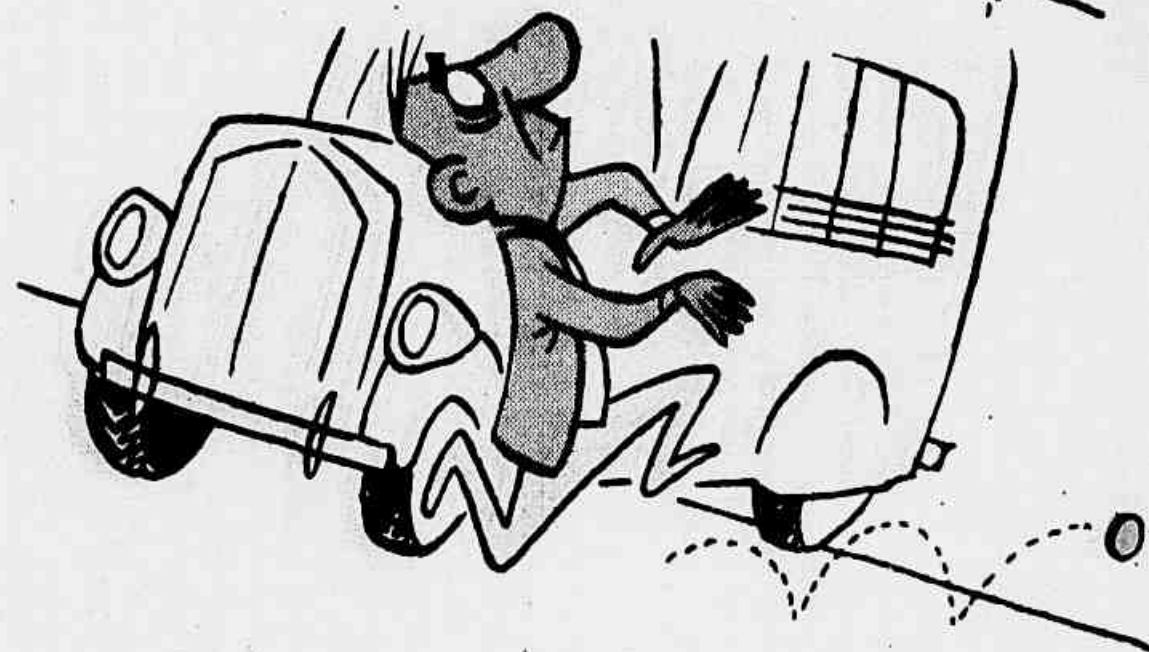
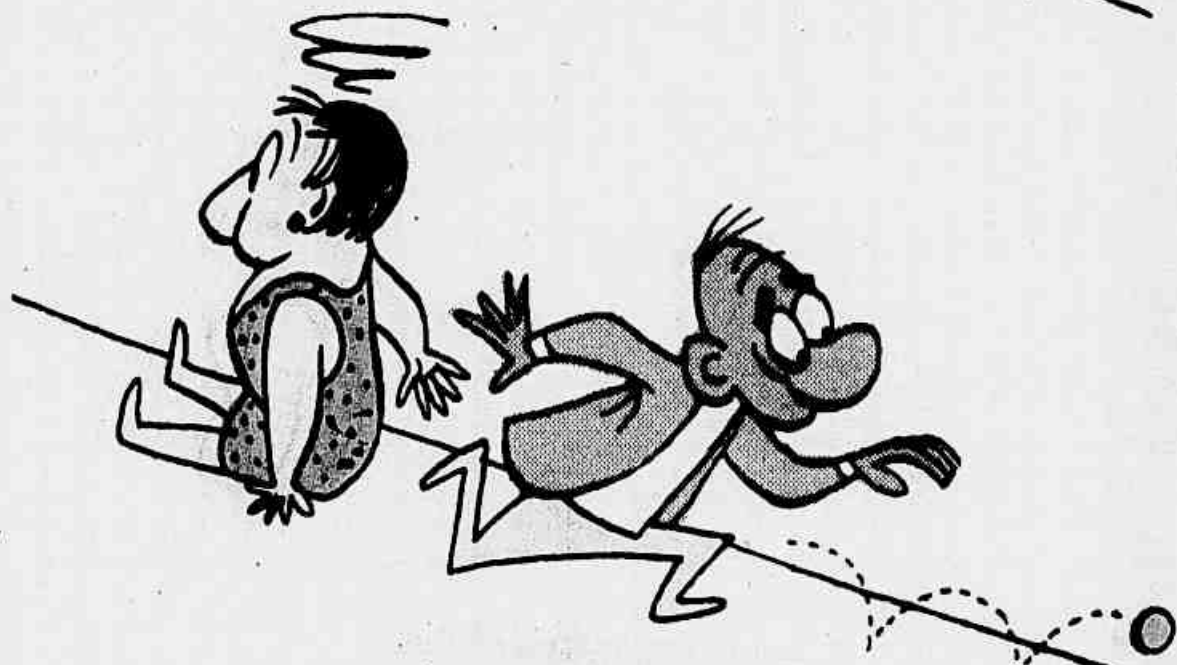
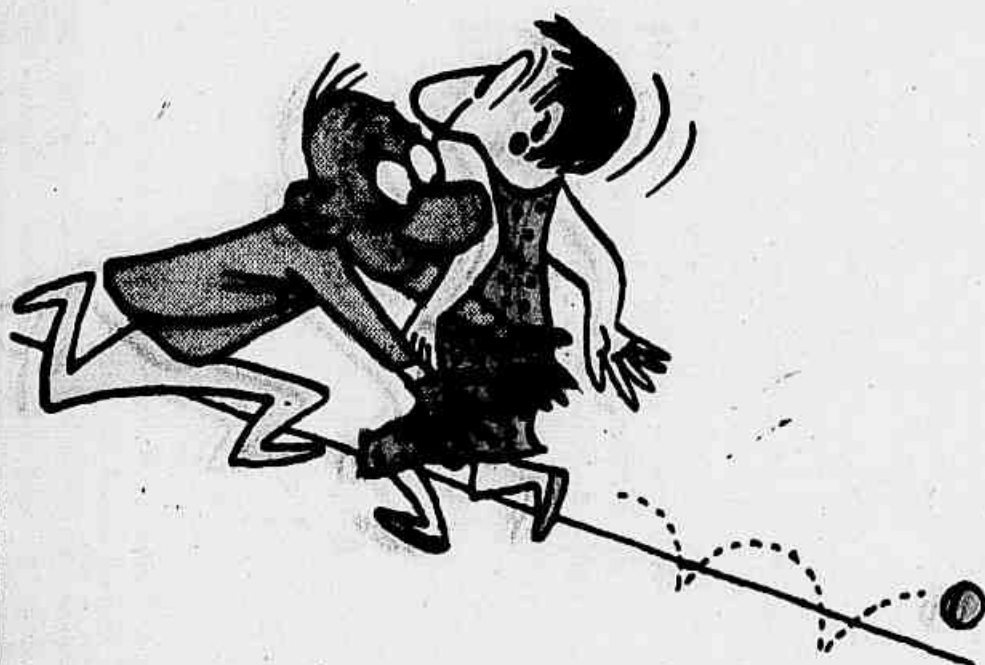
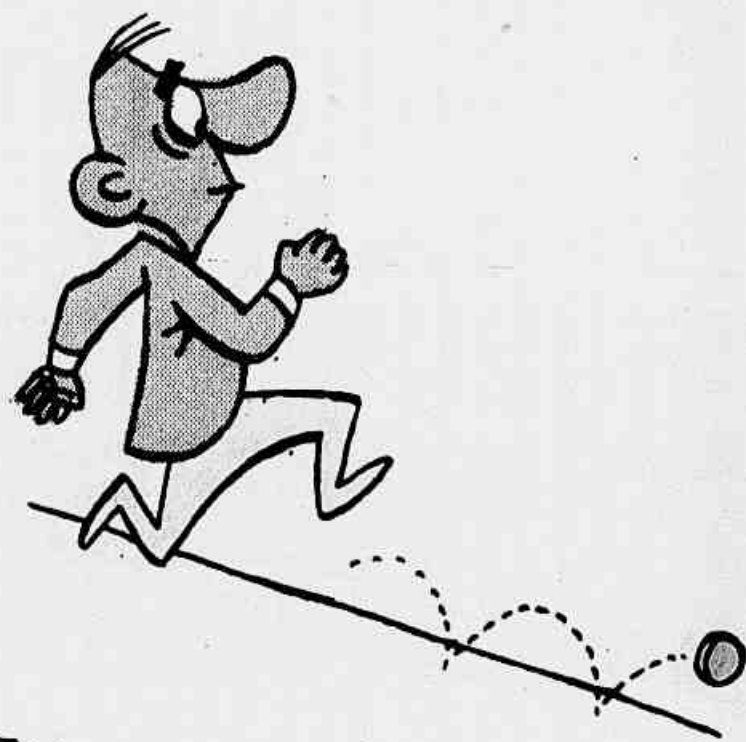
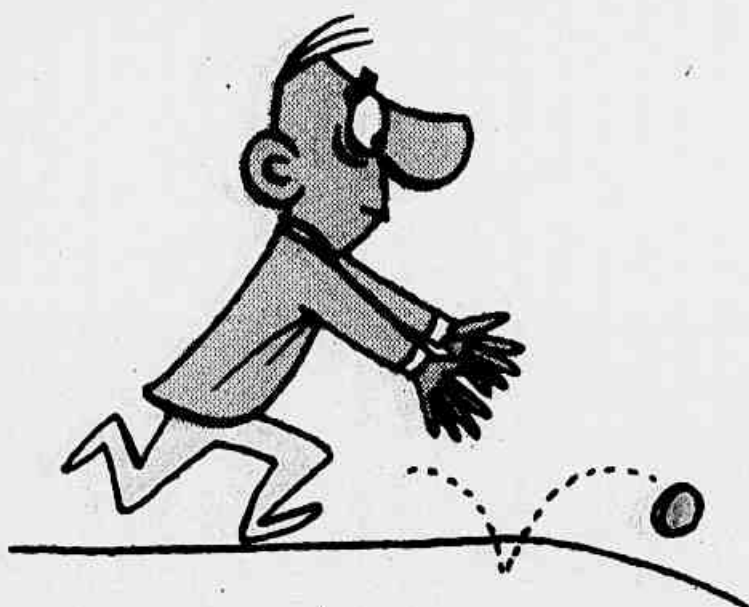
(Cont. na pág. 43)





FORTUNA (cheio de níqueis) APRESENTA

# NÓS, OS Mendigos



DEUS LHE  
PAGUE!





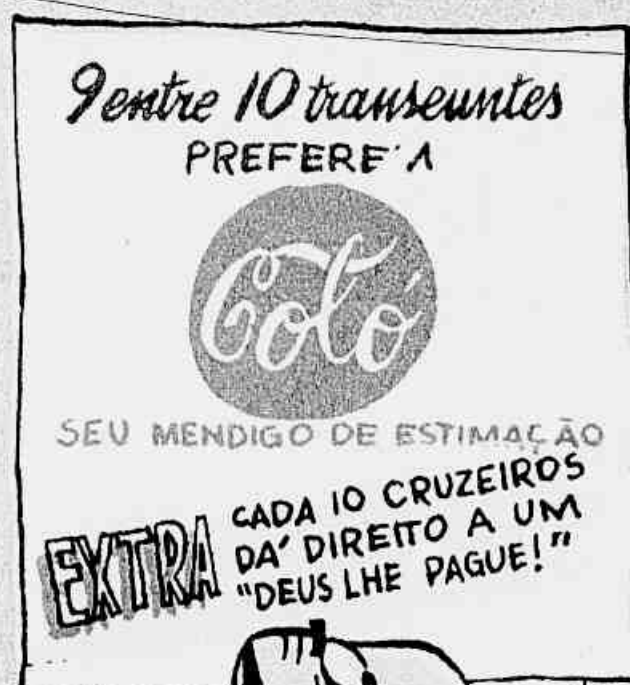
SEM PALAVRAS



— O ponto é de minha mulher, mas como ela não pôde vir...



— Um chapéuzinho pelo amor de Deus...

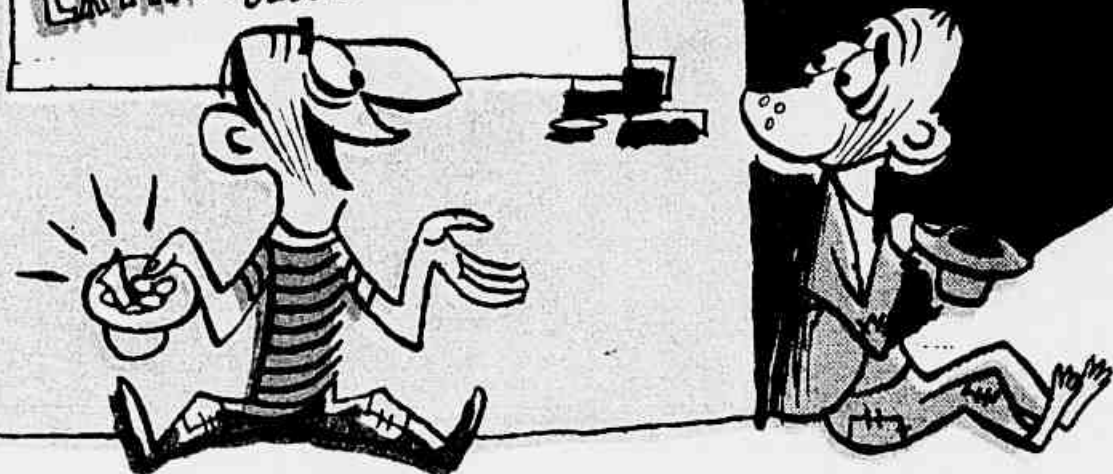


Entre 10 transeuntes  
PREFERE A



SEU MENDIGO DE ESTIMAÇÃO

**EXTRA** CADA 10 CRUZEIROS  
DA DIREITO A UM  
"DEUS LHE PAGUE!"



— Por que você não faz como eu? Contrate também os serviços de uma empresa de publicidade.



Expediente encerrado





*Eu também mudei...  
Hollywood é realmente melhor!*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

**hollywood**  
*uma tradição de bom gosto*

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

